FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

THIAGO NORBIM KLEY

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES:
ESTUDO DE CASO DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E RELIGIOSA EM UMA IGREJA PENTECOSTAL NO MUNICÍPIO DE SERRA - ES

VITÓRIA - ES

2023

THIAGO NORBIM KLEY

VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES: ESTUDO DE CASO DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E RELIGIOSA EM UMA IGREJA PENTECOSTAL NO MUNICÍPIO DE SERRA - ES

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Orientadora: Claudete Beise Ulrich

VITÓRIA - ES

2023

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Kley, Thiago Norbim
Violências contra as mulheres / Estudo de caso de violência simbólica e religiosa em uma igreja Pentecostal no Município De Serra – ES / Thiago Norbim Kley. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2023.
viii, 119 f. ; 31 cm.
Orientador: Claudete Beise Ulrich
Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2023.
Referências bibliográficas: f. 111-119
1. Ciência da religião. 2. Religião e espaço público. 3. Feminismo. 4. Violências contra as mulheres. 5. violência religiosa simbólica. 6. Pastorado feminino. 7. Mulher negra. 8. Ciências das Religiões Aplicadas - Tese. I. Thiago Norbim Kley. II. Faculdade Unida de Vitória, 2023. III. Título.

THIAGO NORBIM KLEY

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES:
ESTUDO DE CASO DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E RELIGIOSA EM UMA IGREJA PENTECOSTAL NO MUNICÍPIO SERRA - ES

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Data: 22 jun. 2023.

Claudete Beise Ulrich, Doutora em Teologia, UNIDA (presidente).

Valdir Stephanini, Doutor em Teologia, UNIDA.

Nivia Ivete Núnez de la Paz, Doutora em Teologia, FUNIBER.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, devo esta pesquisa a Deus por ter me capacitado e me fortalecido, mesmo quando eu achei que não seria possível chegar até o fim do curso.

Agradeço à Polícia Penal do Estado do Espírito Santo, instituição da qual faço parte há mais de 9 anos e que, financeiramente, viabiliza meus estudos.

Agradeço também à minha orientadora, Profa. Dra. Claudete Beise Ulrich, por toda sua paciência e dedicação em me ajudar a chegar até aqui. Mesmo quando minha pesquisa estava bem aquém do esperado, no início do curso, ela soube usar palavras que me alertaram, mas, ao mesmo tempo, não me desanimaram de continuar.

Não posso deixar de citar Marisete Bispo, bibliotecária da Faculdade Unida de Vitória, que sempre esteve disposta a me ajudar nas minhas buscas no acervo da biblioteca.

Também agradeço imensamente a todos os membros de uma igreja pentecostal em Serra, que, de forma prestativa e solícita, dispuseram-se a responder pacientemente todas as perguntas dos questionários virtuais, enriquecendo extraordinariamente esta pesquisa.

Gratidão aos meus pastores, que souberam à luz da Palavra me direcionar a chegar até aqui.

Gratidão também a todo o corpo administrativo e docente da Faculdade Unida de Vitória, que, sem exceção, é composto por pessoas e profissionais sem igual, sempre nos incentivando e apoiando no labor acadêmico.

Por último, mas não menos importante, não posso deixar de agradecer, em especial, também a minha mãe e a minha irmã, sempre dedicadas em ver meu crescimento, além de todos os meus amigos e demais familiares, os quais, cada um à sua maneira, apoiaram-me nessa jornada.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

RESUMO

Este estudo aborda a questão da violência, principalmente a violência simbólica e religiosa contra as mulheres, com atenção à uma mulher pastora negra, numa igreja pentecostal no município de Serra-ES. O objetivo geral consiste em investigar como a atuação numa igreja pentecostal no município de Serra-ES influencia o fenômeno da violência contra as mulheres, através da violência simbólica e religiosa, incidindo no ministério de uma pastora negra. A pergunta-problema motivadora da pesquisa é a seguinte: como a atuação numa Igreja Pentecostal no município da Serra/ES fortalece a violência contra as mulheres, utilizando-se de violência simbólica e religiosa, incidindo, inclusive, no não reconhecimento igualitário da atuação da pastora? A revisão bibliográfica e o estudo de caso foram utilizados como metodologias de pesquisa. A fundamentação teórica está apoiada no desenvolvimento histórico dos movimentos e das reflexões feministas, na teologia feminista, e na conceituação de violência, especialmente a violência simbólica e religiosa. O estudo de caso busca refletir sobre o pastorado feminino numa igreja pentecostal no município de Serra-ES. Constata-se que o pastorado feminino na referida igreja sofre com a violência simbólica e religiosa, por meio de discursos fundamentalistas que promovem a superioridade do homem pastor sobre a mulher pastora, a partir do machismo estrutural e do patriarcado religioso. Os resultados da pesquisa apontam para o machismo estrutural e a violência simbólica e religiosa contra as mulheres no contexto da igreja pesquisada.

Palavras-chave: Feminismo. Violências Contra as Mulheres. Violência Religiosa Simbólica. Pastorado Feminino. Mulher Negra. Ciências das Religiões Aplicadas.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

ABSTRACT

This study addresses the issue of violence, especially symbolic and religious violence against women, with attention to a black woman pastor, in a Pentecostal church in the municipality of Serra-ES. The general objective is to investigate how the performance in a Pentecostal church in the municipality of Serra-ES influences the phenomenon of violence against women, through symbolic and religious violence, focusing on the ministry of a black pastor. The question-problem that motivated the research is the following: how does the performance of a Pentecostal Church in the municipality of Serra/ES strengthen violence against women, using symbolic and religious violence, including the egalitarian non-recognition of the performance of the shepherdess? The bibliographic review and the case study were used as research methodologies. The theoretical foundation is based on the historical development of feminist movements and reflections, on feminist theology, and on the conceptualization of violence, especially symbolic and religious violence. The case study seeks to reflect on the female pastorate in a Pentecostal church in the municipality of Serra-ES. It appears that the female pastorate in that church suffers from symbolic and religious violence, through fundamentalist discourses that promote the superiority of the male pastor over the female pastor, based on structural machismo and religious patriarchy. The research results point to structural machismo and symbolic and religious violence against women in the context of the researched church.

Keywords: Feminism. Violence Against Women. Symbolic Religious Violence. Female Pastorate. Black Woman. Applied Religious Studies.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS 8

INTRODUÇÃO 9

1 REFLEXÕES SOBRE O (S) FEMINISMO (S): UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA 15

1.1 Breve histórico do (s) feminismo (s) e suas “ondas” 15

1.2 O “torna-se mulher” de Simone de Beauvoir 25

1.3 Teologia Feminista sob a ótica de Ivone Gebara 35

2 VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES 46

2.1 Definição da violência em seus múltiplos aspectos 46

2.2 Violência religiosa simbólica a partir de Pierre Bourdieu 53

2.3 A violência e o racismo contra a mulher negra no Brasil 62

3 PERCEPÇÃO DOS MEMBROS DA IGREJA PENTECOSTAL NA SERRA-ES ACERCA DA LIDERANÇA FEMININA 73

3.1 Relações de gênero entre os membros de uma igreja pentecostal na Serra-ES 73

3.2 A percepção dos membros da igreja acerca da pastora Joana D’Arc 85

3.3 A percepção dos membros da igreja acerca do ministério pastoral feminino 90

CONCLUSÃO 101

REFERÊNCIAS 111

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELA MEMBRESIA DA IGREJA PENTECOSTAL NA SERRA-ES 120

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELA PASTORA JOANA D’ARC DA IGREJA PENTECOSTAL DE SERRA-ES 126

ANEXO: CARTA OFÍCIO PARA PESQUISA DE CAMPO 131

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1. A qual sexo você pertence (homem, mulher ou outro)? 74
Gráfico 2. Autodeclaração das mulheres quanto a cor 74
Gráfico 3. Autodeclaração dos homens quanto a cor 75
Gráfico 4. Nível de escolaridade dos membros da igreja pesquisada 77
Gráfico 5. Importância do feminismo para as mulheres 80
Gráfico 6. Você conhece a Teologia Feminista? Se sim, você acha que as igrejas, de um modo geral, devem dar mais espaço para essa teologia? 82
Gráfico 7. Você acha que na sua igreja a pastora é tão respeitada como autoridade pastoral pelos membros quanto o pastor? 85
Gráfico 8. Se o pastor México falecesse ou deixasse de ser pastor, e só ficasse a pastora à frente da igreja, você continuaria na atual igreja? 87
Gráfico 9. Qual o principal motivo que o (a) levou a uma igreja pentecostal da Serra? 91
Gráfico 10. Você era membro de alguma igreja antes de entrar na igreja pentecostal de Serra? 92
Gráfico 11. Na (s) outra (s) igreja (s) que você era membro antes havia pastora (s) ou somente pastor (es)? 93
Gráfico 12. O que acha biblicamente acercado pastorado feminino? 96
Gráfico 13. Você considera que qualquer mulher pode querer ser pastora ou deve haver um chamado divino? 97
Gráfico 14. Se você é favorável ao pastorado feminino, você pensa que biblicamente uma pastora tem a mesma autoridade que um pastor? 97
Gráfico 15. Como você vê o fato de algumas igrejas não aceitarem pastoras? 98
Gráfico 16. Você seria membro de uma igreja que só tem pastora e não tem pastor? 99
Gráfico 17. Você acha que o meio evangélico é machista quanto à Gráfico do pastorado feminino? 100

TABELAS

Tabela 1. Profissão das mulheres participantes da pesquisa 76
Tabela 2. Profissão dos homens participantes da pesquisa 77
Tabela 3. Tempo de casamento das mulheres e dos homens da igreja pesquisada 78
Tabela 4. Tempo que a membresia pertence à igreja pesquisada 79

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

INTRODUÇÃO

Em suas diversas manifestações, a violência sempre permeou as relações sociais. Para não cair na falácia do argumento da antiguidade – *argumentum ad antiquitatem* –, pela qual "algo sempre foi assim, então, não tem jeito", salienta-se o fato de que a violência não é algo atual, mas que remonta aos primórdios da existência humana. Isto não significa que a ela seja natural, biológica ou geneticamente transferida, e sim que precisa ser estudada e analisada de forma criteriosa.[1]

Apesar de o tema violência ser algo aparentemente simples e carregado pelos sentidos do senso comum, nota-se, nesta pesquisa e nos estudos acerca dela, que se trata de um fenômeno bastante complexo e cheio de peculiaridades. O assunto da violência necessita ser tratado com o devido respeito e profundidade a que faz jus, o que é essencial quando se faz um estudo sério sobre qualquer assunto. Esse estudo se faz ainda mais necessário quando se aborda uma das formas de violência mais ridicularizadas e, inclusive, naturalizadas pelas pessoas que não demonstram empatia em relação ao sofrimento alheio, a saber: a violência contra as mulheres.

O tema da violência contra as mulheres, tão debatido no cotidiano, conduz as pessoas imediatamente a uma associação à violência física, devido o estarrecedor número de agressões contra as mulheres informadas pelos meios de comunicação diariamente, especialmente em relação às agressões que ocorrem no âmbito doméstico, no interior das casas. No Brasil, a cada hora, mais de 500 mulheres aproximadamente sofrem algum tipo de violência.[2]

Além desse dado assustador, estima-se que aconteça um estupro a cada 11 minutos, cinco espancamentos a cada 2 minutos e que uma mulher seja assassinada a cada 2 horas. Isso leva o Brasil a ocupar o 5º lugar no *ranking* mundial de feminicídio. Dentre os casos de feminicídio, 50,3% são cometidos por familiares, 33,2% são perpetrados por um parceiro ou ex-parceiro da vítima e 51,2% desses assassinatos são cometidos com requintes de crueldades.[3]

Por mais que, em geral, não se considere a gravidade do fenômeno da violência contra as mulheres da forma que deveria, faz-se necessário refletir sobre isso e propor políticas públicas e privadas para a defesa delas. A expressão políticas privadas aponta para os ambientes em que o Estado não atua diretamente, mas que também precisa estar presente de alguma forma,

[1] CUNHA, Suelen R. *Protestantismo e violências contra as mulheres:* um estudo de caso acerca da violência simbólica e religiosa contra a ordenação de mulheres na Convenção Batista Brasileira. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2022. p. 11.
[2] CRUZ, Fernanda. *Mais de 500 mulheres são agredidas por hora no Brasil, revela pesquisa*. *In*: TODA MATÉRIA [*Site* institucional]. 26 fev. 2019. [*online*]. [n.p.].
[3] INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. *Por que as taxas brasileiras são alarmantes?* [s.d.]. [*online*]. [n.p.].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

por exemplo: nas empresas, nas igrejas, nas entidades, entre outros. Tal necessidade advém do fato de que a violência contra a mulher está impregnada em todos os setores da sociedade, como nas igrejas, através de pensamentos e falas machistas e patriarcais que inserem a mulher em papéis secundários e tidos como femininos, tais como, o cuidado do ambiente doméstico e submisso.[4] Há ainda o fenômeno da violência simbólica e religiosa, pouco comentados e conhecidos nos ambientes externos à academia e, em alguns casos, até mesmo na própria academia.

Desse modo, a pesquisa procura responder a seguinte pergunta-problema motivadora: como a atuação de uma Igreja Pentecostal no município da Serra/ES fortalece a violência contra as mulheres, utilizando-se de violência simbólica e religiosa, incidindo, inclusive, no não reconhecimento igualitário da atuação da pastora cujo nome fictício é Joana D'Arc? Diante disso, o objetivo geral consiste em investigar como a atuação na Igreja Pentecostal no município de Serra-ES influencia o fenômeno da violência contra as mulheres, através da violência simbólica e religiosa, incidindo no ministério de uma pastora negra.

Os objetivos específicos da pesquisa são os seguintes: apresentar uma abordagem histórica dos movimentos feministas e suas respectivas "ondas", a desigualdade de gênero, a utilização do conceito de gênero como categoria de análise e como a teologia feminista, sob a ótica de Ivone Gebara, influenciou e segue influenciando na luta de superação em relação às violências contra as mulheres em termos gerais; conceituar a violência em seus múltiplos âmbitos, compreender a violência religiosa simbólica, a partir de Pierre Bourdieu, e como ela exerce influência nas relações de poder no seio da igreja pesquisada, apresentando como a violência e o racismo contra a mulher negra no Brasil são subestimados e estão presente nas igrejas, mas, no caso da pesquisa, em uma igreja pentecostal de Serra-ES; analisar as respostas dos questionários respondidos pela membresia e pela própria pastora da igreja em análise.

A pesquisa é relevante para a sociedade e para as Ciências das Religiões na medida em que pode contribuir para a reflexão crítica sobre este tema e provocar o debate sobre a abordagem machista e patriarcal na leitura e utilização da Bíblia, por parte do pentecostalismo fundamentalista, que se mostra uma base da prática da violência simbólica e religiosa nas igrejas que adotam essa teologia, assim como da dominação masculina na condução das atividades e hierarquias da igreja em questão, o que se mostra um estimulador de violências contra as mulheres. As Ciências das Religiões, no que lhes concerne, promovem um

[4] VILHENA, Valéria C. *Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891- 1940)*. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016. p. 126.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGFCR Faculdade Unida de Vitória

intercâmbio permanente com outras disciplinas.[5] Por isso, quando se fala em teologia feminista não se pretende restringir a pesquisa ao campo da Teologia, mas empreender uma abordagem da religião a partir das Ciências das Religiões. A Teologia Feminista questiona o papel das mulheres nas diferentes tradições religiosas.

Com base no conteúdo desta pesquisa, acredita-se que suas contribuições enriquecem o acervo científico, já que propiciam a seus potenciais pesquisadores/as – sobretudo as mulheres – o conhecimento acerca das violências existentes contra esse gênero na sociedade, especialmente aquelas violências menos debatidas e bastante desconhecidas pelo público em geral, como a violência simbólica, religiosa e o fenômeno da dominação masculina. Tudo isso pode proporcionar que as mulheres tenham mais ferramentas teóricas para não se deixarem ser violentadas e procurar ajuda independentemente do tipo de violência que sofram, física e/ou simbólica, rompendo, assim, o silêncio e tornando públicas suas angústias.[6]

A análise do tema em questão teve sua justificativa social, porque fomenta a discussão acerca da violência simbólica e religiosa contra as mulheres. O Brasil é um país em que 22,16% de sua população é cristã evangélica,[7] e 90,79%, cristã.[8] Esses dados mostram que a existência de tal violência não é algo isolado e pouco impactante na sociedade. Deve-se considerar a possibilidade de que as diversas formas de violência podem ser influenciadas de alguma forma pela religião, principalmente a cristã. É possível e provável que isso esteja afetando o seio social em geral, o que fica ainda mais evidente quando se analisa os alarmantes números indicados pelas estatísticas, urgindo a necessidade de tomada de ações por parte do Estado e de todos os setores da sociedade para enfrentar todo tipo de violência contra as mulheres. As pesquisas sobre essa temática, portanto, são imprescindíveis e de grande relevância científica e social.

Além da relevância científica e social mencionada, o tema em questão também tem uma motivação pessoal.[9] Sou bacharel em Direito e em Teologia – único membro na igreja pesquisada com essas titulações. No decorrer de quase cinco anos, em que participo, analiso e observa a referida igreja, presenciei e presencio, atitudes que demonstram desrespeito contra a pastora por parte de alguns/algumas membros/as. Os ataques relatados por ela ocorrem em virtude de sua cor de pele e de sua condição feminina – uma mulher negra –, o que a leva a adotar uma postura bastante fechada, reativa e dura na igreja. Por isso, refletir sobre as

[5] USARSKI, Frank. *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 10.
[6] GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião?* São Paulo: Paulinas, 2005. p. 155.
[7] IBGE [*Site* institucional]. [s.d.]. [*online*]. [n.p.].
[8] IBGE, [s.d.], [n.p.].
[9] Estou me referindo a minha motivação pessoal. Escreverei na primeira pessoa do singular.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

violências contra as mulheres no interior dessa igreja, cujos líderes têm bastante apreço pela minha pessoa, fato este que contribui de forma positiva para a realização da presente pesquisa.

O trabalho de Conclusão de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões se realiza dentro da Linha de Pesquisa Religião e Espaço Público e na Área de Concentração Religião e Sociedade, busca-se averiguar como a teologia numa Igreja Pentecostal contribui e influencia as violências contra as mulheres, para além do aspecto físico. Reflete sobre a importância dos movimentos feministas e da teologia feminista na luta contra as violências contra as mulheres em termos gerais, bem como a violência simbólica e religiosa contra as mulheres, o que ajuda também na conscientização sobre a importância de erradicar essas violências. Aponta-se para a importância do despertamento das mulheres, de romper com o silêncio, em relação às violências. É necessário enfrentar essa triste realidade que afeta, quase, todas as mulheres, independemente de classe social, raça/etnia, geração, gênero.

Em relação à metodologia adotada na pesquisa, empreende-se uma revisão bibliográfica a fim de sustentar a argumentação teórica e as reflexões delas obtidas, proporcionando ao leitor e à leitora relevantes referências sobre o tema em discussão, de modo a permitir a identificação de teóricos e teóricas antecedentes que ajudaram na realização da terceira e última parte desta pesquisa: o estudo de caso.[10] Através do estudo de caso, investiga-se a ocorrência da violência simbólica e religiosa no contexto da igreja pentecostal localizada no município de Serra-ES, violência que influencia nas demais violências contra as mulheres.

A pesquisa foi realizada por meio de um estudo de caso, considerando a realidade da pastora da igreja pesquisada, que, embora possua o título de pastora, aparentemente, não usufrui dos mesmos privilégios e autoridade do pastor da igreja, seu esposo, pastor México[11]. Esse pastor atualmente ocupa o cargo de presidência, sendo relegado à pastora Joana D'Arc o título de vice-presidente da igreja. Como instrumento de pesquisa, foram aplicados questionários para uma parte da membresia e para a pastora da igreja, no intuito de possibilitar uma maior abrangência do assunto, por meio da análise de conteúdo das opiniões e das ideias dos/as participantes. Isso possibilitou mais eficiência na coleta dos dados, na sua classificação e qualificação, dando flexibilidade para captar o maior número de informação possível.[12]

[10] PEREIRA, Adriana S.; SHITSUKA, Dorlivete M.; PARREIRA, Fábio J.; SHITSUKA, Ricardo. *Metodologia da pesquisa científica*. Santa Maria: UFSM, 2018. p. 70-72.
[11] No contexto desta pesquisa, atribui-se ao pastor da igreja o nome fictício pastor México. Para a pastora, atribui-se o nome fictício Joana D'Arc.
[12] OLIVEIRA, Maxwell F. *Metodologia científica:* um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão: UFG, 2011. p. 35.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

O estudo de caso foi aprofundado com uma análise do questionário respondido por trinta membros/as da igreja pesquisada, sendo que: quinze eram homens – identificados por nomes de países –; e quinze eram mulheres – identificadas por nomes fictícios de flores, quando necessário; e um questionário foi respondido pela pastora pesquisada, para verificar a possível ocorrência de violências simbólicas e religiosas contra essa líder religiosa. Os dois questionários apresentam, em sua maioria, questões fechadas com possibilidade de questões abertas a serem respondidas em cinco blocos de questões voltados à temática em voga para a pastora, e seis blocos para a membresia da igreja.

Como já dito, a pastora Joana D'Arc possivelmente sofre uma forma de dominação masculina, fruto de uma teologia conservadora e fundamentalista defendida pela própria igreja, presumindo-se, assim, que a tradição cristã pentecostal pode ser uma possível influenciadora da violência contra as mulheres. Ou seja, se, de fato, a teologia basilar dessa igreja – possível influenciadora de violência contra as mulheres – ela atinge a própria defensora dessa teologia, Pastora Joana D´Arc, impactando também, direta ou indiretamente, seu esposo, o pastor México.[13]

Os questionários foram aplicados de forma remota, virtual,[14] para trinta membros da igreja pentecostal na Serra-ES – vide Apêndice A –, de ambos os sexos, com idades variadas, considerando o tempo em que são membros/as da igreja pesquisada, dando, assim, maior confiabilidade acerca das informações e das ideias transmitidas pelos/as participantes da pesquisa. Os participantes da pesquisa foram informados acerca da confidencialidade, no intuito de garantir o máximo de conforto e confiança possíveis para expressarem seus pensamentos sem medo de serem "retaliados" ou "perseguidos" pela liderança da igreja. Além disso, houve um questionário respondido pela pastora pesquisada – vide Apêndice B. Vale informar que esse método se nivela à abordagem qualitativa,[15] na medida em que não se trata de uma amostragem significativa, e sim de uma análise de conteúdo que se concentra nas peculiaridades das falas individuais dos/das membros/as da denominação que foram inquiridos/as.

A fim de facilitar a leitura e compreensão, o trabalho foi dividido em três capítulos, consistindo em uma revisão de literatura na primeira e na segunda parte. Inicia-se com uma demonstração da trajetória histórica dos movimentos feministas e suas respectivas "ondas", considerando como isso beneficiou a sociedade mundial e brasileira, através de conquistas nos

[13] Os nomes utilizados na pesquisa são fictícios.
[14] SCHMIDT, Beatriz; PALAZZI, Ambra; PICCININI, Cesar A. Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista REFACS*, Uberaba, v. 8, n. 4, p. 960-966, 2020. p. 961.
[15] PEREIRA; SHITSUKA; PARREIRA; SHITSUKA, 2018, p. 67-69.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

mais diversos âmbitos. Essa discussão é fundamental para compreender, sob a ótica de Simone de Beauvoir, a desigualdade de gênero e a utilização de gênero como categoria de análise para a compreensão do fenômeno de "tornar-se mulher", em contraposição à ideia ultrapassada de nascer mulher. Isso está em consonância com a luta da teologia feminista, sob a ótica de Ivone Gebara, em especial no enfrentamento das violências contra as mulheres em termos gerais.

Em seguida, o foco se direciona à conceituação da violência em seus múltiplos âmbitos, bem como à compreensão da violência religiosa simbólica, a partir de Pierre Bourdieu, considerando como ela exerce influência nas relações de poder no seio da igreja. Além disso, mostra-se como a violência e o racismo contra a mulher negra no Brasil são subestimados, mas, mesmo assim, manifestam-se nas igrejas e, neste caso, em uma igreja pentecostal situada no município de Serra-ES.

O último capítulo apresenta o estudo de caso, no qual a análise e a discussão objetivaram a investigação através dos questionários aplicados e respondidos pela membresia da igreja, pela pastora Joana D'Arc. O estudo de caso é fundamental, porque apresenta elementos pessoais, coletivos e religiosos sobre o pastorado feminino, sobre o machismo estrutural e acerca do fenômeno da violência simbólica e religiosa contra as mulheres, para além de seu aspecto físico.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

1 REFLEXÕES SOBRE O (S) FEMINISMO (S): UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

Neste primeiro capítulo, reflete-se sobre o (s) feminismo (s) a partir de sua trajetória histórica. As mulheres lutaram e continuam lutando para superar as várias formas de machismo, patriarcado e opressão, considerando a história dos movimentos feministas em suas várias "ondas". Dessa forma, aborda-se a teoria de Simone de Beauvoir acerca da ideia de "torna-se mulher", mostrando o quanto esse pensamento está ligado ao estudo de gênero como categoria de análise. O capítulo encerra com uma abordagem de Ivone Gebara em relação à Teologia Feminista, demonstrando como essa teologia, em alguma medida, influenciou e segue influenciando a luta pela superação das violências simbólicas e religiosas que atingem as mulheres.

1.1 Breve histórico do (s) feminismo (s) e suas "ondas"

Falar da história do (s) feminismo (s) é fundamental para entender melhor o cenário atural, em pleno século XXI, em que se discute se as mulheres podem ou não ser pastoras. Em igrejas conservadoras, como a igreja pentecostal do município de Serra-ES, a luta feminista costuma ser mal compreendida. Esse fato revela certo preconceito por parte de algumas pessoas, dessa forma, compreender a história da busca das mulheres por direitos iguais e reconhecimento ajudará a enxergar com mais clareza como alguns aspectos da contemporaneidade, em especial no que tange à forma como se veem as mulheres na igreja. Segundo Naiara Bittencour, a luta das mulheres por direitos não começou em uma data específica, mas:

> As respostas das mulheres à opressão estrutural do patriarcado e à dominação masculina sempre ecoaram no silêncio da história e foram apagadas e esquecidas pela voz grave dos dominantes. Possíveis registros e representações das lutas das mulheres foram neutralizados, de forma que não é possível afirmar certamente sobrea existência de grupos organizados de mulheres que se opunham à desigualdade, apenas personalidades e ataques de forma individualizada, mascarando seu aspecto de gênero.[16]

A autora leva a entender o porquê há poucos registros – quando há – de movimentos e insurreições feministas ao longo da história. Para ela, os homens, dominantes, detiveram o poder em todas as esferas de compreensão durante quase toda a existência humana. Eles se encarregaram de suprimir a voz das mulheres e, quando possível, apagaram os registros de suas

[16] BITTENCOURT, Naiara A. Movimentos feministas. *Revista Insurgência*, Brasília, v. 1, n. 1. p. 198-210, 2015. p. 199.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

lutas. Sobre isso, ela afirma que "as primeiras organizações feministas são datadas dofinal do século XVIII, com o advento da Revolução Francesa, que se estendem até as primeiras décadas do século XX e caracterizam a primeira onda feminista, conhecida como 'sufragista'"[17]. Dessa maneira, a história humana é estudada de acordo com os documentos históricos e arqueológicos disponíveis, e as mulheres começaram a se organizar de forma mais densa com o advento da Revolução Francesa, cujos ideais justamente pregavam a liberdade, a igualdade e a fraternidade.[18]

No título desta seção, é possível notar uma abertura para o emprego da expressão feminismos – no plural –, já que o feminismo, segundo Gema Esmeraldo, "deve ser pensado no plural, para garantir a incorporação das diferenças nas relações de poder, vivenciadas entre mulheres que guardam interesses diversos e até contraditórios"[19]. Isto é, coloca-se todas as lutas feministas dentro de um mesmo balaio, sem considerar o (s) contexto (s) em que cada luta se desenrolou, as classes sociais envolvidas e os interesses em questão. Naiara Bittencourt defende que:

> Uma das principais feministas expoentes do marxismo brasileiro alerta para a multiplicidade de organizações e posicionamentos teóricos dos movimentos feministas ao longo da história da organização de mulheres. Dessa forma, é falsa a afirmação de que há um histórico do movimento feminista, mas sim uma síntese hegemônica de determinado período que caracteriza o enfoque dos diversos movimentos feministas, em que cada um assume uma posição política demarcada e delineia determinada estratégia.[20]

Por isso, estudar o feminismo não se trata de um labor linear, já que não há um histórico do movimento feminista. Mas, quem se propõe estudá-lo deve ter em mente que há inúmeras organizações e teorias dentro dos movimentos feministas, sendo necessário fazer uma síntese de todos eles dentro de um determinado período. Apesar disso, é possível identificar lutas em comum, demonstrados nas reivindicações e nas pautas políticas nos diferentes períodos históricos.[21] A respeito disso, Joasey Silva, Valter Carmo e Giovana Ramos argumentam:

> A partir do século XIX, iniciaram-se, de forma significativa, as primeiras reivindicações das mulheres tanto nos Estados Unidos como na Europa. Não obstante, houve reivindicações anteriores a esse período realizadas por mulheres e/ou por todas as pessoas que se sentiam oprimidas, injustiçadas; em algum momento elas buscam os seus direitos por meio dessas reivindicações. Porém, foi nessa época que as

[17] BITTENCOURT, 2015, p. 199.
[18] VOVELLE, Michel. A Revolução Francesa e seu eco. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 3, n. 6. p. 25-45, 1989. p. 27.
[19] ESMERALDO, Gema G. S. L. O feminismo no plural: para pensar a diversidade constitutiva das mulheres. *Revista Estudos Feministas*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 81-97, 2006. p. 83.
[20] BITTENCOURT, 2015, p. 203.
[21] SAFFIOTI, Heleieth B. Feminismos e seus frutos no Brasil. *In*: SADER, Emir (org.). *Movimentos sociais na transição democrática.* São Paulo: Cortez, 1986. p. 105.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

> mulheres começaram a despertar, a se movimentar naturalmente conservando no seu interior um ritmo de fluxo e refluxo comparado às ondas.[22]

Tais reivindicações se tornaram mais significativas a partir do século XIX, não negando que anteriormente tenha havido reivindicações por mulheres e por todos/as aqueles/as que se sentiam oprimidos/as. A classificação das ondas faz sentido na medida em que se pode dizer que, a partir do século XIX, as ondas começaram a ficar mais volumosas e agitadas, embora sempre tenha havido ondas menores. Essas ondas "por um momento foram imperceptíveis representando a calmaria, isto é, a submissão das mulheres, quando de repente as ondas vieram fortes e poderosas, como demonstrado nas lutas e conquistas do movimento feminista"[23].

Diante disso, considera-se importante falar acerca das quatro ondas do feminismo. Essa terminologia tem um caráter meramente didático, pois o fenômeno feminista não é um movimento finito sedimentado, mas algo constante e não delimitado. Da mesma forma que as divisões da história – Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna, Idade Contemporânea, entre outras – são convenções historiográficas, as divisões do feminismo são um labor intelectual, e não uma ideia de finitude dos diversos movimentos feministas na história, como se a cada nova onda que se inicia demosntrasse que a onda precedente se dissipasse e, tão logo, atingisse a areia da praia.[24] Acerca da classificação das ondas, Ilze Zirbel considera que:

> Por muito tempo, também, a metáfora da onda foi usada para dar visibilidade a certas pautas ou momentos históricos específicos. Tais momentos representariam o 'ponto alto' ou de maior força de cada onda. No entanto, assim como uma onda marítima é formada por um conjunto de fenômenos, podemos pensar as ondas do feminismo de maneira mais orgânica e não como algo que desponta, repentinamente, na realidade social e, certo tempo depois, desaparece. Podemos pensá-las de maneira mais contínua, geradas pela ação de milhares de mulheres, de diferentes locais, etnias, gerações e visões de mundo.[25]

A autora teme que a metáfora das ondas seja mal interpretada, porque compreende que existe a possibilidade de conotar um sentido efêmero e passageiro. Para ela, as ondas são algo mais orgânico, contínuo e que permanece na realidade social. Apesar de a expressão ondas do feminismo que se sucedem ter sido e ainda ser amplamente criticada, ela é útil para mostrar tensões e alianças entre feministas e no ambito das pesquisas. Mesmo assim, essa nomenclatura

[22] SILVA, Joasey P. A.; CARMO, Valter M.; RAMOS, Giovana B. J. R. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. *Revista de Direitos Humanos em Perspectiva*, São Paulo, v. 7, n. 1. p. 101 – 122, 2021. p. 103-104.
[23] SILVA; CARMO; RAMOS, 2021, p. 104.
[24] SIQUEIRA, Carolina B.; BUSSINGUER, Elda C. A. As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. *Revista Thesis Juris–RTJ*, São Paulo, v. 9, n. 1. p. 145-166, 2020. p. 147-148.
[25] ZIRBEL, Ilze. Ondas do feminismo: Blogs de ciência da Universidade Estadual de Campinas: *Revista Mulheres na Filosofia*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 10-31, 2021. p. 21.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.
PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

ainda é utilizada, porque é extremamente didática. Por isso, reflete-se, na sequência, sobre o desenvolvimento histótico do feminismo a partir dessa classificação.

Um movimento de luta das mulheres importante em prol da igualdade de direitos civis, políticos e educativos foi o direito a estudar, de cursar uma faculdade, por exemplo.[26] O movimento sufragista – direito ao voto – teve grande relevância nesse período.[27] De forma breve e sucinta, Ingrid Chambouleyron explica a primeira onda feminista com as seguintes palavras:

> Na primeira fase do movimento feminista, 'a primeira onda', a demanda feminista por excelência foi o direito à participação política. O sufrágio universal destacou-se como o principal tema do feminismo. Esse período iniciou-se no séc. XVII e se prolongou até o início do século XX nos Estados Unidos e no Reino Unido. Os marcos finais da 'primeira onda' foram o *Representation of the People Act* de 1918, no Reino Unido, que garantiu o direito ao voto às mulheres acima de 30 anos que possuíssem propriedade, e a *Emenda 19 à Constituição Americana*, que assegurou o direito ao voto às mulheres em todos os Estados da federação [grifo do texto].[28]

As feministas, nessa época, entenderam que a participação política era fundamental em um primeiro momento, pelo fato de que a marginalização política sempre se mostrou um mecanismo de segregação de liberdades, como, por exemplo, na Grécia antiga, onde só era cidadão quem, dentre outras coisas, podia votar. As mulheres, os escravos, os estrangeiros, entre outros, eram excluídos da vida política.[29]

A segunda onda emergiu no período das décadas de 1960 e 1970. Nesse contexcto, ocorreu a desvalorização do discurso reverberado na primeira onda. Dessa forma, deixa-se a ideia de "igualdade na universalidade" – sufrágio universal, por exemplo – , adotando-se o discurso da "igualdade na diferença". Essa fase do discurso feminista se baseou no discurso da diferença que não destituiu o sexo da condição naturalizada defendida pelo discurso biológico anterior. O cabedal teórico dessa segunda onda, de certa forma, retoma as ideias de Simone de Beauvoir, que pensava o sexo como natural e o gênero – mesmo sem usar essa palavra – como algo construído.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

---

[26] A periodização em ondas do feminisno deve ser entendida como uma classificação dentre outras possíveis, e não como a única. Há estudos que apontam para relações entre a filosofia e o feminismo no século XVIII, por exemplo, o feminismo liberal que está fundamentado em uma orientação filosófica moderna que ganhou contornos significativos com o iluminismo europeu. Saiba mais em: FERREIRA, Maria L. R. *As mulheres na filosofia*. Lisboa: Colibri, 2009. p. 22.

[27] PEDRO, Joana M.; BARLETTO, Marisa. Movimentos feministas e academia: tensões e alianças. *Revista Feminismos*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2019. p. 4-5.

[28] CHAMBOULEYRON, Ingrid C. *A tensão entre modernidade e pós-modernidade na crítica à exclusão no feminismo*. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. p. 15.

[29] ROSSET, Luciano. A democracia ateniense: filha de sua história, filha de sua época. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 16, n. 64. p. 183-207, 2008. p. 194.

As feministas da segunda onda adotavam o patriarcalismo e a opressão das mulheres como características principais, colocando essas duas coisas na mesma categoria, generalizando, assim, o patriarcalismo como algo que oprimia as mulheres e excluindo as mulheres negras e as latino-americanas.[30] Em relação à segunda onda, Andrew Heywood acrescenta informações importantes:

> A 'segunda onda' do feminismo também teve um componente liberal significativo. O feminismo liberal dominou o movimento feminino nos Estados Unidos; por exemplo, a publicação de *Mística feminina,* de Betty Friedan, marcou o ressurgimento do pensamento feminista na década de 1960. A 'mística feminina' a que a autora se refere é o mito cultural de que as mulheres buscam segurança e realização na vida doméstica e no comportamento 'feminino', um mito que serve para desencorajar as mulheres de entrar no mercado de trabalho e na vida pública emgeral.[31]

Betty Friedan critica o que hoje se chama de feminilidade, que nada mais é que uma forma de segregar novamente a mulher a um papel secundário nas diversas esferas da sociedade, relegando a elas a falsa segurança e a realização nos papeis femininos. Betty Friedan designou de o mal sem nome, que nada mais seria que "o sentimento de desespero e profundo sofrimento que muitas mulheres vivenciavam por estarem confinadas à existência doméstica, impossibilitadas de se realizar em uma profissão ou por meio da vida política"[32]. Danielle Dornelles aponta uma crítica comum em relação à segunda onda, que, para ela, é de certa forma prejudicial. Observe:

> A categorização da segunda onda feminista entre as décadas de sessenta e setenta, se dá principalmente pelo essencialismo universalista e muitas vezes sem levar em consideração questões como raça e classe. Embora essa crítica seja verdadeira, a lógica de adereçá-la temporalmente e estereotipar toda a movimentação deste período como feminismo branco de classe média, acaba por apagar a presença e participação no movimento de mulheres não brancas e que não pertenciam à uma classe média.[33]

Por isso, a pesquisa utiliza o termo lutas e agendas feministas, no plural, para não incorrer em equívocos ou no perigo de restringir o feminismo às mulheres brancas e de classe média, quando, na verdade, sua dimensão extrapola essas fronteiras. Daí advém o perigo de engessar todo o período das décadas de 1960 e 1970 como segunda onda, pois houve contemporâneas de muitas feministas brancas associadas à segunda onda, tais como, Gloria

[30] JESUS, Milena S. A abordagem conferida ao sexo e gênero nas distintas ondas feministas. *Revista Café com Sociologia*, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 193-206, 2014. p. 197.
[31] HEYWOOD, Andrew. *Ideologias políticas*: do feminismo ao multiculturalismo. São Paulo: Ática 2010. p. 32-33.
[32] HEYWOOD, 2010, p. 33.
[33] DORNELLES, Danielle S. Tempos de mulheres: utopias e distopias feministas na literatura e história. *Revista de Literatura, História e Memória*, [s.l.], v. 17, n. 30. p. 223-235, 2022. p. 231-232.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Anzaldúa e Audre Lorde, cuja atuação representou uma resposta à segunda onda, inaugurando, assim, uma nova era de um feminismo inclusivo, de terceira onda.[34] Por esse e por outros motivos, a periodização das ondas é perigosa, pois muitas pautas de um período já estavam previstas em outras épocas,[35] embora essa divisão seja didática até certo ponto.

A terceira onda feminista teve início no final dos anos 1980 e 1990 com a crítica pós-modernista[36] da ciência ocidental. Nesse contexto, o gênero passou a ser a categoria central, concentrando-se na análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade.[37] A luta das mulheres deixou de focar no voto e na opressão do patriarcalismo, debruçando-se sobre as questões de gênero para compreender cientificamente a situação de desigualdade entre homem e mulher e como isso opera na realidade, interferindo nas ordens sociais. Em relação à terceira onda, Beatriz Lins afirma que:

> As feministas da terceira onda focam sua atenção nas maneiras pelas quais o gênero se cruza com outros tipos de desigualdade, incluindo raça, orientação sexual e classe. Há várias maneiras de ser mulher. Não existe apenas *a mulher* (como forma única), mas sim *mulheres*, no plural.[38]

A autora demonstra que na terceira onda o foco das feministas se amplia, demonstrando que há muito mais desigualdades além do gênero, como a desigualdade que ocorre entre pessoas *cis*[39] e *trans*[40], algo muito bem estudado por Judith Butler através da teoria *queer* – que é uma aliança de vida entre as pessoas que contestam normas hegemônicas, no sentido de contestação de normas dominantes –, uma das correntes depensamento e militância que compõem a terceira onda feminista.[41] As feministas de terceira onda entenderam que, quando a análise do gênero se restringe a masculino e feminino, exclui-se outros tipos de desigualdades, tais como: a racial,

[34] DORNELLES, 2022, p. 232.
[35] PEDRO; BARLETTO, 2019, p. 5.
[36] Entendido na pesquisa como um processo de mudanças na cultura, nos meios de comunicação e no capitalismo marcado pela ausência de valores e regras, ou pela imprecisão, individualismo, entre outros fatores. Saiba mais em: JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo*: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997. p. 19.
[37] PEDRO; BARLETTO, 2019, p. 5.
[38] LINS, Beatriz A.; MACHADO, Bernardo F.; ESCOURA, Michele. *Diferentes, não desiguais:* a questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016. p. 33.
[39] Cis equivale a cisgênero, que "seria a pessoa enquadrada como a que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído biologicamente ao nascer, e a transgênero a que não se identifica" Saiba mais em: LIMA, Leize R. S. C.; OLIVEIRA, Jenny; MOREIRA, Isadora C. Mulher transexual no discurso cisgênero: direito à igualdade e acesso à prática de não discriminação. *Revista de Ciências Humanas e Sociais,* São Paulo, v. 6, n. 4, p. 204-223, 2020. p. 205.
[40] "A partir do momento que se vislumbra a diferença entre gênero e orientação sexual, é possível compreender que uma pessoa trans e uma pessoa cis pode ser bissexual, heterossexual ou homossexual, havendo a separação entre o gênero que se reconhece e o gênero ao qual se atrai afetivossexualmente". Confira: LIMA; OLIVEIRA; MOREIRA, 2020, p. 207.
[41] PEDRO; BARLETTO, 2019, p. 5.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

de classe e de orientação sexual. Essa abertura de visão foi importante para abraçar outras pessoas também excluídas, mas que não se viam devidamente representadas.

Para encerrar o ciclo de reflexão sobre as lutas feministas, a partir das metáforas da ondas, fala-se agora sobre a quarta onda, partindo depois para o (s) movimento (s) feminista (s) no Brasil. A quarta onda é um fenômeno do século XXI, que se caracteriza por grandes manifestações de rua e pelo uso intenso de recursos da *internet* e das redes sociais.[42] As feministas desse período entenderam que ficar apenas restritas à universidade e aos livros não proporcionaria o impacto e a abrangência que o movimento necessitava. Era preciso inovar. Daniela Drummond se refere sobre a quarta onda do feminismo da seguinte forma:

> Os temas fundamentais da quarta onda do feminismo são: a cultura do estupro, o feminismo on-line, o humor, interseccionalidade e a inclusão. A autora ressalta a importância em analisar as diferentes culturas onde as mulheres estão inseridas e o contexto que deixou latente as questões do que chamamos de quarta onda. Também são pautas dessa nova onda as questões da imagem do corpo, doenças como anorexia e os questionamentos sobre os corpos das modelos.[43]

A quarta onda do feminismo é muito mais diversificada que as demais. Isso não faz dela melhor que as anteriores, e sim fruto das necessidades atuais. As três primeiras ondas alcançaram bastante avanços, embora aquém do necessário, mas deram suporte para que a quarta onda pudesse se diversificar e abordar temas mais gerais, que necessitavam e necessitam de uma análise mais profunda. Ou seja, assuntos que até então eram vistos como normais, pouco discutidos ou nunca debatidos passaram a ser abordados e problematizados, por exemplo, o padrão estético das modelos – e sua magreza causada muitas vezes pela anorexia –, além de temas como o eurocentrismo em relação ao padrão de beleza. A *internet* colaborou para isso na medida em que permitiu a comunicação entre mulheres do mundo todo, dando voz a mulheres que então não teriam: mulheres de periferia, mulheres sem condições financeiras de comprar livros ou de frequentar universidades e outras mulheres das mais diversas camadas sociais.

Dessa forma, a quarta onda é um movimento que está em curso. No Brasil, ela pode ser observada de forma mais cristalina, desde 2015. A quarta onda brasileira foi e tem sido protagonizada principalmente por mulheres negras, o que não surpreende, pois, segundo o IBGE, as pessoas negras são maioria no país.[44]

---

[42] DRUMMOND, Daniela R. *A quarta onda do movimento feminista no jornalismo brasileiro e português:* um estudo sobre as coberturas jornalísticas da Folha de S. Paulo e do Público (2013-2018*).* Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020. p. 59-60.

[43] DRUMOND, 2020, p. 83.

[44] PRUDENTE, Eunice. Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. *In*: JORNAL DA USP. [*Site* institucional]. 31 jul. 2020. [*online*]. [n.p].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Essas mulheres trouxeram em sua pauta antigas reivindicações e novas demandas. Além de representar uma reação à perda de direitos frente ao avanço do conservadorismo no Brasil, a quarta onda também teve e tem como lastro o trabalho já desenvolvido anteriormente pelas feministas das ondas precedentes. A atuação dessas mulheres defende a dignidade do ser humano, independente do sexo, da sexualidade, da orientação e da identidade de gênero.[45] Em relação ao (s) movimento (s) feminista (s) no Brasil, faltariam páginas nesta pesquisa para tratar de todas suas nuances, assim como quanto ao (s) movimento (s) feminista (s) no mundo inteiro. Nos mais de 500 anos de história do país, pode-se enxergar a atuação de mulheres que romperam com os padrões que se exigiam na época.

Mas, em geral, há certa omissão no campo das pesquisas em relação ao desenvolvimento da condição da mulher na sociedade brasileira através dos tempos, sendo necessária a reconstrução da história do Brasil. O pouco que se fala das mulheres em toda nossa jovem história nacional não foge daquilo que Simone de Beauvoir denunciou como princípio universal, em 1949, argumentando que: "toda a história das mulheres foi escrita pelos homens"[46]. Em virtude disso, tudo o que se fala sobre as mulheres nos registros historiográficos e nas análises desses registros está sob suspeição. Quando se diz "sob suspeição", pretende-se dizer que há uma suspeita, que não é confiável, afinal, como se diz, a história é escrita pelos vencedores.

O movimento feminista é considerado recente no Brasil, em virtude da ausência de registros e informações sobre a mulher e sua condição na história do país. Mas, essa informação não procede completamente, porque as raízes dos movimentos feministas brasileiros se localizam em lutas travadas por mulheres intelectualizadas ou por grupos de mulheres de origem popular: negras quilombolas, trabalhadoras no mercado de trabalho,[47] ou mulheres que participaram individualmente de acontecimentos políticos no país.[48] A partir de um corte metodológico na história do Brasil, focando apenas nas quatro ondas feministas e suas manifestações, fala-se a respeito da história recente, a partir do Brasil Império (século XIX). Como já visto, o feminismo de primeira onda se desenvolveu no final do século XIX e se concentrou na busca de direitos políticos – voto e eleição, por exemplo – e de direitos sociais e econômicos, tais como: trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança, entre outros.

[45] PEDRO; BARLETTO, 2019, p. 8.
[46] BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo:* fatos e mitos, 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 167.
[47] TELES, Maria A. A. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 11-12.
[48] PEDRO, Joana M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista História*, São Paulo, v. 24, n. 1. p. 77-98, 2005. p. 79.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.
PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

A primeira onda chegou ao Brasil no século XIX, época do Império, e fora introduzida por Nísia Augusta, através da publicação das obras *Conselhos à minha filha*, de 1842, *Opúsculo humanitário*, de 1853, e *A mulher*, de 1856, além da tradução da obra pioneira de Mary Wollstonecraft, *A vindication of the rights of women*, de 1832, revelando, assim, a efervescência de uma consciência crítica a respeito da condição feminina na sociedade brasileira.[49]

O feminismo de segunda onda surgiu após a Segunda Grande Guerra, em 1945, dando prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado – poder dos homens na subordinação das mulheres. Nesse período, uma das palavras de ordem era: "o privado é político"[50]. Sobre o pós-guerras e seus impactos no Brasil, Ana Costa e Cecília Sardenberg argumentam:

> A Constituição então aprovada retifica a posição subordinada da mulher em todos os campos: na família, ela era submetida ao "cabeça do casal", seu marido, com direito sobre ela, o domicílio e os filhos. No trabalho, essa subordinação se repetia, pois ela dependia formalmente de uma autorização do marido para trabalhar. O casamento era indissolúvel, o aborto proibido, não se falava em planejamento familiar, proteção contra a violência ou qualquer outro tema que desse à mulher igualdade ao homem.[51]

Percebe-se que o pós-guerra estava repleto de desafios para as mulheres brasileiras. No peródo dos 21 anos da ditadura militar, de 1964 a 1985, as militantes feministas atuaram em sua oposição, lutando não apenas pela diminuição das desigualdades entre homens e mulheres, mas também pela redemocratização do país.[52] As mulheres tiveram um papel preponderante no movimento Diretas Já, um dos principais movimentos em prol da democracia que surgiu nesse período. Nas palavras de Vanderlei Neri:

> Campanha Diretas Já. Começando com um pequeno comício em Goiânia no início de 1983, a campanha cresceu ao longo deste ano, chegando a ter mais de um milhão de pessoas no último comício em janeiro de 1984 na capital paulista. A campanha polarizou a sociedade brasileira, pois propunha eleições diretas para Presidente da República, após um longo período de ditadura civil-militar. O governo tentavagarantir que o próximo presidente fosse eleito via colégio eleitoral, enquanto as oposições buscavam romper com tal processo.[53]

Com a redemocratização, no pós-Ditadura Militar, deu-se início a terceira onda feminista no Brasil. A luta, que antes era mais oposta ao Estado, devido ao fato de ele estar

[49] COSTA, Ana A. A.; SARDENBERG, Cecília M. B. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. *In*: COSTA, Ana A. A.; SARDENBERG, Cecília M. B. (orgs.). *O feminismo do Brasil:* reflexões teóricas e perspectivas. Salvador: UFBA, 2008. p. 32.
[50] PEDRO, 2005, p. 79.
[51] COSTA; SARDENBERG, 2008, p. 377-378.
[52] LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 33.
[53] NERY, Vanderlei E. Diretas Já: a busca pela democracia e seus limites. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 24, p. 70-77, 2010. p. 70.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

aparelhado por militares, agora ganha novos contornos e ares de institucionalização e aproximação com o Estado. Esse período foi marcado pela criação de conselhos de mulheres, ministérios e organizações não governamentais.

Dessa forma, a atuação das feministas brasileiras se tornou mais difusa, ou seja, houve uma penetração maior na sociedade, já que, agora, as mulheres não eram seres estranhos ao Estado, e sim seres que o compõem ou no mínimo estão próximos dele. Porém, isso não era algo unanimemente bem-visto no movimento feminista, especialmente entre as mais radicais, que eram contra uma estreita aproximação com o Estado.[54]

Por fim, sem querer esgotar essa abordagem sobre o movimento feminista no Brasil, fala-se sobre a última onda feminista, que ainda está em curso no país. A quarta onda do feminismo é marcada essencialmente pelo *ciberativismo* – ativismo na *internet* e nas redes sociais – e pelo protagonismo latino-americano. Ou seja, a atuação de mulheres latinas que vão às ruas e às praças virtuais de debate para manifestar sua indignação em relação à posturas e medidas machistas, tanto perpetradas por homens comuns quanto pelo Estado.[55] Ana Cláudia Felgueiras compreende que:

> Caracterizada principalmente pelo uso da internet e das redes sociais como forma de mobilização, debates e divulgação do feminismo, alguns autores têm chamado de *Ciberfeminismo* pelo uso de ferramentas tecnológicas como canais de vídeos, blogs, sites e redes sociais com jovens militantes que foram criadas já na era digital e que compreendem o alcance desta ferramenta de comunicação e sabem muito bem como utilizá-la.[56]

Como já dito, a *internet* colaborou e tem colaborado com a difusão das ideias feministas, seja de forma acadêmica – artigos piblicados *online*, dissertações e teses, que estão hospedadas gratuitamente nos *sites* das universidades –, seja deforma leiga, através de *memes*, postagens em redes sociais, entre outras formas.

Dessa forma, o termo *ciberfeminismo* não poderia cair melhor, já que apresenta em si mesmo a definição básica dessa quarta onda. O movimento brasileiro hoje é múltiplo: cada grupo de mulheres tem sua própria visão de feminismo e sua própria estratégia para alcançar a liberdade. Essa multiplicidade não se dá apenas em relação ao objeto, mas em relação às próprias mulheres: “são elas negras, indígenas, brancas, universitárias, lésbicas, de diferentes

[54] PINTO, Celi R. J. *Uma História do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 69.
[55] PALMEIRO, Cecília. Quarta onda do feminismo é tipicamente latino-americana, diz fundadora do Ni Una Menos. [Entrevista concedida a] Mariana Gonzalez. *Revista CULT*, São Paulo, [n.p.], 14 nov. 2017. [*online*].
[56] FELGUEIRAS, Ana C. M. L. Breve panorama histórico do movimento feminiasta brasileiro: das sufragistas ao ciberfeminismo. *Revista Simonsen*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, p. 113-127, 2017. p. 117.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

classes sociais, trabalhadoras urbanas e rurais, domésticas, acadêmicas, portadoras de necessidades especiais, entre outras"[57].

A seguir serão demonstradas as ideias de Simone de Beauvoir sobre o gênero, quando ela afirma que a mulher não nasce mulher, mas torna-se mulher, uma vez que impactaram e impactam os movimentos feministas e a teologia feminista de modo geral. A autora é importante para dar subsídios teóricos para a luta contra o machismo estrutural e pensar as divergências e convergências em torno desse tema.

1.2 O "torna-se mulher" de Simone de Beauvoir

Para garantir a coerência de qualquer pesquisa acadêmica, é fundamental a precisão dos conceitos utilizados. Uma questão importante que envolve o estudo do feminismo no interior da igreja pentecostal na Serra-ES é responder o que é ser mulher? Ser mulher...está muito bem definido pelo feminismo, as feministas e as proprias mulheres, sentem o peso de culturas e sociedades patriarcais todo dia nas suas vidas… Tornar-se mulher é tomar consciência de todas as opressões e violências a que historicamente as mulheres tem sido submetidas. A resposta a essa pergunta é fundamental para entender o conceito de violência religiosa simbólica, que, no caso desta pesquisa, recai sobre uma mulher, negra, a pastora Joana D'Arc, liderança de uma Igreja Pentecostal no municpio de Serra/ES.

Na busca pela (s) resposta (s) para essa e outras perguntas, recorre-se ao pensamento de uma das principais autoras sobre gênero no mundo, Simone Lucie Ernestine Marie Bertrand de Beauvoir. Ela nasceu numa família burguesa, em Paris, no início do século XX. Essa família perdeu grande parte de seus recursos financeiros após a Primeira Guerra Mundial.[58]

Simone de Beauvoir oferece uma resposta possível para o dilema citado acima, afirmando categoricamente que não se nasce mulher, mas, torna-se mulher, embora não se saiba ao certo o que é ser mulher. Podemos notar que a mulher dificilmente se define, mas, quase sempre, são outras pessoas que a define, falhando miseravelmente. Simone de Beauvoir considera que todo ser humano do sexo feminino não é necessariamente mulher, mas a definição do que é ser mulher ainda permanece obscura.[59]

[57] FELGUEIRAS, 2017, p. 119.
[58] BORGES, Joana V. *Trajetórias e leituras feministas no Brasil e na Argentina* (1960-1980). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2013. p. 61.
[59] BEAUVOIR, 2016, p. 9-12.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Em sua obra, *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir discorre sobre gênero feminino, afirmando que "ninguém nasce mulher: torna-se mulher". Para ela, enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. O corpo de meninas e meninos é primeiramente a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo – através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o mundo.[60]

Elis Gunella afirma que, quando Simone de Beauvoir disse essa célebre frase, ela estava indicando "claramente que não se trata de aceitar de saída qualquer tipo de natureza, substância ou essência que determine o que é 'ser mulher'. Ao contrário, trata-se de construção histórica"[61].

Nesse contexto, o conceito gênero, em seu sentido político contemporâneo, surgiu com mais intensidade na segunda metade dos anos 1980, para como categoria de análise das relações de poder entre os sexos, denunciando hierarquias. Judith Butler apresenta a seguinte definição de corpo

> Nos limites desses termos, "o corpo" aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então como o instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma. Em ambos os casos, o corpo é representado como um mero instrumento ou meio com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado. Mas o "corpo" é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de "corpos" que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero.[62]

Com essa definição de corpo, Judith Butler ajuda a compreender melhor a violência religiosa simbólica, tema principal deste trabalho, pois ela incide sobre corpos, pessoas, e no caso específico desta pesquisa sobre um corpo feminino, uma mulher, pastora e negra, cujo corpo – fora do padrão de beleza estipulado pela sociedade capitalista – é até mesmo desqualificado por algumas pessoas.

Segundo o pastor México, numa conversa informal comigo disse "certa vez, um homem disse que para mima que deveria me separar da pastora Joana D'Arc e arrumar uma mulher mais nova e mais bonita, pois ela, a pastora, tem 45 anos. O pastor, então, alegou ter repreendido esse homem, dizendo que sua esposa esteve com ele desde quando ele não era "ninguém", ajudando-o a ser quem ele é hoje, tratando-o muito bem e o servindo como se fosse um rei."[63]

---

[60] BEAUVOIR, 2016, p. 11.
[61] GUNELLA, Elis J. *Ontologia e ética n'O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. p. 10.
[62] BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 27.
[63] Diálogo do Pastor México, em conversa informal, com o pesquisador.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

As colocações do pastor México em sua defesa, colocam a Pastora Joana D´Arc como uma ajudante, serviçal dele, colocando-o como um rei. O Pastor México entente a sua esposa Pastora Joana D´Árc como uma servidora, cuidadora e ajudante do homem. Provavelmente, este também deve ser o discurso religioso dele, quando se encontra no altar da igreja.

A compreensão de que a mulher é um objeto e, consequentemente, inferior ao homem, é, muitas vezes, tão naturalizada na sociedade que as pessoas sequer refletem quando dizem que um homem de sucesso tem o direito de largar a esposa, companheira e arrumar uma outra/mais nova. Contra isso, as mulheres buscaram pelo direito de serem tratadas como iguais em relação aos homens, como foi explicado na seção anterior. À luz dos argumentos de Karen Bergesch:

> A ideia de igualdade veio ao encontro de pessoas que buscavam por algo novo na sociedade e na vivência religiosa desde o século XVI. A proposta de igualdade gerava a possibilidade de ocupar outros espaços na sociedade, na igreja e nas relações sociais. Ao sentirem-se incluídas, as mulheres participam ativamente. Por isso passam a envolver-se com questões sociais, intelectuais e de direitos.[64]

Com isso, a participação da mulher nos mais diversos contextos sociais econômicos e políticos é um avanço dos últimos séculos. Em oposição a isso, há mulheres que parecem fazer todo um trabalho de retrocesso a essas conquistas, como tem-se em um vídeo amador que circulou na *internet*, em janeiro de 2019, dia da cerimônia de transmissão de cargo na qual Damares Alves assumiu o cargo mais alto do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos. A ministra disse que o Brasil estaria, com a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, entrando em uma nova era, em que "menino veste azul e menina veste rosa" e que "menino será príncipe e menina será princesa"[65].

Na contramão dos cristianismos progressistas e como exemplo da resistência aos estudos de gênero e sexualidade, borbulham as concepções eivadas de uma dita ideologia de gênesis, presente em falas da ministra Damares Alves. A ideologia de gênesis é uma das responsáveis, dentre outras coisas, pelo marcial rechaço à suposta ideologia de gênero.

Essas concepções defendem a ideia de que gênero é correlacionado ao sexo biológico, ou seja, um conjunto de características genitais e cromossômicas, que, de alguma forma, intervêm em um instinto natural para que os homens desenvolvam atividades masculinas e as

[64] BERGESCH, Karen. As mulheres da reforma na igreja do norte da Alemanha: um olhar sob a perspectiva de gênero. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 1. p. 102-115, 2017. p. 104-105.
[65] CUSTÓDIO, Edson. *Damares*: "Menino veste Azul e menina veste Rosa: uma nova era? [*YouTube*, 03 jan. 2019]. São Paulo: Edson Custódio, 2019. (10min 54s). [*online*]. [0min 35 s].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

mulheres sejam mães.[66] Por essa visão, as mulheres são reféns da biologia e não podem escolher livremente agir de forma não feminina e não ser mãe, já que estariam determinadas geneticamente pela condição de ser mulher. Segundo Joan Scott, gênero se constitui das relações sociais baseadas nas distinções percebidas entre os sexos, sendo a primeira maneira de explicar as relações de poder. Para ela:

> O termo 'gênero' torna-se, antes, uma maneira de indicar 'construções culturais' – a criação inteiramente social de ideias sobre papeis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. 'Gênero' é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, 'gênero' tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens.[67]

Nesses termos, gênero não estaria atrelado ao sexo, e sim à cultura. Isso indica que os papéis hoje atruídos aos homens – provedores, protetores, entre outros – resultaram de um processo cultural, mas, na mesma intensidade, podem deixar de ser quando a sociedade alcançar tal compreensão.

Para Joan Scott, caracterizar as pessoas como homem e mulher sugere "que o masculino e o feminino não são características inerentes e sim construções subjetivas (ou fictícias)" o que implica "que o sujeito se encontra num processo constante de construção"[68]. A autora entende gênero como uma construção sócio-histórica que moldura os vínculos sociais através das diferenças percebidas entre os sexos – dimorfismo sexual.

Essa construção tem dado corpo às relações de poder, e o gênero é constantemente utilizado para embasar hierarquizações e opressões – de gênero – em diversos âmbitos no Ocidente e no Oriente. Semelhante a Joan Scott, Judith Butler problematiza o corpo, o sexo e o gênero, dando historicidade e contextualizando tais temas, demonstrando que eles são edificações sócio-históricas contaminadas por relações de poder.[69] Além disso, Judith Butler critica, o processo de tentar explicar tudo através da natureza e da biologia, como se a sociologia fosse menos importante. Logo, pessoas comoa ex-ministra Damares Alves, defensoras da tal ideologia de gênesis, fundamentam tudo com base na Bíblia e na biologia, como se esta ciência fosse a explicação canônica e última para tudo. Para Judith Butler, é necessário desconstruir

[66] MARANHÃO, Eduardo M. A.; FRANCO, Clarissa. "Menino veste azul e menina, rosa": educação domiciliar e as ideologias de gênero e gênesis de Damares Alves, a "ministra terrivelmente cristã" dos Direitos Humanos. *Revista Brasileira de História das* Religiões, Rio de Janeiro, a. XII, n. 35. p. 297-337, 2019. p. 299.
[67] SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2. p. 71-99, 1995. p. 75.
[68] SCOTT, 1995, p. 82.
[69] BUTLER, 2003, p. 55.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

isso, quebrando essa suposta linearidade e coerência.[70] Afinal, foi justamente esse pensamento biológico que deu corpo à exploração da mulher ao longo da histórico e à sua suposta condição de inferioridade perante o homem.

É inegável a evolução da condição das mulheres na sociedade atual. Nunca alguém do século XIX e início do século XX imaginaria tamanho avanço alcançado hoje pelas mulheres, fruto sobretudo dos movimentos feministas, a partir dos anos 1960, que alcançaram muitas conquistas. Na segunda metade do século XX, houve uma progressiva emancipação das mulheres em relação às tutelas patriarcais e das relações de violência que estas envolvem.[71] Porém, esse avanço não é observado satisfatoriamente em muitas igrejas evangélicas, como as pentecostais, dentre outras, nas quais a mulher ocupa um papel secundário. Em igrejas pentecostais, por exemplo, percebe-se que o fundamentalismo religioso ainda é muito forte, e isso impede ou, no mínimo, atrapalha a livre expressão e o livre desenvolvimento da mulher.[72]

Uta Ranke-Heinemann, teóloga alemã e primeira mulher do mundo a ser habilitada em teologia católica, afirmou o seguinte: "considerando a repressão, a difamação e a demonização das mulheres, toda a história da Igreja faz parte de um longo, arbitrário e bitolado despotismo masculino sobre o sexo feminino. E esse despotismo continua até hoje, ininterrupto"[73]. Ainda é muito comum entre os pentecostais a ideia de que a mulher não pode ser pastora, e, mesmo quando uma mulher possui o título de pastora, nem sempre esse título parece conceder a ela a autoridade necessária na condução de um rebanho. Essas pessoas defendem a chamada inerrância bíblica, isto é, a adoção de uma interpretação bíblica literal, sem considerar a cultura na qual a Bíblia foi escrita.[74]

Apesar da narrativa teológica pentecostal combater e ajudar a romper alguns aspectos relativos ao comportamento masculino, especialmente em relação a bebidas, ela legitima as desigualdades de gênero e reforça a autoridade dos homens no âmbito privado e na comunidade religiosa.[75] Isso pode ser observado nas mais diversas comunidades pentecostais, mas é reforçado em comunidades periféricas.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGFCR Faculdade Unida de Vitória

[70] BUTLER, 2012, p. 40.
[71] GOULART, Líbia K. *Religião e violência doméstica:* um olhar a partir das mulheres atendidas pelo núcleo de prática jurídica do Centro Universitário Redentor (UNIREDENTOR) em Itaperuna. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2018. p. 12.
[72] GOULART, 2018, p. 12.
[73] RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo reino de Deus:* mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1996. p. 80.
[74] RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 80.
[75] MACHADO, Maria D. C. *Adesão religiosa e seus efeitos na esfera privada:* um estudo comparativo dos carismáticos e pentecostais no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1994. p. 75.

As ideias de Simone de Beauvoir provocaram diversas reações em todo o mundo. Ela recebeu todos os tipos de qualificativos, a saber:

> O escândalo causado pela obra é correspondente ao quão impactante é seu conteúdo. Ao apontar a insuficiência das contribuições da biologia, da psicanálise e do materialismo histórico para explicar a hierarquia social entre os sexos, a autora lança-se a uma revisão histórica, etnográfica e dos mitos da humanidade para, diante das experiências de vida concreta das mulheres, desvelar assim o sistema de produção e manutenção de sua dominação.[76]

Além de sua genialidade, Simone de Beauvoir ganhou tanto destaque por causa também de seu labor ao analisar detalhadamente a opressão feminina. A autora não apenas falou o que pensava, mas se debruçou em sua pesquisa, fazendo uma profunda análise sobre o papel das mulheres nas sociedades humanas. A intenção de Simone de Beauvoir, ao denunciar a dominação do homem sobre a mulher era, dentre outras coisas, que as mulheres podiam também ter responsabilidades para consigo e para com o mundo, sendo dignas da liberdade de que os homens já dispunham. A principal obra da autora marcou gerações, até os dias de hoje:

> Potente, *O Segundo Sexo* transcendeu à época de seu lançamento. Inspirou e provocou inúmeros trabalhos posteriores de teóricas feministas, de Gayle Rubin e Monique Wittig nos anos 1970 a Angela Davis nos anos 1980, Judith Butler nos anos 1990 – apenas para citar alguns nomes – fomentando um rico campo dedebate.[77]

Semelhantemente à filosofia existencialista de Simone de Beauvoir, pela qual a existência precede a essência e, dessa forma, não se nasce mulher, e sim torna-se mulher, Judith Butler entende que o conceito de gênero foi criado a fim de se opor ao determinismo biológico presente na ideia de sexo[78], que implica na biologia como um determinismo: a pessoa nasce homem ou mulher e suas experiências e contextos sociais seriam determinados de forma natural de acordo com o sexo que nasceu. Essa determinação biológica tem servido até os dias de hoje para a naturalização da desigualdade entre homens e mulheres, dentre outras desigualdades e opressões, como as de gênero.

O conceito de gênero surge então para afirmar que as diferenças sexuais não são por si só determinantes das diferenças sociais entre homens e mulheres, mas são significadas e valorizadas pela cultura, de forma a produzir diferenças que são ideologicamente afirmadas como naturais. A filósofa estadunidense argumenta que, no entanto, a noção do gênero como construção pode também levar a um tipo de determinismo, não biológico, mas cultural:

---

[76] MANO, Maíra K. As mulheres desiludidas: de Simone de Beauvoir à "ideologia de gênero". *Revista Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 56, p. 1-13, 2019. p. 3.
[77] MANO, 2019, p. 3.
[78] FIRMINO, Flávio H.; PORCHAT, Patrícia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de "problemas de gênero". *Revista Doxa*, Araraquara, v. 19, n. 1.p. 51-61, 2017. p. 54-55.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

> A ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a 'cultura' relevante que 'constrói' o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino.[79]

Para Judith Butler, gênero é uma construção a partir da cultura, que não o determina de forma inevitável, mas a partir da qual o gênero se constrói. O gênero, assim, não é algo que está acabado – muito menos determinado pela biologia –, mas que está constantemente em construção através do tempo, constituindo um fenômeno inconstante – pode mudar ao longo do tempo – bem como é contextual – o ambiente tem grande influência.

Desta forma, gênero, para a filósofa, é um ato performativo, e, tal como no teatro, um ato de improvisação. Mas, Judith Butler argumenta que não se pode ser reducionista e

> Declarar que o gênero é construído não é afirmar sua ilusão ou artificialidade, em que se compreende que esses termos residam no interior de um binário que contrapõe como opostos o "real" e o "autêntico". Como genealogia da ontologia do gênero, a presente investigação busca compreender a produção discursiva da plausibilidade dessa relação binária, e sugerir que certas configurações culturais do gênero assumem o lugar do "real" e consolidam e incrementam sua hegemonia por meio de uma autonaturalização apta e bem-sucedida. [80]

Butler afirma que na construção do gênero, vai se construindo como normal, que mulheres se comportem de determinada forma e homens de outra, que é natural que a mulher sirva o homem, ajudando-o em todos os trabalhos. Portanto, como ato performativo, a identidade de gênero não é necessariamente escolhida por nós, mas, trata-se de uma construção sócio-histórica-cultural permanente pela qual as pessoas nem se dão conta de que estão representando, num teatro constante, que dura até o final da vida.[81]

Nota-se que quanto mais o assunto sobre o gênero é conhecido na sociedade, mais cresce o fundamentalismo religioso.[82] Gênero, como categoria analítica, requer um questionamento a

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

[79] BUTLER, 2003, p. 26.
[80] BUTLER, 2003, p. 69.
[81] COELHO, Mateus G. *Gêneros desviantes*: o conceito de gênero em Judith Butler. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. p. 62.
[82] O fundamentalismo religioso está diretamente ligado à visão de mundo do homem contemporâneo, tanto na sua face religiosa quanto política, pois tem se engajado "na construção de um imaginário, no qual as noções substitutas de necessidade e de eternidade foram fundamentadas em duas formas interligadas de transcendência: a transcendência divina da Palavra de Deus e a transcendência do poder político dos governos autoritários, como uma manifestação, no tempo, dá vontade de Deus. [...] não somente como uma experiência individual, mas também como uma interpretação da vida e da ação política. Por esta razão, igualmente, o fundamentalismo religioso desdobra-se, quase sempre, em um fundamentalismo político. [...] A política cede lugar à violência como purificação do mal e os políticos passam a assumir o papel de profetas, chefes infalíveis, intérpretes da vontade

forma como sociedade se organizou, naturalizando os papéis sociais de homens e mulheres. Os fundamentalistas têm atacado, dia após dia, nas redes sociais, na TV e nas rádios a construção de gênero. Para eles, os papéis de gênero são sacralizados e baseiam-se na ideia de que homens e mulheres foram divinamente criados como tipos de pessoas com funções intrinsecamente diferentes e complementares. Os hábitos e os costumes dos papéis sociais de gênero fariam assim parte de uma ordem divina e qualquer alteração significaria pecado, transgressão, sendo as consequências sempre funestas.[83]

Pela ótica fundamentalista, aos homens coube o mandado divino de exercer autoridade sobre as mulheres e crianças. Nessa lógica, Deus comanda os homens da mesma maneira que o poder masculino comanda as mulheres e as crianças. A submissão é comparada a um princípio univeral e agir de acordo com uma cadeia de respeito à autoridade na igreja, no trabalho, em casa e na vida são garantias de paz profunda.[84]

Por isso, valorizar as desigualdades entre os gêneros e reforçar os preconceitos baseados em padrões discriminatórios contra as mulheres, além de excluí-las de posições de poder em nome de uma tradição religiosa que reforça as prerrogativas masculinas, transforma-se em argumento central da santificação, por serem uma expressão da vontade de Deus.[85] Isso vai totalmente contra a atitude de Jesus diante das mulheres e do feminino – o Mestre estava sempre ao lado de mulheres –, mas vai ao encontro do que Françoise Gange chama de "misoginia dos redatores do Antigo Testamento"[86].

O discurso religioso de igrejas com perfil carismático e pentecostal parecem apresentar um modelo de ser mulher, mas reforçam o modelo tradicional da família e do papel da mulher como mãe, esposa, auxiliadora e cuidadora. Essa postura fortalece as relações patriarcais. Heleieth Saffioti afirma que a violência de gênero "não ocorre aleatoriamente, mas deriva de uma organização social de gênero, que privilegia o masculino"[87].

As mulheres desses contextos aceitam pacificamente esses discursos e não os percebem enquanto violências, mas os entendem como mandatos divinos que necessitam se submeter,

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

divina". Saiba mais em: ROCHA, Zeferino. A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 17, p. 761-774, 2014. p. 763.

[83] SOUSA, Sandra D. *Gênero e religião no Brasil*: ensaios feministas. São Bernardo do Campo: UMESP, 2006. p. 19.

[84] SOUSA, 2006, p. 19.

[85] SOUSA, 2006, p. 19-20.

[86] FRANÇOISE, Gange. *Jesus e as mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 19-23.

[87] SAFFIOTI, 1986, p. 105.

pois querem servir a Deus e acabam assumindo papéis tradicionais em ser mulher.[88] E isso tem sido perpetuado geração após geração, sem que seja questionado.

A esse respeito, Paulo Freire argumenta que um meio de enfrentamento é a conscientização, pois, conduz a pessoa a libertação a partir da "educação, como prática de liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade"[89]. Logo:

> Essa tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se 'desvela' a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em 'estar frente à realidade' assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora das 'práxis', ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens.[90]

Nesse sentido, a conscientização se constitui em um compromisso histórico, pois está baseada na relação consciência – mundo, em que a nova realidade deve tomar-se como objeto de uma nova reflexão crítica.[91] Em relação à biologia, Simone de Beauvoir analisa a natureza e os animais a fim de compará-los à raça humana. A autora conclui que a mulher é, dentre todas as fêmeas de mamíferos, a que se acha mais profundamente alienada e a que se recusa mais violentamente esta alienação. A autora argumenta o seguinte:

> A escravização do organismo à função reprodutora é mais imperiosa nem mais dificilmente aceita: crises da puberdade e da menopausa, "maldição" mensal, gravidez prolongada e não raro difícil, parto doloroso e por vezes perigoso, doenças, acidentes são características da fêmea humana. Poderíamos dizer que seu destino se faz tanto mais pesado quanto mais ela se revolta contra ele, afirmando-se como indivíduo.[92]

O trecho acima tem um caráter denunciativo, pois mostra o quanto a mulher já sofre do ponto de vista biológico, sem mencionar o aspecto social. Mas, Simone de Beauvoir vai além e alega que esse sofrimento aumenta quando a mulher decide se voltar contra o destino reprodutivo que lhe é imposto. Apesar disso, existem grupos e pessoas individualmente que

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[88] ROCHA, Abdruschin Schaeffer; ULRICH, Claudete Beise. A (Des)sacralização da violência contra as mulheres no altar do patriarcado: reflexões a partir dos conceitos desejo mimético e bode expiatório em René Girard – desafios para a educação teológica latino-americana. In: ULRICH, Claudete B.; LELLIS, Nelson. *Religião e violência:* mulheres em foco. São Paulo: Recriar, 2020. p. 17-18.
[89] FREIRE, Paulo. *Conscientização:* teoria e prática da libertação. São Paulo: Cortez, 1979. p. 15.
[90] FREIRE, 1979, p. 15.
[91] FREIRE, 1979, p. 15.
[92] BEAUVOIR, 2003, p. 60.

dizem que a mulher é privilegiada na sociedade e tratada como uma deusa e um ser superior. Simone de Beauvoir faz então uma comparação da mulher com os homens. Observe:

> Comparada ao macho, este parece infinitamente privilegiado: sua vida genital não contraria a existência pessoal; desenvolve-se de maneira contínua, sem crise e geralmente sem acidente. Em média, as mulheres vivem tanto quanto o homem, mas adoecem muito mais vezes e durante muitos períodos não dispõem de si mesmas.[93]

O privilégio, como mostra a autora, vai muito além de questões sociais e políticas, mas se dá também no tocante à biologia. Além dos dados científicos citados pela teórica, o corpo do homem produz 10 a 20 vezes mais testosterona que o da mulher. [94] A testosterona é considerada potente pelos resultados que proporciona, por exemplo: maiores índices de massa muscular, massa óssea, força e função física.[95] Essa vantagem física, por assim dizer, infelizmente levou muitos homens ao longo da história a considerar a mulher inferior e a subjugá-la a um papel de mera coadjuvante – ou menos.

Mais à frente, a autora francesa faz uma afirmação bastante forte e convicta a respeito da dominação masculina. Veja:

> O mundo sempre pertenceu aos machos. [...]. Quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre não terão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão.[96]

Nota-se que o homem, ao longo da história, aproveitou de seus privilégios sociais e biológicos para dominar não só outros homens, mas também a mulher. As mulheres estão integradas na coletividade governada pelos homens, e nela ocupam um lugar de subordinação. Elas estão unidas somente porque se percebem como semelhantes numa solidariedade mecânica, ou seja, agem como abelhas numa colmeia, de forma coletivista, a chamada sororidade – mexeu com uma mexeu com todas. De forma paradoxal, as mulheres pertencem ao mesmo tempo ao mundo masculino e a uma esfera em que esse mundo é contestado.[97] Sobre isso, Simone de Beauvoir complementa:

> A própria mulher reconhece que o universo em seu conjunto é masculino; os homens modelaram-no, dirigiram-no e ainda hoje o dominam; ela não se considera

[93] BEAUVOIR, 2003, p. 60.
[94] SANTOS, Leandro G.; COSTA, Cristiane. Pílulas anticoncepcionais vs hipertrofia muscular. *Revista Anais da Jornada Científica dos Campos Gerais*, Ponta Grossa, v. 16, [n.p.], 2018. [n.p].
[95] RODRIGUES FILHO, José S. Benefícios e riscos da reposição hormonal no distúrbio androgênico do envelhecimento masculino: uma revisão da literatura. *Revista Saúde.Com*, São Paulo, v. 10, n. 3. p. 299-306, 2014. p. 301.
[96] BEAUVOIR, 2003, p. 95.
[97] BEAUVOIR, 2003, p. 407-408.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

> responsável; está entendido que é inferior, dependente; não aprendeu as lições da violência, nunca emergiu, como um sujeito, em face dos outros membros da coletividade; fechada em sua carne, em sua casa, apreende-se como passiva em face desses deuses de figura humana que definem fins e valores.[98]

Por fim, entende-se que as teorias de Simone de Beauvoir e de Judith Butler, apesar de algumas divergências[99], podem se casar ao proporem que não se nasce mulher, mas torna-se performaticamente uma mulher dentro de sociedade que assim impõe. A mulher vive em um universo masculino e é doutrinada desde cedo a crescer mulher,comportar-se como mulher e ser uma mulher "de verdade" – construção social –, mas isso não seria algo determinante e inescapável.

Não se sabe como o torna-se mulher ocorre mentalmente, mas, compreende-se que ele acontece sob a influência do meio. Isso não quer dizer que a mulher deve se render às influências do meio, pois "libertar a mulher é recusar encerrá-la nas relaçõesque mantém com o homem, mas não as negar"[100].

Gênero, portanto, é assumido nesta pesquisa como uma construção social que se dá de forma performática na sociedade, mas que não foge do controle da mulher. Não se nasce mulher no sentido comportamental, mas, também, não necessariamente, escolhe-se ser mulher como se escolhe qual roupa vestir. Há homens que escolhem ser mulheres – papel social – na infância ou na fase adulta, assim como há mulheres que escolhem ser homens – papel social. É algo complexo em que vários fatores externos e internos se relacionam. O que se sabe é que ocorre, e a ciência precisa se debruçar mais sobre esse assunto para compreendê-lo melhor. A seguir, discorre-se, sob a ótica de Ivone Gebara, como a Teologia Feminista influenciou e continua influenciando na luta contra as violências contra as mulheres e na luta contra a violência simbólica e religiosa contra as mulheres.

1.3 Teologia Feminista sob a ótica de Ivone Gebara

A expressão Teologia Feminista, no singular, não está negando a existência de muitas teologias feministas. Da mesma forma que existem muitas lutas feministas, existem muitas pautas para as Teologia Feminista:

---

[98] BEAUVOIR, 2003, p. 408.

[99] Para Judith Butler, o gênero é instável, está sempre se modificando, como numa performance de teatro, enquanto Beauvoir acredita que "ser mulher" é uma escolha que se realiza mediante uma construção social e cultural, pela qual a mulher é um ser passivo desse meio. Apesar dessa discordância, entendemos que essas duas teorias não necessariamente se opõem, mas se complementam, como duas fatias de uma pizza do que seria o gênero e de como ele se manifesta na mulher. Saiba mais em: BUTLER, 2003, p. 26.

[100] BEAUVOIR, 2003, p. 556-557.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

> Sobre este saber 'teologia feminista', quando a ele me refiro, gostaria de chamar atenção para o fato de que, assim como diversas autoras, utilizo o termo "feminista" sem desejar dar a ele um sentido universal e absoluto. É importante ressaltar que, primeiro, dever-se-ia falar sobre 'teologias feministas', devido ao seu caráter plural, polifônico, repleto de nuanças e particularidades.[101]

A respeito da pluralidade de teologias feministas existentes, deve-se deixar claro que as Ciências das Religiões constituem, resumidamente, um estudo não partidário e empírico, pautado na liberdade acadêmica em relação aos compromissos religiosos definidos, além da consciência da importância da relatividade – não dogmatismo – e a resistência aos etnocentrismos. Trata-se, pois, de um estudo sem a tendência que a Teologia desenvolveu ao longo dos séculos, ou seja, de situar Israel – e/ou a igreja – como o centro de seus estudos. As Ciências das Religiões são um campo livre em seu estudo, o quem vem ao encontro desta pesquisa, que pretende analisar o fenômeno religioso em uma igreja pentecostal de Serra-ES, não sob um aspecto doutrinário, e sim sociológico, em comunicação com essa área do conhecimento.

A Teologia tem sim um espaço garantido nas Ciências das Religiões, sobretudo quando é entendida em sua dimensão pública. Para ocupar seu lugar como disciplina acadêmica na universidade, a Teologia precisa ter liberdade institucional diante da igreja, rompendo com seu entrincheiramento na comunidade de fé.[102] A Teologia precisa estar antenada aos problemas da modernidade pós-tradicional, a fim de permitir ser interrogada quanto aos desafios da ciência.[103]

Esta seção se propõe fazer uma ponte entre Teologia e Ciências das Religiões, no intuito de abordar a Teologia Feminista, que nada mais é que uma forma de se falar de Teologia em face dos desafios propostos nas últimas décadas em que o movimento feminista tem alcançado suas diversas ondas. Isso será feito pelas lentes da teóloga brasileira Ivone Gebara, com sua ampla contribuição para a teologia feminista.

Para elucidar o marco histórico da Teologia Feminista, convém citar as palavras de Flávia Melo:

> A Teologia Feminista ganhou potência no Brasil pouco depois da seara da expansão do feminismo e dos estudos de gênero, por volta dos anos 1970 e 1980, o qual foi um

[101] CARVALHO, Maristela M. *Da "rebelião nas fronteiras" à conquista do campo*: a Teologia Feminista na Concilium, Revista Internacional de Teologia (1985-1996). Tese (Doutorado em História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. p. 18-19.
[102] PASSOS, João D.; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 177.
[103] PASSOS; USARSKI, 2013, p. 177-178.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

> momento muito rico em publicações e estudos feministas. Mas a incorporação dos estudos de religião e gênero, quando colocados juntos, deu-se mais lentamente.[104]

Vê-se então que o crescimento do feminismo no Brasil não apenas incentivou, mas também impulsionou as mulheres a relizaram Teologia, uma área do conhecimento que estava no Brasil atrelada apenas aos homens, ou seja, novamente, permanecendo a visão deles sobre o papel da mulher na sociedade e na igreja.

Antes da popularização da *internet*, os padres e pastores diziam que se tornava lei nas comunidades cristãs, pois essa era praticamente a única teologia disponível para as pessoas que não tinham acesso à *internet* em casa. Hoje, há diversos teólogos e teólogas na *internet*. Eles e elas podem expor para milhares de pessoas sua interpretação da Bíblia, o que tem causado um grande incômodo em muitos pastores que outrora estavam acostumados com certa hegemonia teológica e de discurso.[105]

A título de informação, Gebara é uma freira católica, brasileira, doutora em Filosofia pela Universidade Católica de São Paulo e em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Lovânia, na Bélgica. Essa teóloga feminista desde sempre atacou com eloquência a sociedade patriarcal, fazendo pesadas críticas à Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), dizendo-se publicamente a favor do aborto e militando pelos direitos das mulheres.[106] Em virtude disso, o Vaticano decretou, em 1999, seu silenciamento, impedindo-a de ministrar aulas e falar em público. Em 1985, o ex-franciscano Leonardo Boff, também ligado à Teologia da Libertação, recebeu esse mesmo tratamento por parte da ICAR.[107] Gebara, irresignada, desobedeceu ao Papa e continuou falando e escrevendo mesmo sendo perseguida.[108]

Em muitas de suas obras, Gebara deixa claro que, quando fala de igreja, refere-se à ICAR. No entanto, quando compara suas ideias à realidade vista em outras igrejas, como a igreja pentecostal de Serra-ES, por exemplo, objeto de análise desta pesquisa, observa-se que há muitos pontos em comum às críticas empreendidas por essa teóloga feminista. Logo, quando a pesquisa mencionar a expressão igrejas cristãs, é importante considerar que não se trata apenas

[104] MELO, Flávia V. C. B. *Ruah está soprando as flores*: mulheres e suas militâncias no fazer teológico feminista no Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. p. 65.
[105] MELO, 2021, p. 65.
[106] CASTRO, Amanda M. *A freira brasileira desafia o Vaticano:* homenagem a Ivone Gebara. *In:* ENCONTRO DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO (REDOR), XVIII, 2014, São Paulo. *Anais*... São Paulo: REDOR, 2014. p. 2020-2024. [pdf]. p. 2020.
[107] COSTA, Marcelo T. Em nome do Pai: o Francisco de Assis de Leonardo Boff. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33. p. 444-467, 2016. p. 453.
[108] CASTRO, 2014, p. 2020.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

dessa igreja, mas do fenômeno que ocorre nas igrejas cristãs brasileiras, em geral, em relação à figura da mulher.

Gebara mostra que, a despeito de muitas pessoas acharem que o tempo da caça às bruxas já terminou, há ainda uma luta da igreja contra as mulheres. Com as seguintes palavras, a autora faz um diagnóstico sobre a situação teológica e hierárquica na ICAR:

> A Igreja institucional, longe de romper padrões de comportamento excludentes, confirmou-os a partir de seu poder. Talvez ela tenha modernizado sua linguagem, aberto algumas veredas em alguns lugares do mundo, mas a estrutura de sustentação não parece ter mudado muito. A palavra da Igreja e a teologia da Igreja continuam sendo palavras masculinas.[109]

A teóloga deixa claro que esse tipo de exclusão da mulher não acontece apenas na igreja, mas em todas as instituições sociais e políticas que faziam – e algumas ainda fazem – uma divisão clara dos papéis masculino e feminino, bem como das funções exercidas por homens e mulheres. Até hoje, muitas instituições, religiosas ou não, atrelam à natureza e ao nascimento a escolha das funções e dos papéis na sociedade, uma espécie de essência imutável.[110]

Dessa forma, o sexo biológico tem sido, ao longo dos anos, determinante na afirmação de uma superioridade inata dos homens e dependência congênita das mulheres. Essas formas de naturalização se estendem para as diferentes etnias e classes sociais, culminando no último século no nazismo e outros movimentos que pregavam a superioridade de povos em relação a outros.[111] Esse mesmo fenômeno de dominância se reproduziu na igreja ou nas igrejas. Essa visão vai ao encontro do pensamento de Pierre Bourdieu, quando afirma:

> A visão androcêntrica é assim continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina: pelo fato de suas disposições resultarem na incorporação do preconceito desfavorável contra o feminino, instituído na ordem das coisas, as mulheres não podem senão confirmar seguidamente tal preconceito.[112]

Da mesma forma que Pierre Bourdieu demonstra como o preconceito contra as mulheres as afeta, Gebara mostra o quão difícil é ter que ser líder com valores hierárquicos que continuam cada vez mais distantes da realidade ensinada por Cristo. A teóloga não rompe com os pressupostos do cristianismo, e sim com a teologia patriarcal que, segundo ela, domina o cristianismo desde sempre, antes que as mulheres pudessem contrapô-la.[113]

---

[109] GEBARA, Ivone. *Mulheres, religião e poder*: ensaios feministas. São Paulo: Terceira Via, 2017. p. 115.
[110] GEBARA, 2017, p. 115.
[111] GEBARA, 2017, p. 115.
[112] BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*: a condição feminina e a violência simbólica. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016. p. 53.
[113] BOURDIEU, 2016, p. 53.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Para a autora, a tradicional cultura religiosa e a hierarquia predominante nas igrejas têm uma dívida muito grande com as mulheres. Trabalhadoras, dedicadas, pensadoras, críticas e revolucionárias, elas vêm encontrando voz na Teologia Feminista, passando a exercer um novo jeito de ser e de viver a igreja e a fé.[114] Mas, essa realidade parece distante ainda da igreja pentecostal de Serra-ES, onde às mulheres ainda parece ser relegado um papel secundário, muito mais voltado às crianças do que ao ensino autoritativo aos adultos.

Essa hegemonização frente ao masculino, para a autora, está diretamente relacionada às formas hegemônicas de representações ligadas diretamente à divindade – o Deus judaico-cristão. Tal como Deus, a figura masculina é constituída de autoridade em relação aos sujeitos religiosos, ou seja, o homem também o seria sobre a mulher. Tal como Deus é forte, grande, todo poderoso e ciumento, o homem também o seria. Essa associação se mostra perigosa na medida em que legitima as desigualdades e desenvolve a noção de que o homem possui direitos e privilégios sobre a mulher.[115]

Mas, esse problema vai além da figura de Deus Pai. A Teologia Feminista critica também o Messias masculino, do qual a salvação viria, segundo as religiões cristãs messiânicas. Por maisque ICAR tenha reconhecido os erros cometidos por ela na colonização, isso não significou a acolhida de outras manifestações religiosa.[116] Porém, estabeleceu-se o argumento de que apenas no cristianismo é possível alcançar a salvação e que apenas de seu Magistério e da Bíblia emergem as verdades que tangem à fé e a Deus.

Não houve um efetivo diálogo igualitário e solidário para como culturas religiosas indígenas e africanas, por exemplo. O discurso religioso cristão ocidental continua sendo eminentemente antropocêntrico, androcêntrico, branco e ocidental. Essa dimensão sacrificial salvífica masculina – Jesus, homem e branco – é um dos pontos que a Teologia Feminista problematiza.[117] Dessa forma, a Teologia Feminista não ataca o Jesus histórico, mas a imagem do Jesus pintada pelas igrejas fundamentalistas, um Jesus estereotipado segundo os padrões dominantes na sociedade.

Ao abordar a situação da mulher numa perspectiva histórica, Simone de Beauvoir, por sua vez, afirma que a ideologia cristã não contribuiu pouco para a opressão da mulher, que, como relata o livro de Atos e as cartas paulinas, por exemplo, não podia tomar parte no culto

[114] GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio:* uma fenomenologia feminista do mal. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 56.
[115] VILHENA, Valéria C. *Uma igreja sem voz:* análise de gênero da violência doméstica entre mulheres evangélicas. São Paulo: Fonte, 2001. p. 90.
[116] GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista*. São Paulo: Olho d'Água, 1997. p. 19.
[117] GEBARA, 1997, p. 19-20.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

senão a título secundário. Como exemplo disso, a autora cita as diaconisas, que só eram autorizadas a realizar tarefas laicas: cuidados aos doentes, socorros aos indigentes, entre outras. Para ela, com Paulo, exigia-se a discrição e a modéstia, afirmando-se a tradição judaica ferozmente antifeminista e o princípio da subordinação da mulher ao homem.[118]

Gebara, não menos crítica, diz que por mais que teólogos e teólogas feministas tentem resgatar o valor das mulheres a partir do anúncio que elas fizeram da ressurreição de Jesus, fazendo daí uma Teologia Feminista, as mulheres não parecem passar pela experiência da ressurreição no relato bíblico. É o homem glorificado, o masculino, que é identificado no todo-poderoso que vence a morte.[119] Segundo a autora, é por isso que o masculino detém o maior poder na igreja desde sempre, afinal, "a imaginação masculina construiu hierarquias celestes para manter as hierarquias terrestres, inclusive as hierarquias de gênero. O feminismo teológico reivindica a experiência da ressurreição também para as mulheres"[120]. A teóloga demonstra que essas supostas hierarquias celestiais foram criadas teologicamente pelos homens para justificar as hierarquias terrestres que eles construíram.

Do ponto de vista histórico crítico, a hierarquia religiosa masculina é anterior às elaborações teológicas, porque na cultura de cunho patriarcal o masculino, e Deus como masculino, são interdependentes e se sustentam. O que se passa com o cristianismo não é um fenômeno original, mas apenas um tipo de repetição ou continuação em moldes religiosos da soberania masculina nas sociedades hierárquicas de tipo patriarcal, tanto do passado quanto do presente.[121] Sobre o processo histórico de segregação da mulher, Valéria Cristina Vilhena argumenta:

> Há milênios as mulheres foram tratadas de forma desigual, inferiorizadas, submetidas a várias violências. Historicamente, o ser humano mais humilhado e desprivilegiado foi a mulher. Logicamente que à medida que as sociedades humanas foram evoluindo, as formas discriminatórias contra as mulheres foram também sendo refinadas, disfarçadas, ocultadas, mas não superadas ou erradicadas.[122]

Da mesma forma que Gebara afirma que a hierarquia religiosa masculina é anterior às elaborações teológicas, Valéria Cristina Vilhena afirma que as mulheres foram há milênios tratadas de modo inferior ao homem. Ou seja, esse não é um fenômeno pós-morte de Jesus, mas algo que o precede há bastante no tempo, sendo visto inclusive no Judaísmo em que a figura masculina era a única existente no sistema religioso.

[118] BEAUVOIR, 1970, p. 117.
[119] GEBARA, 2017, p. 110.
[120] GEBARA, 2017, p. 110.
[121] GEBARA, 2017, p. 67.
[122] VILHENA, 2001, p. 103.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Partindo agora para uma análise mais prática acerca de tudo o que já foi dito anteriormente, nota-se, nas últimas décadas no Brasil, uma expansão das crenças básicas fundamentalistas, e ela acompanha o crescimento evangélico e pentecostal no país. Isso se dá por meio da grande difusão de livros traduzidos – sobretudo americanos –, programas de rádio e televisão e nas redes sociais. "Temas antes pouco debatidos ou importantes como criacionismo, casamento homossexual e liberação feminina ganham nova dimensão diante do crescimento evangélico"[123]. Muito se tem falado também sobre o pastorado feminino. Claudete Beise Ulrich no livro "Mulheres no Movimento da Reforma" reflete:

> Mulheres pastoras ainda são questionadas se de fato são capazes de assessorar uma comunidade, se elas são capazes de pregar, de realizar sepultamentos, batizar, realizar a Ceia do Senhor. Mulheres em cargos públicos e de liderança ainda são vistas com desconfiança. Há muitas igrejas protestantes que não ordenam mulheres para os diferentes ministérios. [...]. Em muitos lugares, as sementes da libertação e da emancipação humana que a Bíblia nos apresenta a partir de uma hermenêutica cristocêntrica e da justificação por graça e por fé ainda não germinaram.[124]

A citação acima vai ao encontro do que parece ocorrer na igreja pentecostal de Serra-ES. O masculino ainda domina fortemente as igrejas, tanto que "se perguntarmos aos membros de alguma igreja protestante o que é mais importante em sua Igreja, certamente a resposta será: a Palavra de Deus, ou seja, a Bíblia, entendida como palavra provinda de Deus"[125]. Ou seja, a palavra provinda de um Deus masculino.

Não obstante, em relação à multiplicidade de denominações, Gebara afirma que "a teologia feminista é uma teologia plural e essencialmente missionária"[126]. Segundo a autora, essa frase choca a muitos, pois a ideia comum é de que fazer missões é tão somente enviar missionários para além das fronteiras geográficas com o fito de anunciar as boas novas de Jesus de Nazaré.

Porém, na realidade, a Teologia Feminista é missionária, mas de uma forma muito especial, pois anuncia nas diferentes organizações das igrejas cristãs a necessidade de rever posições de poder, conteúdos e simbologias que não apenas negaram aos pobres os bens a que têm direito, como também, entre os pobres, excluíram ou no mínimo diminuíram as mulheres, considerando-as cidadãs de segunda classe. A missiologia da Teologia Feminista, portanto, gira

[123] SOUSA, 2006, p. 14.
[124] ULRICH, Claudete Beise. Anotações finais não conclusivas. In: ULRICH, Claudete Beise; DALFERTH, Heloisa Gralow. *Mulheres no movimento da Reforma.* São Leopoldo: Sinodal, 2017. p. 205-206.
[125] GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 24.
[126] GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, justiça e feminismos*: antologia de textos. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010. p. 25.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

em torno de enviar a denúncia de existência de correntes, prisões, relações de injustiça, falsas hierarquias, abusos de poder que aprisionam as pessoas.[127]

É interessante que, quando Gebara fala de "falsas hierarquias"[128], isto remete cirurgicamente ao que este estudo se propõe investigar: se há uma hierarquia falsa na igreja pentecostal de Serra-ES, ou seja, se a posição ocupada pela pastora Joana D'Arc na igreja é meramente um título ou se ela se reveste da autoridade presente na posição de pastor da mesma igreja. Para concluir o raciocínio sobre a missão da Teologia Feminista, Gebara afirma:

> A missão a partir da perspectiva da teologia feminista é "tornar planos os caminhos" das relações humanas a partir de relações justas de gênero. É afirmar a igualdade fundamental entre mulheres e homens nos diferentes rincões do mundo e nas diferentes aproximações religiosas. E criar aproximações culturais e uma nova ordem social onde se possa conviver no respeito às nossas diferenças.[129]

As palavras dessa teóloga feminista demonstram claramente um tom igualitarista, que atribui aos homens e às mulheres valor e importância, tanto social quanto para com Deus. Segundo Gebara, apesar de todo o patriarcalismo que ainda permeia as igrejas, a produção teológica é hoje bastante grande, mesmo não tendo reconhecimento oficial nas instâncias de poder e saber de muitas igrejas cristãs.

A pastora Joana D'Arc costuma relatar que nas igrejas Assembleias de Deus, em geral, as mulheres ocupam um papel secundário e apagado, mesmo podendo pregar e ocupar outros postos. Ela ainda alega que, quando era membra da Assembleia de Deus, por cerca de 10 anos, sempre respeitou a teologia dessa igreja, que, até os dias de hoje, na Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), maior convenção das Assembleias de Deus,[130] não aceita a consagração de mulheres ao pastorado.[131]

É importante citar um trecho de um artigo publicado por Claudete Ulrich e Abdruschin Rocha acerca da estigmatização do papel das mulheres nas igrejas. Veja:

> Fazemos aqui menção, especialmente, a textos que circulam entre as igrejas de tradição carismática (católicas e evangélicas), baseado no texto de Provérbios 31.10-31, que naturalizam o papel das mulheres, colocando em oposição a mulher virtuosa

[127] GEBARA, 2010, p. 25.
[128] GEBARA, 2010, p. 25.
[129] GEBARA, 2010, p. 26.
[130] UOL. *Mario convenção da Assembleia de Deus declara apoio a Bolsonaro na eleição*. 24 abr. 2022. [*online*]. [n.p.].
[131] MELLO, Adriana G. S. M.; LIMA, Daniel B. A mulher e os desafios na conquista do pastorado: um estudo de caso em uma igreja evangélica Assembleia de Deus na cidade de Manaus. *Revista Coisas de Gênero*, São Leopoldo, v. 2, n. 1. p. 119-134, 2016. p. 128.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

> e a mulher soberba. A interpretação desse texto, feito geralmente por pastoras e lideranças femininas, pode ser vista e lida em vários sites de diferentes igrejas.[132]

Nesse sentido, a Bíblia é usada de forma intencional para sustentar desigualdades e estabelecer uma forma de oposição entre uma mulher que será bem-vista na comunidade de fé – mais próxima o possível da mulher virtuosa, que trabalha, mas trabalha em casa, perto do marido e dos/as filhos/as – e uma mulher que será malvista – soberba. Segundo Claudete Ulrich e Abdruschin Rocha:

> Há também hinos e músicas que exaltam a mulher virtuosa. O discurso exalta a mulher virtuosa, sendo a mulher que está aí para a família, auxiliadora do marido, cuidadora dos filhos e filhas e, além disso, empreendedora, que traz também dinheiro para dentro de casa. No entanto, estes discursos religiosos não tocam na luta por direitos das mulheres.[133]

Percebe-se nesse trecho que aquilo que é dito nas igrejas sobre a mulher nada mais é do que uma forma utilizada para justificar o padrão bíblico alegado pelos pastores no que diz respeito ao papel feminino. Para as menos contestadoras, isso pode até não ser um incômodo, mas para aquelas que querem viver um estilo de vida mais condizente com o presente século, no qual a mulher é independente e quer viver solteira, esse padrão estabelecido pode incomodá-las bastante e até fazê-las se sentirem envergonhadas nessa comunidade – o que pode gerar um quadro depressivo –, já que não elas não estariam atentendo aos padrões estabelecidos da chamada família tradicional.

Apesar desse quadro descrito pela autora e pelo autor acima, Gebara se mostra otimista em relação ao crescente número de teologias feministas nas igrejas. Apesar de de que ela demonstra certa preocupação em relação à forma como a igreja cristã lida com isso, a saber, o modo repressor e persecutório.[134] A teóloga feminista assevera:

> As teologias feministas acentuaram ainda mais o pluralismo de teologias na igreja. E não apenas isso, continuam fazendo a revisão das bases filosóficas de sustentação de nossa teologia, o que tem provocado uma amedrontada preocupação no magistérioda Igreja. Este tem não só reprimido algumas produções teológicas feministas, mas assumido posições de clara marginalização dessa produção. Por isso, tem impedido, por exemplo, o acesso das mulheres a um espaço mais significativo no magistério das Faculdades de Teologia.[135]

[132] ROCHA, Abdruschin S.; ULRICH, Claudete B. A dessacralização da violência contra as mulheres no altar do patriarcado: reflexões a partir dos conceitos desejo mimético e bode expiatório em René Girard. *Revista Reflexus*, Vitória, a. XII, v. 12, n. 19. P. 15-36, 2018. p. 22-23.
[133] ROCHA; ULRICH, 2018, p. 23.
[134] GEBARA, 2010, p. 28.
[135] GEBARA, 2010, p. 28.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Esse fato impede que as mulheres tenham espaço no magistério das faculdades de Teologia, desmotivando-as, já que não poderão compor o magistério católico, enquanto os homens sim. A respeito da Teologia e sua relação com as mulheres, Neiva Furlin afirma que:

> A legalização da graduação em teologia trouxe mais visibilidade para esta área disciplinar, no conjunto das ciências humanas, tornando-se um espaço de saber destinado à formação de sujeitos que almejam outras possibilidades profissionais, para além da tradicional figura do padre e do pastor. Esses aspectos, de certo modo, favorecem a inserção de mulheres no campo do saber teológico, contudo, esse universo continua sendo um reduto dos sujeitos masculinos.[136]

No trecho acima, registra-se que Neiva Furlin percebe que a Teologia deixou de ser restrita aos ambientes religiosos e passou a estar disponível para quem sequer é religioso, facilitando o acesso das mulheres, que, outrora, estavam marginalizadas nesse campo do saber. Mas, a autora alerta que esse universo ainda é fortemente dominado pelos homens, como se observa a seguir no argumento dela:

> Isso pode ser evidenciado em um estudo de tese de 2014, o qual mostra que a graduação de teologia, entre os cursos que integram a grande área das humanidades, é o que apresenta o maior índice de desigualdade em relação à participação da docência masculina e feminina, ou seja, uma diferença de 47,4%.[137]

Apesar desses dados, Gebara tem uma visão otimista do presente e do futuro da teologia. Para ela, a teologia já não é mais a mesma desde que as mulheres publicamente se declararam sujeitos da teologia e criadoras de teologias. Um exemplo disso, para a autora, é que não se pode mais incentivar a obediência às autoridades e à figura masculina como um caminho para Deus. Além disso, não se pode mais cultivar os modelos tradicionais de família, em que a submissão das mulheres está condicionada e gera a manutenção de desigualdades sociais, como já ressaltados, anteriormente por Ulrich e Rocha.

Segundo Gebara, as mulheres já não podem mais ser caladas sobre sua própria experiência religiosa, especialmente a partir da diversidade de suas culturas. Por fim, já não se pode mais consagrar a antiga divisão social do trabalho dentro das igrejas como algo inerente à natureza e à vontade de Deus. Dessa forma, emergem novos paradigmas que desafiam a compreensão da tradição cristãm e da interpretação bíblica.[138] Neste sentido, Claudete Beise Ulrich acentua que hermeneuticamente "o ponto de partida da teologia feminista é a experiência

[136] FURLIN, Neiva. Um "modo feminino" de produzir e ensinar Teologia: a diferença como projeto político de subjetivação e agenciamento. *Revista Educ. Soc.*, Campinas, v. 39, n. 143. p. 283-300, 2018. p. 285.
[137] FURLIN, 2018, p. 285.
[138] GEBARA, 2010, p. 29.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

das mulheres, as questões, preocupações, as marcas no corpo e como a experiência religiosa oprime ou liberta a vida cotidiana das mulheres[139].”

No próximo capítulo, analisa-se os tipos de violência contra as mulheres e, mais à frente, aborda-se os tipos menos falados, mas não menos dolorosos de violência contra elas, além da violência e do racismo que a mulher negra sofre neste mundo dominado pelos homens.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

[139] ULRICH, Claudete Beise. Teologia feminista da libertação e queer: uma contribuição para as resistências às existências. In: PEDRO, Joana Maria; ZANDONá, Jair. *Feminismos e democracia*. 2. ed. (Ebook). Belo Horizonte: Fino Traço, 2019. p. 110. [*Online*].

2 VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES

Neste capítulo, demonstra-se os múltiplos âmbitos da violência, suas definições e complexidade. Apresenta-se os dados estatísticos da violência, enfatizando a violência contra a mulher. Considera-se que a pesquisa se desenvolve em torno da história de uma mulher negra, que desempenha uma função pastoral numa igreja pentecostal na Serra-ES. Os dados e as análises empreendidas demonstram que a abordagem física da violência é insuficiente, afinal, ela não denuncia os diferentes tipos de violências que as mulheres sofrem, por exemplo: a doméstica, a psicológica e a simbólica. Aborda-se, desse modo, a violência simbólica e religiosa contra as mulheres, sob a ótica de Pierre Bourdieu. Por último, discute-se como a violência, segundo Pierre Bourdieu, relaciona-se diretamente com o racismo contra a mulher negra.

2.1 Definição da violência em seus múltiplos aspectos

Na atualidade, o problema da falta de segurança é uma realidade inconteste. Por um lado, perspectivas mais progressistas defendem que a violência precisa ser combatida com foco nas políticas públicas e na educação, no intuito de conceder aos jovens mais oportunidades e cidadania. Por outro lado, há um grupo que defende que a violência precisa ser combatida com mais repressão, prisões, encarceramento e mais poder de ação por parte da polícia. Contudo, o clamor por segurança é unanime, porém, a definição do conceito de violência é algo bastante complexo.[140]

Para uns, violência é apenas física e consiste basicamente em causar dano físico a outrem. Para outros, violência é algo muito mais complexo e abrangente, comportando também o aspecto simbólico – não-físico. Desse modo, alcançar um consenso na definição do conceito de violência é algo bastante complexo e desafiador. Por mais que se busquem definições, classificações e explicações sobre o que é violência, dificilmente seria possível mencionar todas as formas de violência. É por esse motivo que o termo violência é tratado nestas linhas no plural, exatamente para evidenciar suas diferentes formas e abrangências.[141]

O termo violência possui natureza polissêmica e é comumente utilizado na sociedade em contextos diferentes. Muitas vezes, o termo é usado quando uma pessoa é assassinada ou quando sofre maus-tratos, sendo eles físicos, emocionais ou psicológicos. No âmbito conjugal, a violência ocorre, por exemplo, por meio de agressões físicas, relações sexuais forçadas,

[140] CUNHA, 2022, p. 16.
[141] CUNHA, 2022, p. 16.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

isolamento social, proibição do uso de celular e/ou televisão, proibição de a esposa ir ao médico ou consultar outros profissionais de saúde, intimidação, ameaças, entre outras formas incomensuráveis. No âmbito profissional, a violência é observada, também, através do assédio moral, especialmente em épocas de eleições.

De acordo com a definição encontrada no dicionário, violência é caráter ou qualidade de violento, que age com força bruta, com agressividade, ato de crueldade. Em termos jurídicos, ela pode representar o constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, obrigando essa pessoa a fazer algo que lhe foi imposto.[142] Vê-se, então, que o dicionário pesquisado não aponta para a existência da violência simbólica.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), órgão subordinado à Organização das Nações Unidas (ONU), violência é "o uso intencional de força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação"[143]. Entretanto, a definição da OMS parece mais profunda e explicativa.

Como esta dissertação aborda a violência simbólica perpetrada contra uma mulher, a pastora Joana D'Arc, o estudo focará nas violências contra as mulheres. Sabe-se que a expressão violência contra a mulher foi cunhada pelo movimento social feminista há cerca de 30 anos.[144] Essa expressão contempla situações diversificadas, como as que Lilia Schraiber e Ana Flávia d'Oliveira relatam:

> A violência física, sexual e psicológica cometida por cônjuges, além do estupro, do abuso sexual de meninas, o assédio sexual no local de trabalho, a violência contra a homossexualidade, o tráfico de mulheres, o turismo sexual, a violência étnica e racial, a violência cometida pelo Estado, por ação ou omissão, a mutilação genital feminina, a violência e os assassinatos ligados ao dote, o estupro em massa nas guerras e conflitos armados.[145]

As autoras mencionam os tipos de violência ligados à cultura machista, como aquelas associadas ao dote, que até hoje vitimizam mulheres e as tratam como mercadorias.

Quando se diz que determinado tema ou fato é de saúde pública, afirma-se, dentre outras coisas, que ele deve ser tratado pelo Estado, através de políticas públicas, intermediações, ações diretas e investimento financeiro. Em 1996, a World Health Assembly – Assembleia Mundial

[142] Para mais informações, consulte: DICIO. *Violência.* [s.d.]. [*online*]. [n.p.].
[143] PAHO [*Site* institucional]. [s.d]. [*online*]. [n.p.].
[144] COSTA, Ana A. A. O movimento feminista no brasil: dinâmicas de uma intervenção política. *Revista da Universidade Federal Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-20, 2005. p. 1.
[145] SCHRAIBER, Lilia B.; D'OLIVEIRA, Ana Flávia Lucas Pires. Violência contra mulheres: interfaces com a saúde. *Revista Interface*, Botucatu, v. 3, n. 5. p. 11-26, 1999. p. 13.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

da Saúde –, através da resolução WHA 49.25, afirmou que a violência é um dos principais problemas de saúde pública. Além disso, ela solicitou que a OMS caracterizasse os diferentes tipos de violência.[146]

A Organização Mundial da Saúde (OMS) instituiu três tipologias de violência. A violência autodirigida é aquela que o sujeito age contra si mesmo com pensamentos e/ou tentativas suicidas, automutilação, entre outras. A violência interpessoal compreende as violências entre as pessoas, seja no âmbito doméstico, intrafamiliar, ou na vida comunitária, de modo que os praticantes dessa violência podem ou não conhecer suas vítimas, como ocorre nos casos de abuso infantil, agressão entre parceiros, maus-tratos contra pessoas idosas, estupro ou ataques sexuais, bem como violências praticadas em instituições, o que inclui as instituições religiosas. A violência coletiva ou comunitária acontece no ambiente social, em geral, entre pessoas conhecidas ou desconhecidas, e ela é praticada através de agressão, colocando em risco a vida e/ou os bens das pessoas.[147]

Além de instituir as três categorias de violência, a ONU estabeleceu distinções quanto à natureza da violência. A violência, no que tange à natureza, pode ser dividida em: violência física; violência psicológica/moral; tortura; violência sexual; tráfico de seres humanos; violência financeira/econômica; negligência/abandono; trabalho infantil; e violência por intervenção legal.[148]

A violência física pressupõe o uso de força física, intencional e não-acidental, bem como pode ocorrer de diversas formas: "tapas, beliscões, chutes, torções, empurrões, arremesso de objetos, estrangulamentos, queimaduras, perfurações, mutilações, entre outros"[149]. A violência doméstica, tão abordada nos dias de hoje, porém, menos do que deveria, é um exemplo dessa violência, mas ela não se restringe ao aspecto físico, como será falado adiante. Esse tipo de violência também ocorre quando armas de fogo são utilizadas causando ferimentos – inclusive nos casos de bala perdida –, e quando há ferimentos por arma branca. O objetivo de quem pratica esse tipo de violência é ferir, lesar, provocar dor e sofrimento ou destruir a pessoa, deixando, ou não, marcas evidentes em seu corpo.[150]

A violência psicológica/moral, por sua vez, representa toda forma de rejeição, depreciação – desmerecer o comportamento ou as características físicas de outrem –,

[146] COELHO, Elza B. S.; SILVA, Anne C. L. G.; LINDINER, Sheila R. *Violências*: definições e tipologias. Florianópolis: UFSC, 2014. p. 13.
[147] DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. *Violência*: um problema global de saúde pública. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11. p. 1163-1178, 2006. p. 1166.
[148] CEVS. *Tipologia da violência*. [s.d]. [*online*]. [n.p.].
[149] CEVS, [s.d], [n.p.].
[150] CEVS, [s.d], [n.p.].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

discriminação – por crença, cor, gênero, etc. –, desrespeito, cobrança exagerada, punições humilhantes e utilização da pessoa para atender às necessidades psíquicas de outrem – como a chantagem. Esse tipo de violência também pode ser chamado de violência moral e consiste em toda ação capaz de causar danos à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento de outrem. São exemplos desse tipo de violência: a calúnia, a difamação, a injúria, entre outras. No ambiente escolar, esse tipo de violência é conhecido geralmente como *bullying*, tendo a variação *cyberbullying*, quando ocorre em ambientes virtuais. Quando acontece em ambientes profissionais, esse tipo de violência costuma ser chamado de assédio moral, e, comumente, dá-se a partir de relações de poder entre patrão e empregado ou empregado e empregado.[151]

A tortura é, conforme a lei que a disciplina – Lei nº 9.455/1997 –, o ato de constranger alguém através do emprego de força ou grave ameaça, causando sofrimento físico ou mental, com a finalidade de obter informação, declaração ou confissão dela ou de terceiros. Ela também pode ocorrer quando alguém provoca ação ou omissão de natureza criminosa, ou quando um sujeito age com tortura contra outrem em razão de discriminação racial ou religiosa.[152] Essa classe de violência é muito conhecida por sua ocorrência em presídios, quando um ente estatal, por exemplo, submete alguém, sob sua guarda, poder ou autoridade, através do emprego de força ou grave ameaça, provocando à vítima um intenso sofrimento físico ou mental, com a intenção de aplicar castigo pessoal ou medida de caráter preventivo, em vez de usar a punição administrativa cabível – se for o caso.[153]

A violência do tipo sexual ocorre quando uma pessoa, valendo-se de sua posição de poder e fazendo uso de força física, coerção, intimidação ou influência psicológica, com uso ou não de armas ou drogas, obriga outra pessoa, de qualquer sexo e idade, a ter, presenciar, ou participar de alguma maneira de interações sexuais, ou a utilizar, de qualquer modo a sua sexualidade, com fins de lucro – filmes pornográficos, por exemplo –, vingança ou outra intenção – mesmo que seja por puro sadismo. A violência sexual é crime, ainda que exercida por um familiares, sejam eles, pais, mães, padrastos, madrastas, companheiros (as), esposos (as), entre outros. Segundo o Centro Estadual de Vigilância em Saúde do Rio Grande do Sul (CEV/RS), dentre as várias formas de violência sexual, pode-se citar:

> Situações de estupro, abuso incestuoso, assédio sexual, sexo forçado no casamento, jogos sexuais e práticas eróticas não consentidas, impostas, pornografia infantil,

[151] CEVS, [s.d], [n.p.].
[152] BRASIL. Casa Civil. *Lei nº 9.455, de 7 de abril de 1997*. [Define os crimes de tortura e dá outras providências]. Brasília: Presidência da República. [*online*]. [n.p.].
[153] CEVS, [s.d], [n.p.].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

> pedofilia, voyeurismo, manuseio, penetração oral, anal ou genital, com pênis ou objetos, de forma forçada.[154]

O tráfico de seres humanos representa a movimentação de pessoas por meio do engano ou coerção com o fito de explorá-las – prostituição, trabalho sem remuneração, incluindo o doméstico, escravo ou de servidão, casamento servil ou para a remoção e comercialização de seus órgãos, com emprego ou não de força física. Esse tipo de violência pode ocorrer dentro de um mesmo país, em países fronteiriços ou entre diferentes continentes. Esse tipo de engano ocorre, por exemplo, quando o/a traficante promete que levará a vítima para determinado lugar, no intuito de dar a ela melhores condições de vida, prometendo emprego, por exemplo, mas sem mencionar o tipo de atividade que a vítima exercerá ou fazendo menção com falsidade.

A violência financeira e econômica, também conhecida como violência patrimonial, ocorre geralmente contra pessoas idosas, mulheres e pessas com deficiência. Por exemplo, quando um filho pega dinheiro escondido da mãe já de idade ou de sua avó, causando-lhe prejuízos financeiros e aproveitando-se da condição, às vezes de impotência, de sua vítima. Em termos mais formais, "consiste na exploração imprópria ou ilegal, ou no uso não consentido de seus recursos financeiros e patrimoniais"[155]. O objeto não precisa ser necessariamente o dinheiro, mas pode ser também objetos, documentos pessoais, instrumentos de trabalho, bens em geral. Através desse tipo de violência, pode ocorrer, por parte do violentador, a perda, a destruição, o dano e/ou a retenção dos objetos que pertencem à vítima.

A negligência ou abandono é um tipo de violência muito reportado na atualidade, em que o egoísmo e a vida de aparências reinam. As pessoas hoje só recebem cuidado e atenção quando são úteis, sendo desprezadas e jogadas em asilos, por exemplo, quando necessitam que seja retribuído o cuidado que delas se recebeu nas fases mais precoces: o que é algo que se acentua mais ultimamente, num contexto contemporâneo em que o valor das coisas é medido com base enquanto mais "instagramáveis"[156] elas são. Assim, negligência ou abandono é a omissão em deixar de prover as necessidades e cuidados básicos de uma pessoa – tanto no aspecto do desenvolvimento físico, quanto emocional ou social. Pode-se visualizar esse tipo de violência também contra crianças, e ela consiste, dentre outras coisas, na privação de medicamentos, falta de cuidados necessários de saúde, descuido com a higiene da vítima e abandono intelectual.[157]

---

[154] CEVS, [s.d], [n.p.].
[155] CEVS, [s.d], [n.p.].
[156] Que ou aquele que é ideal para ser publicado na rede social *Instagram.* Por exemplo, o hotel tem um ambiente muito instagramável.
[157] CEVS, [s.d], [n.p.].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

O penúltimo tipo de violência, quanto à natureza elencada pela ONU, é o trabalho infantil.[158] Trata-se do conjunto de ações e atividades executadas por crianças e adolescentes, atrapalhando-as ou impedindo-as de gozar plenamente de sua infância e adolescência. De modo mais técnico, o CEVS/RS define o trabalho infantil da seguinte forma:

> Qualquer tipo de atividade desempenhada por crianças e adolescentes de modo obrigatório, regular, rotineiro, remunerado ou não, em condições por vezes desqualificadas e que põem em risco o seu bem-estar físico, psíquico, social e moral, limitando suas condições para um crescimento e desenvolvimento saudável e seguro.[159]

Esse tipo de violência é bastante questionado por grupos conservadores, que acreditam que o trabalho é algo que não deve ser impedido ou regulado. Porém, os grupos mais progressistas acreditam que esse pensamento conservador está a serviço do capitalismo e dificulta que crianças e o adolescente ascendam às classes sociais por meio da educação. Entende-se que a desigualdade social e a pobreza são condições que afetam especialmente as crianças mais pobres, que sofrem de qualquer forma: se trabalharem para ajudar os pais, ceifam sua infância e adolescência e seus estudos, porém, se não o fizerem, serão subnutridas, o que também prejudica potencialmente seus estudos.

Por fim, dentro do rol dos nove tipos de violência elencados pela ONU, tem-se a violência por intervenção legal, que é aquela em que o violentador é o Estado, e a vítima o cidadão e a sociedade em geral. Ela ocorre quando um agente legal, ou seja, um representante do Estado – por exemplo, a polícia ou outro agente da lei –, no exercício de sua função, comete, por exemplo, abuso de autoridade. Esse tipo de violência pode pelo uso de armas de fogo, explosivos, gás, objetos perfurantes, empurrões, golpe, "coronhadas", murros, entre outras formas. Ela pode resultar em ferimentos, constrangimento e morte. Esse é outro tipo de violência muito debatido pelos progressistas e conservadores. Estes defendem, de certa forma, a violência policial, mas, aqueles, porém, a condenam veementemente.[160]

Portanto, após análise dos nove tipos de violência enumerados pela ONU, compreende-se que a violência é algo muito mais complexo e presente. Para Suelen Cunha, "a violência pode ser comparada a um *iceberg*. Enxerga-se somente a ponta e não se sabe que as variações e a profundidade deste grande bloco de gelo são inúmeras vezes maiores do que percepção

[158] Trabalho infantil é crime, salvo menores a partir de 14 anos em condição de aprendiz, segundo Constituição Federal - Artigo 7º, inciso XXXIII. Saiba mais em: BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Presidência da República. [*online*]. [n.p.].
[159] CEVS, [s.d], [n.p.].
[160] CEVS, [s.d], [n.p.].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

superficial consegue captar"[161]. Dessa forma, a violência nada mais é que a desigualdade de forças a serviço da dominação, como será visto mais à frente pelas lentes de Pierre Bourdieu.

Alguns avanços foram alcançados no Brasil em relação à violência física contra a mulher. Um exemplo é a Lei Maria da Penha,[162] Lei nº 11.340/2006, que reflete a conquista de uma das principais bandeiras das feministas, que é a bandeira contra a violência doméstica.[163] Outros exemplos podem ser mencionados: a Lei do Feminicídio,[164] Lei n° 13.104/2015; e a Lei da Importunação Sexual,[165] Lei nº13.718/2018, que pouco avançou em tipos mais específicos de violência, como as de cunho mais emocional e simbólico.

A Lei Maria da Penha classifica a violência doméstica e familiar contra a mulher em cinco tipos, a saber: violência física, que abarca qualquer ato de ferir a integridade ou saúde corporal da mulher; violência psicológica, que envolve qualquer ato que possa causar dano emocional, diminuição da autoestima da mulher, perturbação do pleno desenvolvimento da mulher ou que intencione degradar ou controlar a mulher; violência sexual, que representa qualquer atitude capaz de constranger a vítima a participar, presenciar ou manter relação sexual não desejada, através de ameaças, intimidação, coação ou uso de força física; violência patrimonial, que é qualquer ato que retenha, subtraia, destrua, parcial ou totalmente, os pertences da mulher, desde objetos até documentos pessoais e bens, além de recursos econômicos – em espécie ou no banco; violência moral, que é qualquer atitude que configure difamação, calúnia ou injúria contra a mulher.[166]

O trabalho da Lei Maria da Penha em classificar a violência, bem como o labor da OMS em categorizar as violências são úteis e necessários. Mas, essa tarefa falha em reduzir as violências a algo restrito, não abrangendo as violências simbólica e religiosa contra as mulheres – tipos de violência não categorizados nem identificados pelos órgãos oficiais e/ou pela legislação vigente. Esses dois tipos de violência apresentam especificidades, sendo muitas vezes mais sutis e difíceis de combater. Se a Lei Maria da Penha e a OMS as adicionassem em seu rol de violências, teria-se mais visibilidade a elas, permitindo o diálogo e o seu enfrentamento, para que as mulheres – e toda a sociedade – soubessem da existência delas e, assim, pudessem buscar ajuda.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

---

[161] CUNHA, 2022, p. 18.
[162] ALVES, Ana C. F.; ALVES, Ana K. S. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. *In*: SEMINÁRIO CETROS, IV, 2013, Fortaleza. *Anais*... Fortaleza: CETROS, 2013. p. 113-118. [pdf]. p. 116.
[163] BRASIL, 1988, [n.p.].
[164] BRASIL, 1988, [n.p.].
[165] BRASIL, 1988, [n.p.].
[166] INSTITUTO MARIA DA PENHA. *Tipos de violência*. [s.d]. [*online*].

A contribuição das Ciências das Religiões para o estudo desses tipos mais discretos, por assim dizer, e sorrateiros de violência – a simbólica e a religiosa – é fundamental. Afinal, "a Ciência da Religião não instrumentaliza seus objetos em prol de uma apologia a uma determinada crença privilegiada pelo pesquisador"[167], diferentemente da Teologia, que fala de dentro de uma religião em específico. A Ciência da Religião, então, adota uma epistemologia específica fundamentada no compromisso como o ideal distanciamento diante de seu objeto de estudo – nesse caso, a violência religiosa, o que os estudiosos chamam de ateísmo metodológico, ou agnosticismo metodológico.[168] Esse tipo de olhar é essencial para verificar como as religiões, no caso desta pesquisa envolvendo uma igreja evangélica pentecostal, em sua exegese bíblica e práticas diárias, sustenta e fortalece esses tipo de violência.

Na próxima seção, aborda-se a violência simbólica e religiosa, segundo o pensamento de Pierre Bourdieu, que, apesar de não categorizada e identificada pelos órgãos oficiais e na legislação, também é uma forma de violência contra as mulheres a partir do exercício do poder simbólico.

2.2 Violência religiosa simbólica a partir de Pierre Bourdieu

No primeiro capítulo desta pesquisa, o termo gênero foi abordado de maneira bastante intensa e, por isso, escolheu-se deixar a violência religiosa simbólica para ser tratada num capítulo posterior. Afinal, como ferramenta teórica, a conceituação de gênero tem permitido uma ampla crítica cultural da dominação masculina, da subordinação e da opressão feminina. Assim, ao entrar no tema central da pesquisa, que é a violência simbólica, mormente no seu aspecto religioso, ou seja, a violência religiosa simbólica, pode-se dizer que a expressão simbólica advém da ideia de que "a força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física"[169], causando danos morais e psicológicos.

Esse conceito se encaixa perfeitamente no objeto desta pesquisa, pois, as queixas constantes da pastora Joana D'Arc em estar sempre sem paciência, apreensiva e irritada, advêm da violência religiosa simbólica que ela sofre dos membros da igreja, que parecem não reconhecer a autoridade sacerdotal que ela carrega, com o título de pastora e vice-presidente

[167] PASSOS; USARSKI, 2013, p. 51.
[168] PASSOS, USARSKI, 2013, p. 51.
[169] BOURDIEU, 2016, p. 50.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

da igreja. Ninguém a agride fisicamente, mas a violência é exercida sobre o corpo dela, o que explica os sintomas corporais que ela sente e expressa.

Deixe-se claro, de imediato, que a existência da violência simbólica e o estudo e análise dela não minimizam o papel da violência física, muito menos negligência que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, ou, o que é ainda pior, não tenta desculpar os homens por essa forma de violência.[170] Quando expõe-se algo invisível aos olhos, não se nega aquilo que está diante dos olhos. Pelo contrário, isso mostra que a violência é muito mais profunda e enraizada do parece ser à primeira vista.

Pierre Bourdieu não teria intuído que, em pleno ano de 2023, a sociedade estaria defendendo ideias tão regressistas como a de que a mulher deve ser dona-de-casa apenas. O sociólogo francês, em sua época, cunhou a expressão dominação masculina – que será tratada mais adiante –, explicando que ela se manifesta em todas as esferas da sociedade, sujeitando as mulheres aos homens de forma hierárquica e fortalecendo a violência de gênero.[171]

De acordo com Gebara, "a justificação da dominação masculina sobre as mulheres era possível porque a cultura patriarcal tinha seu justificador absoluto, um justificador masculino celeste que presidia a sociedade hierárquica"[172]. Esse justificador celeste nada mais seria que o Deus judaico-cristão, que, sendo do sexo masculino, domina todo o universo, tal como o homem deveria dominar toda a natureza, o que incluiria a mulher. Esse fato demonstra que a dominação masculina vai além do que uma questão social e histórica, possuindo também uma explicação teológica, que perpassa a instrumentalização da palavra Deus como um sujeito masculino, num jogo de palavras fruto de uma sociedade patriarcal e machista, a qual é a "expressão de culturas de dominação masculina"[173].

Dessa forma, a concepção de Deus como um pai, e não uma mãe, masculino, e não feminino ou neutro, resulat da cultura e dos jogos de poder da sociedade machista, e não representa algo intrinsecamente bíblico e/ou dogmático. Gebara advoga a ideia de que Deus ganhou a conotação masculina pelo fato de as pessoas que detinham o poder de falar, escrever e ilustrar sua figura eram os homens.[174]

Desse modo, "a imagem que se tinha de Deus só podia ser prioritariamente a imagem do poder dos que o afirmavam como força criadora e reguladora da vida humana e do universo

[170] BOURDIEU, 2016, p. 46.
[171] BOURDIEU, 2016, p. 46.
[172] GEBARA, 2007, p. 15.
[173] GEBARA, 2007, p. 12.
[174] OLIVEIRA, Taiane M. *Religião e direitos*: revenge porn pornografia de vingança, violência cibernética contra as mulheres. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2020. p. 37.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

e, por essa afirmação, corroboravam seu próprio poder social"[175]. Ou seja, como em toda ou quase toda história humana conhecida, foram os homens que dominaram o cenário de poder, pois, eles espelharam sua condição masculina no Deus acima deles, até mesmo para justificar sua própria suposta superioridade de gênero.

Segundo Pierre Bourdieu, a violência simbólica possibilita que se transforme as "relações de dominação e de submissão em relações afetivas, a transformação do poder em carisma"[176]. Em outras palavras, quando uma mulher, por exemplo, sofre esse tipo de violência, ela quase sempre não se sente realmente violentada, mas, muitas vezes, sente-se grata pelo reconhecimento concedido. No caso desta pesquisa, a elaboração teórica de Pierre Bourdieu se daria na prática no fato de a pastora Joana D'Arc ter o título de pastora, mesmo numa igreja conservadora, onde mulheres podem basicamente ser apenas diaconisas, missionárias e pastoras, não podendo ocupar cargos mais elevados como o de presbítero, por exemplo, nem assumir liderança de grupos, como o de evangelismo. Ou seja, a pastora deveria ser grata tão-somente por ter esse título, como se fosse um favor recebido. Para Claudete Beise Ulrich, a violência e a discriminação contra as mulheres e decorrem de uma interpretação dualista do mundo e do corpo. Assim, para que haja uma mudança nesse cenário, é fundamental que essas dicotomias sejam superadas em prol de uma visão e perspectiva integrais da vida humana, e em especial das mulheres.[177]

A dominação masculina, que é uma forma de dominação simbólica, torna-se possível justamente pela violência simbólica. E isso não se restringe apenas às relações sociais seculares, mas abarca também ambientes como as igrejas, nas quais essa dominação pode se revelar até mais intensa, mostrando que a religião pode ser um verdadeiro instrumento de reafirmação de dominações, comportamentos e hábitos.

A religião, através de sua estrutura simbólica, "contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento"[178]. Dessa forma, pode-se afirmar que a religião não é, nunca foi e jamais será neutra. Pierre Bourdieu entende que a religião é formada a partir de uma estrutura que tem por fim o acatamento de ideologias e práticas por parte dos fiéis. Para que essa estrutura funcione adequadamente, é feita toda uma divisão

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[175] GEBARA, 2007, p. 28.
[176] BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996. p. 170.
[177] ULRICH, Claudete B. Gênero como categoria de análise do fenômeno religioso: perspectivas teológicas feministas para superação das violências. *In*: BRAGA JUNIOR, Reginaldo P.; ROSA, Wanderley P. *Religião, violências e direitos humanos*. Vitória: Unida, 2019. p. 81.
[178] BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 33.

trabalho interno que tem muitas semelhanças com as divisões sociais. Essa divisão religiosa determina também as relações de poder dentro de uma sociedade, legitimando-as, inclusive.

Por mais que muitos desqualifiquem e até desacreditem no fenômeno da violência simbólica, ela existe e está presente no dia a dia, sendo um dos meios de exercício do poder simbólico, "poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem"[179]. Muitas pessoas acreditam que só existe aquilo que podem tocar, como hematomas provocados por uma violência física, apesar de essas mesmas pessoas acharem o *bullying*, por exemplo, que é um tipo de violência simbólica, algo inaceitável e que deve ser combatido.

Como afirma Xavier Crettiez, "certamente existe a multiplicidade de formas de violência [...]: o que há de comum entre um insulto e o tiro de uma arma [...] entre uma briga de rua e um genocídio em país tropical?"[180]. Além do já citado *bullying*, existe também violências raciais, filosóficas, de gênero, de de sexualidade, entre outras. A sociedade é cercada por todos os lados de formas de violência não físicas.

Para Xavier Crettiez, não se trata apenas da intensidade das práticas, mas também da finalidade e da natureza delas. O autor assevera que a dificuldade de se medir a violência é um problema, pois, corre-se o risco de chocar, uma vez que a violência é relativa e pode ser percebida de modos diferentes de acordo com a época, os meios sociais, os universos culturais, entre outros aspectos. Um exemplo disso é a violência simbólica contra negros, muito voltada, por exemplo, para as piadas racistas. Até o século passado, era comum fazer piadas desse tipo e poucas pessoas não riam. Hoje, porém, além de ser algo politicamente incorreto, quem faz esse tipode piada sofre cancelamento nas redes sociais e até fora delas.

Um exemplo interessante, dentre outros, a respeito dessa ideia, dizendo que "o que parece violência a um jovem burguês parisiense provavelmente não significaria o mesmo para seus antepassados rurais da alta Idade Média, confrontados com uma vida difícil"[181]. Percebe-se que o contexto social e temporal em que se vive interfere totalmente na forma como as pessoas compreendem a violência. A violência se manifesta todos dias, ao passo que um morador de bairro nobre fica muito mais traumatizado ao se defrontar com a violência, uma vez que está mais protegido dela, por meio dos muros de seu condomínio fechado.

É comum ver e ouvir vários homens, especialmente os conservadores, minimizando a dor das mulheres na sociedade, chamando as feministas, por exemplo, de todo tipo de

[179] BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 7-8.
[180] CRETTIEZ, Xavier. *As formas de violência*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 9.
[181] CRETTIEZ, 2011, p. 11.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

impropérios devido às críticas que elas fazem ao chamado machismo estrutural. Mas, eles fazem essas críticas porque não sofrerem o que as mulheres sofrem em seu cotidiano.

Ao fazer uma analogia e para ilustrar a relatividade da violência, pode-se usar um exemplo de duas pessoas sangrando, um homem e uma mulher. Porém, o primeiro com o sangramento na perna, e a segunda no braço. Se um tentar minimizar a dor do outro, dizendo que a dor própria é maior do que a outra, isso será algo enviesado e impreciso, já que não é possível medir a dor de forma precisa, como afirma Fátima Sousa:

> Por ser uma experiência subjetiva, a dor não pode ser objetivamente determinada por instrumentos físicos que, usualmente, mensuram o peso corporal, a temperatura, a altura, a pressão sanguínea e o pulso. Em outras palavras, não existe um instrumento padrão que permita a um observador externo, objetivamente, mensurar essa experiência interna, complexa e pessoal.[182]

Quando os homens machistas, por exemplo, dizem que a dor que a mulher sente em virtude da opressão do patriarcado e do machismo estrutural é uma inverdade, estão julgando a dor alheia com base em paradigmas próprios de quem não sofre esse tipo de violência simbólica e subjetiva. Isso é um grave erro, pois gera ainda mais choques entre homens e mulheres, em vez de levar a um diálogo saudável em que um pudesse enxergar e entender a dor alheia, de modo que ambos saíssem ganhando em empatia.

É como se uma pessoa branca dizesse que os negros são vitimistas e mimizentos[183], não tendo lugar de fala para julgar tal coisa, afinal, o homem branco é beneficiado pela estrutura social da qual faz parte. Lugar de fala é o "lugar no qual, do ponto de vista discursivo, os corpos subalternizados reivindicam sua existência"[184]. Isso, é claro, não o impede de refletir criticamente sobre as mulheres e o racismo, mas isso tem que ser feito a partir do lugar que ocupa, isto é, de dominação. Sua fala, porém, não terá o mesmo peso da de uma mulher negra. Seria ilógico sequer supor que pudesse ter o mesmo peso já que é impossível assumir a fala do outro.[185]

Essa ideia de que as mulheres devem assumir seus papéis socialmente impostos e que as que se insurgem contra isso são estigmatizadas como vítimas, a despeito de tudo o que os homens fizeram e fazem ao longo da história contra as mulheres, faz parte também da dominação masculina. É como se uma pessoa falasse para um escravo africano do século XVIII

[182] SOUSA, Fátima A. E. F. Dor: o quinto sinal vital. *Revista Latino-Americana De Enfermagem*, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 443-458, 2002. p. 446-447.
[183] Adjetivo pejorativo dado a pessoas que se diz que passam a vida reclamando e se lamentando.
[184] SANTOS, Gilney C. R. D. O que é lugar de fala? *Revista Saúde em Debate*, São Paulo, v. 43, n. 8. p. 360-362, 2019. p. 361.
[185] SANTOS, 2019, p. 361.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

que a condição subjugada dele é natural e, se ele não a aceitasse, seria visto como um fraco e um ingrato por tudo o que o seu senhor fazia por ele. Pierre Bourdieu vai além, afirmando que se trata de uma máquina simbólica, pois, "a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la"[186].

Assim, a dominação masculina é algo que deve ser aceito sem contestação. Em outras palavras, as coisas são assim porque são e pronto. No contexto da religião cristã, alguns diriam: é a vontade de Deus. Quem ouse contestar isso é sumariamente tachado de todas as formas depreciativas possíveis. Pierre Bourdieu aprofunda mais a dominação masculina, demonstrando o quanto a mulher é marginalizada no tecido social, mesmo constituindo a maioria da população mundial. Isso mostra o quanto a luta feminista é necessária e urgente, apesar de cada vez mais sofrer resistências por parte de grupos conservadores em que: "as mulheres são excluídas de todos os lugares públicos, assembleia, mercado, em que se realizam os jogos comumente considerados os maissérios da existência humana, que são os jogos da honra"[187]. Nesse sentido, a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólicas alicerçada pela dominação masculina e tende a ser ratificada por ela. Ou seja:

> É a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é aestrutura do espaço, opondo o lugar da assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres: ou, no interior desta, entre a parte masculina, como o salão, e a parte feminina, como estábulo, a água e os vegetais; é aestrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos.[188]

Por diversas vezes, o autor da pesquisa ouviu na igreja pentecostal de Serra-ES que "homem deve fazer serviços de homem e mulher serviços de mulher". É muito comum também, no contexto dessa igreja, defender a ideia de que a esposa cristã ideal deve, preferencialmente, trabalhar dentro de casa, dar o prato de comida na mão do marido e servi-lo das mais variadas formas possíveis. Ele, o esposo, deve proteger e prover a esposa.

Nessa lógica, muitas esposas são aconselhadas nesta denominação a largar seus empregos formais e passarem a ser donas de casa. Sobre os papéis específicos ensejados nas instâncias de poder sociais, que colaboram para a reprodução da dominação masculina, Pierre Bourdieu afirma:

[186] BOURDIEU, 2015, p. 18.
[187] BOURDIEU, 2016, p. 62.
[188] BOURDIEU, 2015, p. 18.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

> O trabalho de reprodução esteve garantido, até época recente, por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que, objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes. É, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem.[189]

No contexto da igreja pesquisada, enfatizasse a família e os chamados valores familiares, cuja responsabilidade principal pela propagação é colocada na família. Isso não ocorre à toa, pois, como Pierre Bourdieu afirma, cabe à família o papel principal na reprodução da dominação masculina. Na leitura da teologia dessa igreja, a escola foi tomada por progressistas a favor da ideologia de gênero, de modo que a importância da família cresce ainda mais como colaboradora principal da igreja nessa missão antiprogressista.

Na lógica dos valores familiares defendidos na igreja em questão, está o antifeminismo. Pierre Bourdieu argumenta que a dominação masculina tem condições para seu pleno exercício, e "a primazia universalmente concedida aos homens se afirmar na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social"[190]. O sociólogo francês vai além, mostrando o quanto a igreja colabora para a perpetuação dessas ideias:

> Quanto à Igreja, marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de trajes e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres.[191]

De modo semelhante, Pierre Bourdieu aborda a contraposição entre o feminismo e a moral familiarista,[192] retratando a dominação masculina sobre o prisma da exigência que se faz às mulheres, em diversos ambientes, para que elas se submetam às vontades do marido ou companheiro. Caso contrário, elas estarão sendo feministas e, portanto, estarão afrontando o padrão bíblico, os valores da família tradicional, os da liderança e, em último grau, os de Cristo.

Além disso, é comum na igreja pentecostal de Serra-ES, a ideia de que o feminismo é algo mal e que, com efeito, deve ser combatido e expurgado de dentro das igrejas. Para a liderança dessa igreja, a mulher deve reconhecer a autoridade do homem e sujeitar-se a ela – e à autoridade dos líderes da igreja –, pois esse é seu dever e sua forma de exercer a fé

[189] BOURDIEU, 1999, p. 103-104.
[190] BOURDIEU, 2016, p. 45.
[191] BOURDIEU, 1999, p. 103-104.
[192] BOURDIEU, 1999, p. 10.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

cristã.[193] Quanto à imperceptibilidade da violência simbólica, assim concluem Wallace Cruz e Francisco Pereira:

> A dominação masculina em relação à mulher, se mostra nas diferentes instituições humanas e afirma-se na violência simbólico-religiosa que afeta os corpos de diferentes maneiras. Neste sentido, a violência simbólica é uma maneira poderosa do poder atuar sobre as emoções corporais, paixões e sentimentos e contra vontade. Destarte, as mulheres muitas vezes estão envoltas nestas violências e não se dão conta disso, pois o discurso religioso defende a submissão delas.[194]

Pierre Bourdieu classifica a dominação masculina e a submissão feminina como espontâneas e extorquidas – ao mesmo tempo e sem contradição.[195] Pode-se, antecipadamente, analisar que a pastora Joana D'Arc, de fato, submete-se à autoridade do pastor México de forma espontânea – ela diz gostar disso –, e, biblicamente, estaria respaldada, segundo ela. Mas, ao mesmo tempo, essa submissão é extorquida, pois a pastora constantemente relata que sua autoridade não é respeitada e honrada pelos membros da mesma forma como é a do pastor México. Mais adiante, os questionários aplicados ajudarão a confirmar se isso de fato procede, e em que nível e intensidade isso ocorre.

Em relação à violência simbólica, Pierre Bourdieu explica que ela funciona a partir de um duplo mecanismo de reconhecimento e desconhecimento. Ou seja, a dominação de uns só pode ocorrer – com excessão dos casos de uso de força física – graças ao reconhecimento dos dominados como algo legítimo à ordem social dominante, desconhecendo, assim, seu caráter absolutista e alienante. Tal mecanismo é chamado pelo sociológo francês de servidão voluntária, assemelhando-se ao que os psiquiatras chamam de Síndrome de Estocolmo, cuja relação contém, dentre outras coisas, ameaças, isolamentos, oportunidades de fuga e demonstração de simpatia pelo agressor no período pós-confinamento, isto é, quando a vítima já está em liberdade.[196]

A violência simbólica, invisível para quem a sofre ou para aqueles em nome de quem é exercida, revela-se totalmente interiorizada nos hábitos. Dessa forma, a pior das violências simbólicas é a certeza de que se trata de algo natural, legitimando a ordem social e até conjugal e familiar tal como ela é, ou seja, injusta em essência, mas, intrinsecamente dissimulada.[197]

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

---

[193] MIRANDA, Marcos A. *Violência de gênero e a dominação masculina em nome de Deus:* reflexõesa partir da moralidade neopentecostal. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2018. p. 50-51.
[194] CRUZ, Wallace S.; PEREIRA, Francisco C. Violência de gênero em nome de Deus: uma análise a partir do moralismo neopentecostal. *Revista Jesus Histórico,* Juiz de Fora, a. 13, n. 24. p. 367-382, 2020. p. 373.
[195] BOURDIEU, 2016, p. 50.
[196] SCHMITT, Lara S. *Sequestro de meninas e síndrome de estocolmo*: cativeiro, trauma e tradução. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013. p. 14.
[197] CRETTIEZ, 2011, p. 14-15.

Em ambientes de igreja, é muito comum esse tipo de fala, que perpetua ideias que Pierre Bourdieu classifica como ultrapassadas.

A violência simbólica se manifesta também em ações que passam despercebidas, como a escolha da mulher por um homem mais alto e velho que ela, já que a inversão desse cenário representaria para ela a sensação de se sentir diminuída ao lado de um homem diminuído.[198] A justificativa comum para isso é a procura por maturidade e segurança.Na psicologia junguiana, afirma-se que o indivíduo está tomado pelo complexo, ou seja, ele sequer tem noção de sua dominação devido a tudo que envolve a temática em torno de um símbolo, no caso desta pesquisa, o masculino.[199]

Essa noção é tão forte e visível no dia a dia e pode ser percebida em algumas falas da pastora Joana D'Arc, quando afirma, por exemplo, o temperamento bastante protetor e másculo do marido dela, o pastor México, afirmando que se sente mais segura em ser pastora. A pastora já mencionou, inclusive, que se ele um dia subitamente morresse, ela fecharia a igreja, pois não se sente capaz de conduzir uma igreja sozinha sendo mulher.

Sobre isso, Pierre Bourdieu diz que "os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes, fazendo-as assim serem vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de autodepreciação ou até de autodesprezo sistemático"[200]. Dessa forma, o dominado se sente inferior ao dominante, a ponto de dizer que não conseguiria executar determinada tarefa sem o auxílio do dominante, numa clara autodepreciação.

A respeito da ideia do estigma da inferioridade feminina, Maria Rodrigues, Geraldo Nascimento e Eunice Nonato argumentam o seguinte:

> Ao contrário da violência real, a violência simbólica não tem uma previsão legal sancionatória. Se é verdade que, ao longo dos últimos séculos, foram imensas as conquistas obtidas pelos movimentos feministas, com avanços no reconhecimento dos direitos civis, políticos e econômicos, também é verdadeiro que ainda permanece, em segmentos da sociedade, o estigma da inferioridade feminina em relação ao homem, e que ainda não foi superada.[201]

Nota-se um avanço no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade, mas esse avanço ainda é tímido e tem muito o que melhorar. Certamente, isso não pode ser uma justificativa para o conformismo, mas para empreender um esforço e lutar por um

[198] BOURDIEU, 2016, p. 47-48.
[199] LAZDAN, Alessandra M.; REINA, Fábio T.; MUZZETI, Luci R.; RIBEIRO, Paulo R. M. A dominação masculina de Pierre Bourdieu: críticas e reflexões a partir da psicologia analítica. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 9, n. 2. p. 470-487, 2014. p. 478.
[200] BOURDIEU, 2016, p. 46.
[201] RODRIGUES, Maria E.; NASCIMENTO, Geraldo B.; NONATO Eunice M. N. A dominação masculina e a violência simbólica contra a mulher no discurso religioso. *Revista Identidade*, São Leopoldo, v. 20, n. 1, p. 78-97, 2015. p. 95.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

protagonismo maior da mulher no meio pentecostal, especialmente no contexto da igreja pentecostal de Serra-ES.

São inegáveis e imensas as conquistas sociais e políticas obtidas pelas mulheres através do movimento feminista no século XX – o que inclui direitos civis à educação, ao trabalho, ao voto, à pílula anticoncepcional, além da maior liberdade no que tange aos costumes, como vestir-se e às relações sexuais. Porém, é igualmente notório que a dominação masculina não deixou de existir, perdurando em todas as esferas sociais, não ficando de fora as igrejas. Como bem afirma Pierre Bourdieu, "as mudanças visíveis que afetaram a condição feminina mascaram a permanência de estruturas invisíveis que só podem ser esclarecidas por um pensamento relacional"[202].

Por fim, apesar de as análises feitas neste capítulo e nos anteriores serem um tanto pessimistas, não se pode perder de vista os avanços já conquistados pelas mulheres. O próprio fato de haver uma figura feminina como pastora na igreja pentecostal de Serra-ES, por mais que, supostamente, sem a autoridade prática do pastor México, esposo dela, já representa uma conquista, pois a Pastora Joana D´Arc é oriunda de uma igreja Assembleia de Deus. Há 50 anos, a ordenação de mulheres era impensável no Brasil.

Portanto, não se defende a ideia de que todas as igrejas devem ter uma pastora em seu corpo hierárquico, mas, defende-se o princípio da liberdade, pelo qual todas aquelas que assim o quiserem devem sim ter seu espaço reservado. Mas, claro, sem ferir os princípios constitucionais reservados às religiões. Na última parte deste capítulo, será abordado um tipo específico de dominação masculina: aquela que vitima as mulheres negras, mostrando como a raça é um ingrediente constituinte da violência contra as mulheres, e como as mulheres negras – como a pastora Joana D'Arc – são as que mais sofrem as consequências nefastas do machismo na sociedade patriarcal.

2.3 A violência e o racismo contra a mulher negra no Brasil

Para falar sobre racismo, torna-se necessário antes definir brevemente o que é raça. Segundo Márcio Aguiar, pode-se dizer que, sociologicamente, raça é uma construção social, "ou seja, a cor ou raça de uma pessoa está associada a certo significado simbólico"[203]. Segundo

[202] BOURDIEU, 1999, p. 126.
[203] AGUIAR, Márcio M. A construção das hierarquias sócias: classe, raça. Gênero e etnicidade. *Revista Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, São Paulo, v. 1, n. 37, p. 79-93, 2007. p. 84.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

esse autor, raça ou cor são elementos essenciais para se entender as hierarquias sociais, especialmente no Brasil, um país marcado por episódios tristes como os da escravidão.

Em termos biológicos, a ideia de raça não se sustenta quanto às diferenças enquanto seres humanos, porém, no que se refere à esfera social, classifica-se por raça, trazendo consigo elementos simbólicos e estigmatizados, ou seja, uma pessoa pode ser rotulada positiva ou negaticamente somente por causa de sua cor de pele, já que ser negro e branco no Brasil implica em diferenças de tratamento, acesso ao mercado de trabalho ou em critérios estéticos.[204]

Como já dito, a pastora Joana D'Arc, vice-presidente da igreja pentecostal de Serra-ES, é uma mulher negra, de família pobre e sem formação superior. Não se pode afirmar, para longe de qualquer dúvida, que a violência religiosa que ela sofre na igreja em questão é motivada, de alguma forma, pelo racismo por parte dos membros, mas esse fator não deve ser deixado de lado, em virtude da história do país, marcado pela escravidão, como afirma o dossiê Cultura e Raízes da Violência contra as mulheres, da Agência Patrícia Galvão:

> O quadro se agrava diante de um histórico de colonização e desenvolvimento econômico estruturalmente baseado em relações racializadas – o Brasil está há 127 anos fora do regime escravista, contra 388 anos sob a escravidão legal. Passou, ainda, por duas Ditaduras somente no período republicano, em que a violência, inclusive contra as mulheres, foi institucionalizada.[205]

Numa breve análise e comparação com o período em que o Brasil viveu sob o regime escravista, os anos de liberdade do negro foram poucos. Poucos param para refletir que muitos negros hoje têm bisavós e até avós que foram escravos. É um episódio triste e, ao mesmo tempo, recente no Brasil. Apesar disso, não há desculpas para que ainda não se tenha feito nada eficaz para mudar essa realidade em relação aos negros, especialmente à mulher negra, a que mais sofre com esse cenário.

A institucionalização da violência contra as mulheres pode ser percebida hoje nos dados que se referem à questão salarial. É triste observar que, mesmo que nenhum tipo de violência seja praticado – simbólica ou física –, o ser mulher implica em receber menos que um homem, mesmo ela desempenhando as mesmas funções e ocupando os mesmos cargos. Quando a mulher é negra, aí que a situação piora, uma vez que o racismo estrutural no Brasil faz os contratantes verem-na, muitas vezes, como potencial ocupante de postos como os delimpeza e auxiliar de serviços gerais.[206]

[204] AGUIAR, 2007, 83-86.
[205] AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. [*Site* institucional]. [s.d.]. [*online*]. [n.p.].
[206] MIRANDA, 2018, p. 26-27.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Embora lastimável, é interessante notar que ainda que nenhuma forma específica de violência seja praticada a condição social da mulher implicará que ela receberá menos que um parceiro do sexo masculino que desempenhe as mesmas funções e ocupe o mesmo cargo no mercado de trabalho. Não obstante, o cuidado da casa e dos/as filhas fica com a mulher, na imensa maioria dos casos, o que gera uma dupla ou até tripla jornada.[207]

Infelizmente, as mulheres ganham menos que os homens em todos os cargos, de acordo com uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Elas recebem cerca de 80% do valor pago em forma de salário aos homens.[201] Quando se fala da diferença salarial entre homens e mulheres, muitos esquecem de destrinchar o rol das mulheres e focar no das mulheres negras no Brasil, cuja realidade é invisível para muitos. Quando se fala em desigualdade salarial entre homens e mulheres, é muito comum ouvir-se: "mulheres ganham 30% a menos do que homens no Brasil"[208]. Do pontode vista estatístico, essa afirmação não está incorreta, mas do ponto de vista ético, sim, segundo Djamila Ribeiro, já que coloca as mulheres negras no rol das mulheres em geral:

> Mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos. Homens negros ganham menos do que mulheres brancas e mulheres negras ganham menos do que todos. Segundo pesquisa desenvolvida pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), de 2016, 39,6% das mulheres negras estão inseridas em relações precárias de trabalho, seguidas pelos homens negros (31,6%), mulheres brancas (26,9%) e homens brancos (20,6%).[209]

Ainda sobre a desigualdade salarial, "as desvantagens às mulheres negras sãopercebidas quando lhes são reservadas apenas as piores tarefas e, consequentemente, um salário nada digno por seus esforços"[210]. As mulheres negras ainda são vistas hoje como profissionais de empregos para os quais se exige pouco ou nenhum estudo. De forma complementar a isso:

> A melhoria das condições de inserção no mundo do trabalho nos últimos anos não alterou, portanto, a estrutura da divisão racial e sexual do trabalho, motivo pelo qual uma conjuntura econômica desfavorável tende a ser ainda mais regressiva, sobretudo para as mulheres negras, inseridas majoritariamente em relações instáveis e desprotegidas de trabalho.[211]

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

[207] MIRANDA, 2018, p. 26-27.
[208] IBGE, [s.d], [n.p.].
[209] RIBEIRO, Djamila. *O que é*: lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017. p. 24-25.
[210] SILVA, Maria A. *Trajetórias de mulheres negras líderes de movimentos sociais de Araraquara-SP*: estratégias sociais na construção de modos de vida. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. p. 91.
[211] PINHEIRO, Luana S.; LIMA JUNIOR, Antonio T.; FONTOURA, Natália O.; SILVA, Rosane. *Nota Técnica n. 24 (Disoc):* Mulheres e trabalho - breve análise do período 2004-2014. Brasília, Ipea, 2016. p. 11.

Mesmo com essa realidade de segregação da mulher negra no Brasil, muitas pessoas criticaram quando a "PEC das domésticas" foi sancionada pela ex-presidente Dilma Rousseff, em 2015, garantindo direitos trabalhistas às empregadas domésticas, que são, em sua maioria, negras no Brasil. Segundo dados do IPEA (2020):

> As trabalhadoras domésticas representam, hoje, cerca de 6 milhões de mulheres no Brasil, o que corresponde quase 15% das trabalhadoras ocupadas (10% das brancas e 18,6% das negras). O emprego doméstico se revela, portanto, de enorme importância não apenas para um conjunto particular de mulheres, que se encontra nesta profissão uma de suas únicas alternativas de renda, mas também para a organização da sociedade brasileira.[212]

Percebe-se que o racismo existe de forma bastante forte, mas velada. Embora as formas mais tradicionais de racismo, típicas dos séculos XVIII, XIX e início do XX não tenham deixado de existir e nem de serem relevantes para análise, as formas mais disfarçadas e indiretas de racismo "são tão ou mais danosas e nefastas do que as expressões mais abertas e flagrantes, uma vez que, por serem mais difíceis de ser identificadas, são também mais difíceis de ser combatidas"[213]. O racimo se forma a partir de pequenas atitudes intrínsecas ao cotidiano de muitas pessoas:

> Uma prática comum do racismo é sua forma velada, quando a pessoa não percebe como seu ato é racista, porém esses atos impactam diretamente na forma como as crianças se percebem. Exemplos disso são associar beleza a pessoas brancas e a malandragem a pessoas negras; pentear cabelos lisos enquanto os elogia e, por sua vez, reclamar dos cabelos crespos, enquanto os chamam de difíceis e ruins; ensinar que lápis 'cor de pele' é rosa claro, fazer elogios deturpados como 'apesar de negro você é muito bom em', entre tantos outros.[214]

Certa vez, alguns membros da igreja pentecostal de Serra-ES fizeram uma homenagem aos pastores, isto é, ao pastor México e à sua esposa, pastora Joana D'Arc. Eram bonecos feitos de *biscuit*, representando o casal e seus filhos. O pastor foi representado com um boneco bem branco – ele, na verdade, é pardo e já teve cabelo *black power* na juventude –, e a pastora é bem negra – ela é negra de pele clara, um tom moreno jambo. Os bonecos causaram bastante controvérsia na igreja e soaram para a pastora como uma provocação, como se fosse errado ser representada como de cor escura.

[212] PINHEIRO, Luana S.; TOKARSKI Carolina; VASCONCELOS, Marcia. *Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil*. Rio de Janeiro: Ipea, 2020. p. 7.
[213] LIMA, Marcus E. O.; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Revista Estudos de Psicologia*, Natal, v. 9, n. 3. p. 401-411, 2004. p. 408.
[214] MACHADO, Maria L.; ARAUJO, Nayara S. Primeira infância e negritude: quando o racismo inicia seu impacto na vida da pessoa negra? *In*: CLP [*Site* institucional]. 02 mar. 2021. [*online*]. [n.p].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Pierre Bourdieu fala do racismo velado quando disserta acerca da dominação simbólica contra os homossexuais, que pode ser ocultada. Ele diz que "como em certos tipos de racismo, ela assume, no caso, a forma de uma negação de sua existência pública, visível"[215]. Ou seja, as pessoas tendem a negar a existência do racismo no Brasil e que inclusive são racistas, embora o racismo no Brasil seja estrutural.

Lélia Gonzalez utiliza a teoria marxista para explicar as hierarquias existentes na sociedade, tanto as simbólicas quanto os materiais. Para ela, o racismo é uma ideologia que promove a reprodução de um sistema cuja base é a exploração capitalista.[216] Léllia Gonzalez vai além, mostrando que mesmo o branco pobre se beneficia de sua cor de pele nessa sociedade capitalista, pois, quando compete com o negro nos postos de trabalho e ensino, o branco é mais escolhido pelas empresas apenas por ser branco. Em suas palavras, ela afirma:

> Tanto brancos quanto negros pobres sofrem os efeitos da exploração capitalista. Mas na verdade, a opressão racial faz-nos constatar que mesmo os brancos sem propriedade dos meios de produção são beneficiários do seu exercício. Claro está que, enquanto o capitalista branco se beneficia diretamente da exploração ou superexploração do negro, a maioria dos brancos recebe seus dividendos do racismo, a partir de sua vantagem competitiva no preenchimento das posições que, na estrutura de classes, implicam nas recompensas materiais e simbólicas mais desejadas.[217]

Como dito, o capitalismo é um grande mal na humanidade, e ele mantém a dominação do branco sobre o negro na medida em que o capitalista branco explora o negro. O capitalismo é fruto da dominância do homem – sujeito masculino – ao longo dos milhares de anos de existência humana. Em vez de romper com explorações, o capitalismo reforça essas explorações, dando novas características e novas ferramentas de dominação. Sobre isso, Gebara argumenta que "a humanidade e o planeta Terra estão cansados desse modelo hierárquico masculino de conquista, competição de dominação, que usa a religião patriarcal para legitimar seus objetivos (seus desejos) de lucro e poder"[218].

O racismo hoje atende à lógica de mercado tal como a escravidão atendia aos interesses mercantilistas dos donos de escravos no século XVIII, por exemplo. Da mesma forma que, nessa época, a libertação dos negros seria um prejuízo, hoje, a ascensão de negros na sociedade

[215] BOURDIEU, 2016, p. 143.
[216] GONZALEZ, Lélia. *Cultura, etnicidade e trabalho*: efeitos lingüísticos e políticos da exploração da mulher. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION (LASA), VIII, 1979, Pittsburg. *Anais*... Pittsburg: LASA, 1979. p. 1-11. [pdf]. p. 9.
[217] GONZALEZ, 1979, p. 9.
[218] GEBARA, 2007, p. 58.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

brasileira e mundial não é interessante aos olipolistas[219], na medida em que pode colocar o poder financeiro deles em risco, já que odeiam concorrência.

Os grandes empresários oligopolistas querem que os negros ocupem eternamente as vagas em serviços braçais em vez de vagas em cargos de chefia. Por isso, a política de cotas para esses burocratas não é interessante, pois ela empodera o negro e diminuem a desigualdade.

Quando o assunto é a ascensão da mulher negra no mercado de trabalho, a coisa piora. Afinal, a mulher negra no Brasil hoje é vista como um pedaço de carne, um símbolo sexual, a eterna "globeleza". Como diz Djamila Ribeiro: "mulher negra não é humana, é a quente, a lasciva, a que só serve para sexo e não se apresenta à família. Tambémé o grupo mais estuprado do Brasil, já que essas construções sobre seus corpos servem para justificar a violência que sofrem"[220].

Muitas mulheres negras eram estupradas e mortas no período escravocrata brasileiro. Elas são estupradas e mortas ainda hoje, pois são vistas como inferiores não só ao masculino como também ao feminino branco. Sobre isso, Abdruschin Rocha e Claudete Ulrich nos dão uma contribuição ao dizerem:

> O altar do patriarcado, fortalecido pela cultura machista se fortalece com a violência contra as mulheres e a morte das mesmas, o feminicídio. O patriarcado se reforça a partir das instituições da família, da religião e do estado, que fortalecem a desigualdade de gênero, justificando a violência, a partir do domínio masculino.[221]

Na área dos estudos de gênero, Joan Scott problematiza a violência contra a mulher, propondo um conceito em que o gênero e a raça influenciam totalmente as relações de poder. Ela sugere que, ao estudar o gênero enquanto categoria de análise, deve-se ter uma visão de igualdade política e social que inclua não só o sexo, mas, também, a classe e a raça – no sentido sociológico.[222] Para ela, o gênero seria uma forma primária de composição de relações sociais de poder e dominação, e essa subjugação dá-se através das diferenças notadas entre os sexos – diferenças físicas e biológicas. Importante entender gênero como uma categoria de análise das relações de poder. Neste sentido, Claudete Beise Ulrich salienta que o uso da categoria de análise de gênero permite que se focalize e reflita sobre as relações entre homens

[219] Trata-se de um fenômeno que ocorre quando um número pequeno de empresas possui uma parcela significativa de algum mercado, quase um meio-termo entre um mercado de concorrência e um monopólio. Para mais informações, consulte: HETTWER, Henrique R. Impactos do hegemonismo oligopolista estrangeiro na sojicultora sobre o trabalho e as condições de vida de trabalhadores. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA (ENPPG), XIV, 2019, Santa Maria. *Anais*... Santa Maria: ENPPG, 2019. [n.p.]. [pdf.]. [n.p.].
[220] RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 120.
[221] ROCHA; ULRICH, 2018, p. 17.
[222] SCOTT, 1995, p. 93.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

e mulheres, mas também sobre as relações entre homens e homens e entre mulheres e mulheres.[223] (Claudete Beise ULRICH, 2013)

A esse respeito, Heleieth Saffioti ressalta a importância de se destacar as relações entre machismo e racismo. A socióloga vai além, afirmando que sexismo e racismo são irmãos gêmeos, sendo nada mais que um enovelado de complexidades.[224] Gênero, então, é uma relação de poder que se interliga com outras relações, como classe e raça, dando estrutura à realidade social. O racismo seria irmão gêmeo do sexismo, pois também estabelece estruturas de dominação e subjugação na sociedade.

Toda opressão perpetrada pela dominação masculina sobre a mulher negra é fruto do racismo, que remonta à escravidão, mas não fora gerado apenas dela. O racismo é uma "forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial a que pertençam"[225]. Dessa forma, ao contrário do que muitos dizem, racismo não é só aquilo que você faz de forma consciente e voluntária, mas também aquilo que está arraigado no ser humano e que pode trazer desvantagens aos negros.

Segundo a Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ), "racismo é a discriminação social baseada no conceito de que existem diferentes raças humanas e que uma é superior às outras"[226]. Quando se fala em racismo com o adjetivo estrutural, fala-se que o racismo se relaciona com a estrutura social de modo a naturalizar-se como elemento configurante das relações sociais, políticas e econômicas. O racismo estrutural está embrenhado em todas as esferas da sociedade, fazendo parte de sua estrutura, daí o termo. O racismo estrutural é um processo político, já que essa natureza de poder concede ao grupo racial privilegiado instrumentos para estabelecer a discriminação sistemática para com os grupos raciais menos favorecidos.[227]

Essa forma de racismo disfarçada é tão perigosa, porque, dentre outras coisas, é uma construção teórica que não pode ser judicializada, tal como a violência simbólica, fazendo com que os negros, quando dela falam, sejam ridicularizados por outros grupos, sendo chamados por exemplo de vitimistas. Djamila Ribeiro afirma que "falar de racismo, opressão

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[223] ULRICH, Claudete Beise. Relações de Gênero. In: IECLB. *Relações de Gênero*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2013. p. 9.
[224] SAFFIOTI, Heleieth I. B. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. *Revista Série Estudos e Ensaios*, Brasília, n. 10, p. 190-205, 2019. p. 197.
[225] ALMEIDA, Silvio L. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018. p. 25.
[226] CONAQ. *Significado de Racismo.* [s.d]. [*online*]. [n.p.].
[227] ALMEIDA, 2018, p. 36-40.

de gênero, é visto geralmente como algo chato, 'mimimi' ou outras formas de deslegitimação"[228], sendo que:

> O que ocorre, geralmente, é a tentativa de deslegitimar a luta antirracista, antimachista ou anti-LGBTT fóbica ou a própria teoria do ponto de vista feminista ou lugar de fala, com base na existência de indivíduos como esses, como se homens brancos heterossexuais não fossem o grupo responsável e beneficiado por essas opressões.[229]

Quando se é mulher negra e de origem humilde, como a pastora Joana D'Arc, a violência é tripla, dificultando até a imposição da palavra, como diz Pierre Bourdieu, o que gera um desgaste físico e mental sem precedentes. Analisando a pastora Joana D'Arc em sua atuação na igreja pentecostal de Serra-ES, nota-se que ela tem que adotar uma postura bastante séria e fechada para conseguir o mínimo de respeito por parte dos membros.

Ela sempre relata estar cansada e desgastada física e emocionalmente. Suas pregações são sempre bastante ásperas e firmes, algo bem incomum naquela igreja, em que as mulheres têm um comportamento mais delicado. Fora do púlpito, quando alguém tenta interromper sua fala, o chamado *maninterrupting*[230], ela aumenta o tom de voz e continua a falar. Sobre isso, assim afirma Pierre Bourdieu:

> Quando elas participam de um debate público, elas têm que lutar, permanentemente, para ter acesso à palavra e para manter a atenção, e a diminuição que elas sofrem é ainda mais implacável por não se inspirar em má vontade explícita e se exercer com a inocência total da inconsciência: cortam-lhes a palavra, orientam, com a maior boa-fé, a um homem a resposta a uma pergunta inteligente que elas acabam de fazer (como se, enquanto tal, ela não pudesse, por definição, vir de uma mulher).[231]

O autor fala especificamente de debates públicos, mas, nota-se esse tipo de atitude no dia a dia da igreja pesquisada. A própria pastora Joana D'Arc diz não se sentir capaz de ministrar a Escola Bíblica Dominical e o estudo bíblico. Esse tipo de evento religioso, diferentemente do culto tradicional, em que só o pregador fala e não pode ser interrompido, é onde o ouvinte participa ativamente e o professor é interpelado e interrogado, tendo que responder rapidamente às várias pessoas, sem demonstrar insegurança e/ou falta de domínio do conteúdo. Esse sentimento de incapacidade possivelmente reflete, dentre outras coisas, a insegurança dela decorrente do fato de ser mulher, negra e de origem pobre.

[228] RIBEIRO, 2017, p. 45.
[229] RIBEIRO, 2017, p. 39.
[230] *Manterrupting* é o hábito machista e recorrente dos homens de interromper as mulheres em suas falas, seja informalmente ou em manifestações públicas. Saiba mais em: CYCLE. *Manterrupting*: o que é, causas e como combater? [s.d.]. [*online*]. [n.p.].
[231] BOURDIEU, 2016, p. 74.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Embora as mulheres em geral sofram violência física e emocional, as mulheres negras e indígenas sofrem ainda mais violência do que as mulheres de pele branca. A pastora Joana D'Arc relata diversos casos em que os membros a discriminaram indiretamente por causa da cor de pele dela, tendo inclusive este pesquisador presenciado um desses casos, em que uma mulher disse que "apesar de ela ser 'morena' ela tem cabelo liso". A pastora a respondeu, dizendo que era selagem – tratamento químico feito no cabelo para ele ficar liso.

Certa vez, uma senhora declarou que não queria que o filho dela se casasse com uma mulher negra. Essa mesma senhora disse que o pastor México, esposo da pastora Joana D'Arc, "é muito bonito para ela", deixando subtendido que ele, por ser branco e de olhos verdes, deveria ter se casado com uma mulher branca. O pastor México, inclusive, já relatou que pessoas o aconselharam a divorciar dela e se casar com uma mulher "mais bonita", como fez o irmão dela – negro também –, que recentemente se divorciou de sua esposa negra, casando-se com uma mulher branca da igreja dele. Como dizem Abdruschin Schaefer Rocha e Claudete Beise Ulrich:

> A violência também tem cor no Brasil. Portanto, é necessário buscar entender as raízes históricas, culturais e sociais da violência. É necessário desnaturalizar a violência dos homens contra as mulheres. Esta é uma construção histórica, fortalecida pela exaltação do macho, o que Pierre Bourdieu chamou de dominação masculina.[232]

No trecho acima, é dito que a violência dos homens contra as mulheres é algo já naturalizado na sociedade e que isso precisa ser desnaturalizado. Mas, é necessário ir além, desnaturalizando também a violência de mulheres contra mulheres, que, repetindo chavões e pensamentos machistas, também oprimem as mulheres, como foi dito nos exemplos supramencionados, em que outras mulheres diziam palavras opressivas à pastora Joana D'Arc.

A violência contra as mulheres é algo real e assustador, mas ela é mais intensa quando se trata de mulheres negras. Afinal, de acordo com o Mapa da Violência de 2015, cresceu em 54% o assassinato de mulheres negras, passando de 1.864, em 2003, para 2.875, em 2013, ao passo que o de mulheres brancas diminuiu em 9,8%.[233] Infelizmente, ainda existe no imaginário brasileiro a ideia de que a mulher negra é um objeto sexual e tem menos dignidade do que a mulher branca. Essa ideia remonta ao período escravagista do Brasil, em que as escravas negras eram sexualmente usadas e abusadas pelos senhores brancos. Sobre isso, afirma Sueli Carneiro:

[232] ROCHA; ULRICH, 2018, p. 21.
[233] WAISELFISZ, Julio J. Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil. *In*: FLASCO BRASIL [*Site* institucional]. 9 nov. 2015. [*online*]. [n.p].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

> No Brasil e na América Latina, a violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas e a miscigenação daí resultante estána origem de todas as construções de nossa identidade nacional, estruturando o decantado mito da democracia racial latino-americana, que no Brasil chegou até as últimas consequências. Essa violência sexual colonial é, também, o "cimento" de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossas sociedades.[234]

É nesse cenário de opressão contra a mulher e, em especial, contra a mulher negra, que o feminismo negro luta por melhores condições sociais. Segundo Sueli Carneiro, o feminismo negro foi "construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas [...] tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades"[235]. Assim, o racismo e as relações de gênero determinam ou influenciam o lugar da mulher negra na sociedade.

A teoria feminista, ao longo do desenvolvimento das ondas feministas, incorporou e estruturou o discurso das mulheres brancas como dominante. A invisibilidade das mulheres negras dentro da pauta feminista fez com que elas não tivessem seus problemas e suas reivindicações sequer nomeadas. Não se pode dar soluções para algo que não se conhece.[236]

A invisibilidade da mulher negra e o silêncio sobre sua realidade "fez com que nos últimos dez anos o número de assassinatos de mulheres negras tenha aumentado quase 55%, enquanto o de mulheres brancas caiu 10%, segundo o Mapa da Violência de 2015"[237]. Essa realidade está longe de ser superada numa sociedade que confina a mulher negra num local de subalternidade muito difícil de ser transcendido. Daí a importância do feminismo negro, com seu aporte teórico e prático, nesta "sociedade de herança escravocrata, patriarcal eclassista"[238].

A importância do feminismo negro, que vai além de ser um apêndice dos movimentos feministas encabeçados por mulheres brancas, revela a luta das mulheres negras que têm enegrecido o feminismo brasileiro e feminizado o movimento negro de um modogeral. Sobre isso, Sueli Carneiro contribui com o assunto, ao dizer que "a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira"[239].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[234] CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In*: PORTAL GELEDÉS [*Site* institucional]. 06 mar. 2011. [*online*]. [n.p.].
[235] CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49. p. 117-133, 2003. p. 2.
[236] RIBEIRO, 2018, p. 124.
[237] RIBEIRO, 2018, p. 125.
[238] RIBEIRO, 2018, p. 127.
[239] CARNEIRO, 2003, p. 3.

Dessa forma, gênero e racismo estão diretamente ligados e não podem ser dissociados. Somente com muita luta, debate, conscientização da sociedade e ativismo das mulheres a sociedade irá, pouco a pouco, entendendo que as mulheres também têm o direito de ajudar a edificar esta civilização sem que sejam relegadas a uma posição de sub-protagonismo ou até mesmo de inferioridade.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

3 PERCEPÇÃO DOS MEMBROS DA IGREJA PENTECOSTAL NA SERRA-ES ACERCA DA LIDERANÇA FEMININA

Neste capítulo, discute-se as relações de gênero entre os membros da igreja pentecostal da Serra-ES a partir das respostas e do levamento de dados realizado via questionários junto aos/às membros/as dessa igreja e à pastora Joana D'Arc. A pesquisa envolveu 15 mulheres e 15 homens, conforme bloco 1 e bloco 6 acostados nos registros deste estudo, nos Apêndices A e B, iniciando com os dados pessoais e o nível de escolaridade, dentre outros aspectos. Além disso, apresenta uma categorização, diferenciando as percepções dos participantes do sexo masculino e feminino, trazendo um entrecruzamento com a fundamentação teórica discutida ao longo dos capítulos anteriores. Na sequência, tem-se a discussão da percepção dos membros da igreja pesquisada acerca da pastora Joana D'Arc, mediante dados coletados no questionário *online* nos blocos 4 e 5, conforme consta no Apêndice A. Por fim, apresenta-se a percepção dos membros da igreja acerca do ministério pastoral feminino, por meio da coleta e análise de dados apresentados nos Apêndice A e B, nos blocos 2 e 3, bem como uma fundamentação teórica.

3.1 Relações de gênero entre os membros de uma igreja pentecostal na Serra-ES

A categoria de análise de dados pessoais retrata o sexo dos/as participantes da pesquisa, cor, idade de vida, profissão, nível de escolaridade, estado civil, tempo de casados/as, quantidade de filhos/as, tempo em que faz parte da igreja pesquisada, percepção da membresia e pastora sobre feminismo, Teologia Feminista e o tornar-se mulher.

No primeiro item de análise, verificou-se que dentre os 30 participantes da pesquisa, enquanto membros/as da igreja pesquisada, na categorização sexo pertencente, 50% são mulheres e 50% homens, ou seja, 15 homens e 15 mulheres, conforme o gráfico 1 mostra a seguir:

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

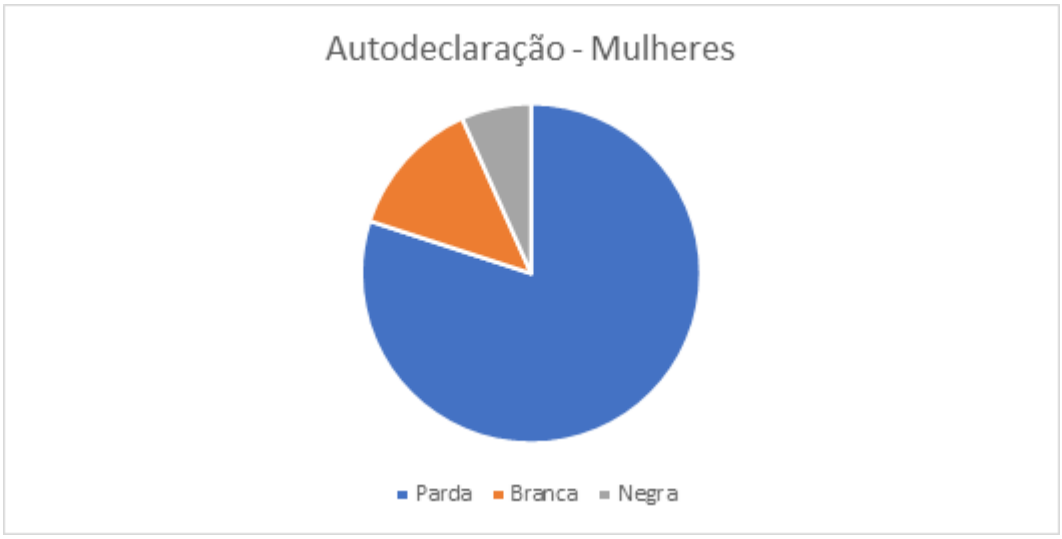
Gráfico 1. A qual sexo você pertence (homem, mulher ou outro)?[240]



Nessa categorização quanto ao sexo, obteve-se que das 15 mulheres, 11 são membros e 4 diaconisas. Os homens responderam que: 2 masculinos, 12 homens e 1 como homem, e citou que "creio que não existe outro além de homem e mulher"[241]. Desses, 6 diáconos, 2 presbíteros, 1 membro-filho da pastora Joana D'Arc e 1 cooperador. Além disso, também houve coleta de dados junto à pastora da igreja pesquisada, conforme registros ao longo deste capítulo.

Na sequência tem-se o gráfico 2 com a representação da autodeclaração das mulheres quanto a cor:

Gráfico 2. Autodeclaração das mulheres quanto a cor[242]

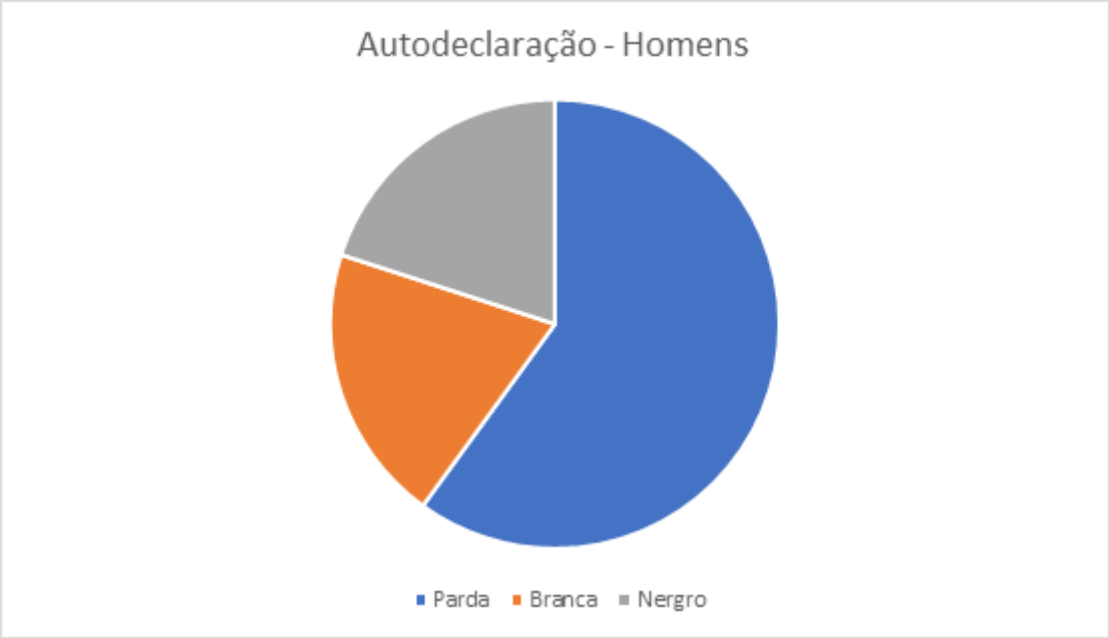


[240] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[241] Dito pelo membro cujo nome fictício é Uruguai. Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[242] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

As mulheres se autodeclararam quanto a cor sendo como: 12 pardas, 2 brancas e 1 negra. Nessa autodeclaração, observou-se que a mulher identificada como negra possui ensino superior completo, pós-graduação e é professora. A autodeclaração dos homens apresenta um pequeno acréscimo no quantitativo de homens negros em relação às mulheres, conforme se observa no gráfico 3:

Gráfico 3. Autodeclaração dos homens quanto a cor[243]



Conforme dados acostados junto à pesquisa, os homens se autodeclararam quanto a cor como: 9 pardos, 3 brancos e 3 negros. Quanto aos dados pessoais da pastora Joana D'Arc, ela tem 46 anos e se considera negra. Ela ocupa o cargo de pastora desde 2017, e afirma que sua profissão sempre foi do lar. A pastora tem 3 filhos, 2 filhos e 1 filha.[244] A pastora informou o seguinte: "sou casada há 26 anos com um homem só"[245]. Ela entrou na igreja através de um convite do pastor presidente, responsável, na época, pelo ministério pastoral. Além disso, "por 10 anos fui membra da Assembleia de Deus no ministério da Serra-ES. Algum tempo na igreja Batista, e alguns anos no ministério em que fui consagrada"[246].

Quanto à idade dos participantes da pesquisa, as mulheres variam na faixa etária entre 18 e 44 anos, consectivamente: 18, 21, 22, 25, 28, 28, 29, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 42 e 44. Nos achados da pesquisa, observou-se que há uma mulher que é evangélica há 20 anos. Em

[243] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[244] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[245] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[246] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

relação à idade dos homens, estende-se um pouco mais, dos 18 aos 56 anos: 18, 20, 20, 23, 24, 28, 32, 35, 37, 38, 39, 45, 47, 52 e 56.

Quanto à profissão das mulheres observa-se na tabela abaixo que há uma variedade, de cargos que precisam de pouco estudo até aqueles que requerem um nível maior de escolaridade, até mesmo como pré-requisito, por exemplo: professora e arquiteta urbanista. Veja:

Tabela 1. Profissão das mulheres participantes da pesquisa [247]

Quantidade de Mulheres	Profissão
3	Do lar
1	Bancária
1	Cuidadora de Idoso
1	Empresária
1	Porteira
1	Professora
1	Estudante Universitária
1	Autônoma
1	Técnica de Enfermagem
1	Nenhuma
1	Arquiteta Urbanista
1	Vendedora
1	Supervisora

Segundo os dados, apenas uma mulher não se identificou com alguma profissão, inclusive ela registrou a palavra nenhuma dentro da categorização. Registra-se que uma das mulheres que se autodeclarou ser do lar possui nível superior. A empresária possui Ensino Médio completo. Assim, a mulher não está segregada a um papel secundário nas diversas esferas da sociedade, que a relega à falsa segurança e realização nos papeis femininos, pois vivenciam atividades para além da existência doméstica, não ficando impossibilitadas "de se realizar em uma profissão ou por meio da vida política"[248]. Isso vai ao encontro da quarta onda do feminismo, em que cada grupo de mulheres tem sua própria visão de feminismo e estratégia para alcançar a liberdade. Essa multiplicidade ocorre na relação com as próprias mulheres: "são elas negras, indígenas, brancas, universitárias, lésbicas, de diferentes classes sociais, trabalhadoras urbanas e rurais, domésticas, acadêmicas, portadoras de necessidades especiais, entre outros"[249].

Logo na sequência, na segunda tabela, apresenta-se a categorização da profissão dos homens que são membros da igreja pentecostal de Serra-ES. Observe:

[247] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[248] HEYWOOD, 2010, p. 33.
[249] FELGUEIRAS, 2017, p. 119.

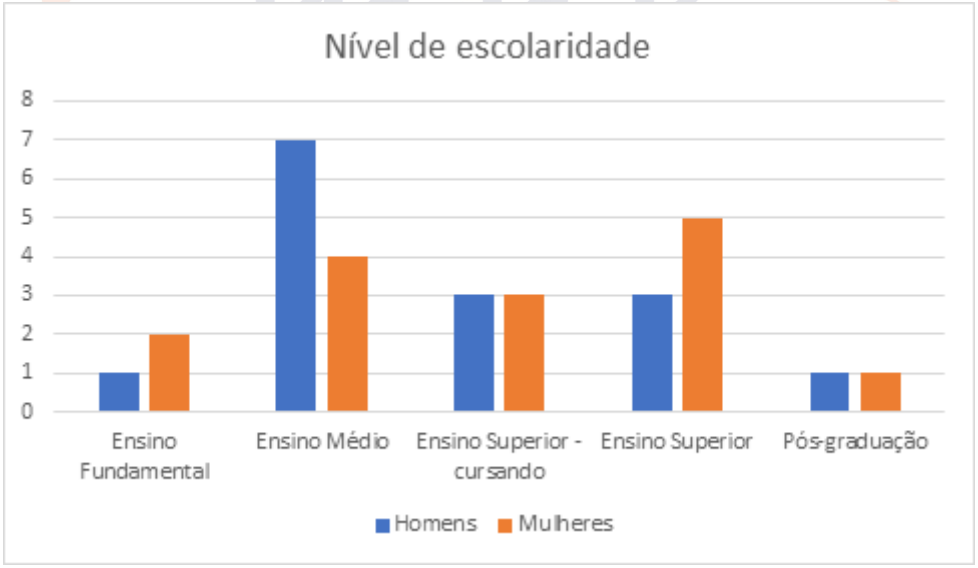
Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Tabela 2. Profissão dos homens participantes da pesquisa [250]

Quantidade de Homens	Profissão
2	Técnico Mecânico
1	Aposentado
1	Pintor Industrial e Residencial
1	Operador
1	Coordenador de Gente e Gestão
1	Motorista
1	Orçamentista
1	Motorista Autônomo
1	Médico Veterinário,
1	Gari
1	Controlador ADM
1	Desempregado
1	Eletricista
1	Auxiliar de Inspeção

Um homem respondeu que está desempregado, mas ele não informou sua profissão. Em geral, as profissões são variadas, perpassando pelo nível de escolaridade dos pesquisados. Nesse sentido, quanto ao nível de escolaridade dos participantes da pesquisa, pode ser vislumbrado no gráfico 4 a seguir:

Gráfico 4. Nível de escolaridade dos membros da igreja pesquisada[251]



Mediante a isso, observa-se que 1/3 dos membros possuem ensino superior completo ao considerar os dados do ensino superior e pós-graduação. Outra questão a observar é que todos/as os/as membros/as pesquisados/as são alfabetizados/as. Consta nos registros da pesquisa que uma mulher possui ensino superior é do lar. Também há um membro que trancou o ensino superior, assim como há um membro com nível médio com formação em ensino

[250] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[251] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

técnico. Nenhum/a membro/a possui mestrado ou doutorado. Vale informar que o nível de escolaridade da pastora pesquisada é Ensino Médio, e ela se considera do lar enquanto categorização profissional.

Quanto ao quantitativo de mulheres e homens casados, apurou-se que em ambos os sexos 11 são casados e 4 não. Quanto ao tempo de casados, observa-se na tabela a seguir as respostas das mulheres e homens:

Tabela 3. Tempo de casamento das mulheres e dos homens da igreja pesquisada[252]

Tempo de casado/a	Número de Mulher	Número de Homem
1 ano e 5 meses	1	
2 anos		1
4 anos	1	1
5 anos	2	1
7 anos	-	1
9 anos	-	1
10 anos	1	-
12 anos	1	
13 anos	1	1
14 anos	1	-
15 anos	3	1
16 anos	-	1
17 anos	-	2
20 anos	1	-

Há uma variedade no tempo de duração do casamento, mas, observa-se que a maioria pode ser considerada com pouco tempo de casados/as, pois 7 participantes se encontram entre o tempo de 15 e 20 anos. Em relação a filhos/as e o quantitativo, dos 15 participantes de cada sexo, 8 mulheres têm filhos e 9 homens também. Em contraposição, 7 mulheres e 6 homens não têm filhos. Quanto à idade dos/as filhos, de ambos os sexos, há uma variação de 1 a 5 anos, todos/as dentro da primeira infância. Isso confirma que a maioria da membresia é considerada jovem, já a idade de ambos os sexos está concentrada na casa dos 20 e 30 anos. Observe a tabela abaixo:

[252] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Tabela 4. Tempo que a membresia pertence à igreja pesquisada[253]

Tempo que a membresia pertence à Igreja pesquisada	Número de Mulher	Número de Homem
10 meses	1	-
1 ano e 5 meses	-	1
1 ano e 7 meses;	-	1
2 anos	1	1
3 anos	1	
3 anos e meio	1	3
4 anos	2	2
5 anos	3	4
6 anos	1	-
7 anos	1	-
8 anos	2	1
20 anos	1	-

A maioria tem até 5 anos e pertencem à instituição pesquisada, justificando o tempo de exercício da igreja pesquisada. Outra observação diz respeito à resposta da mulher que afirmou está na instituição há 20 anos, acredita-se que ela juntou o tempo na instituição pesquisada com outra a qual pertencia.

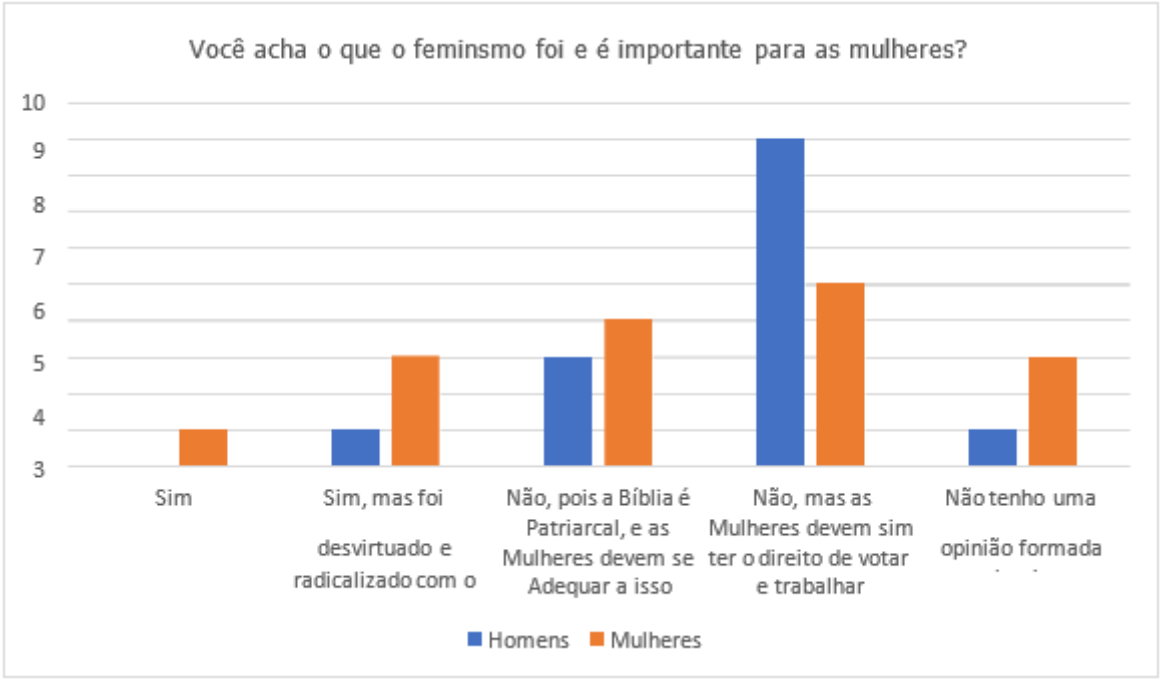
Ao fechar o bloco 1, um membro da igreja, com o nome fictício de Argentina, fez o seguinte registro: "eu acho importantíssimo pastora exercer seu pastorado porque se nós olharmos para bíblia nós veremos chamados de algumas mulheres que cumpriu esse chamado. Noemi foi uma delas eu acho bom mesmo porque Deus usa quem ele quer, levanta quem ele quiser"[254]. Mediante a citação desse presbítero da igreja pesquisada, discute-se as questões do bloco 6, cuja categoria de análise é o feminismo, Teologia Feminista e o conceito de tornar-se mulher em contraposição a nascer mulher.

Observa-se, a seguir, no gráfico 5, as respostas da membresia a respeito do feminismo:

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

[253] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[254] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.

Gráfico 5. Importância do feminismo para as mulheres[255]



Apesar de os indicadores das mulheres e dos homens sinalizarem para um desconhecimento ou falta de reconhecimento do feminismo, já que 9 homens e 5 mulheres responderam negativamente em relação à importância do feminismo para as mulheres, foi dito que as mulheres devem sim ter o direito de votar e trabalhar. Mediante esse dado, vale retomar que o feminismo teve mais força com o movimento das metáforas das ondas e que a partir do século XIX começaram a ficar mais volumosas,[256] que a luta das mulheres iniciou-se em prol da igualdade de direitos civis, políticos e educativos, como, por exemplo, cursar uma faculdade e direito ao voto, com o movimento sufragista.[257] Assim, "as primeiras organizações feministas são datadas do final do século XVIII, com o advento da Revolução Francesa, [...]e caracterizam a primeira onda feminista, conhecida como 'sufragista'"[258].

Não se pode desprezar a participação efetiva das mulheres no período de 1964 a 1985, na Ditadura Militar, momento em que as militantes feministas, durante na segunda onda do feminismo, atuaram de forma opositora, lutando não apenas pela diminuição das desigualdades entre homens e mulheres, mas também pela redemocratização do país.[259] Elas tiveram um papel muito importante no movimento das Diretas Já,[260] assim como na terceira onda feminista no

[255] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[256] SILVA; CARMO; RAMOS, 2021, p. 104.
[257] PEDRO, 2019, p. 4-5.
[258] BITTENCOURT, 2015, p. 199.
[259] LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 33.
[260] NERY, 2010, p. 70.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Brasil, considerando que foram criados conselhos de mulheres, ministérios e organizações não governamentais (ONGs).

Dessa forma, observa-se inclusive que o movimento e as garantias dos direitos reivindicados como o direito ao voto, o acesso igualitário à educação tem conseguido atingir seus objetivos mesmo que de forma subjetiva, como, por exemplo, algumas mulheres da igreja pesquisada, mediante ao fato de 1/3 delas terem nível superior e profissões reconhecidas, em que alguns casos é até de chefia setorial. Além disso, observou-se que há mulher que é empresária, e isso vai ao encontro de reivindicações da primeira onda em que garantiu o direito da mulher de ter propriedade privada.[261]

Ao generalizar os dados, 25 participantes sinalizaram que o movimento feminista não foi importante para as mulheres, o que inclui as respostas das próprias mulheres, pois 3 delas e 4 homens concordam que a Bíblia é patriarcal, e as mulheres devem se adequar a isso. Nesse contexto, "as respostas das mulheres à opressão estrutural do patriarcado e à dominação masculina sempre ecoaram no silêncio da história [...], mascarando seu aspecto de gênero"[262]. Esse fato confirma as características principais da segunda onda do feminismo, tendo em vista que as feministas dessa onda adotavam o patriarcalismo e a opressão das mulheres em suas argumentações, apontando "o patriarcalismo como algo que oprimia as mulheres"[263]. Vale ressaltar que o feminismo deixou e deixa para as mulheres e para sociedade sua importância nas reivindicações e pautas políticas para as mulheres.[264]

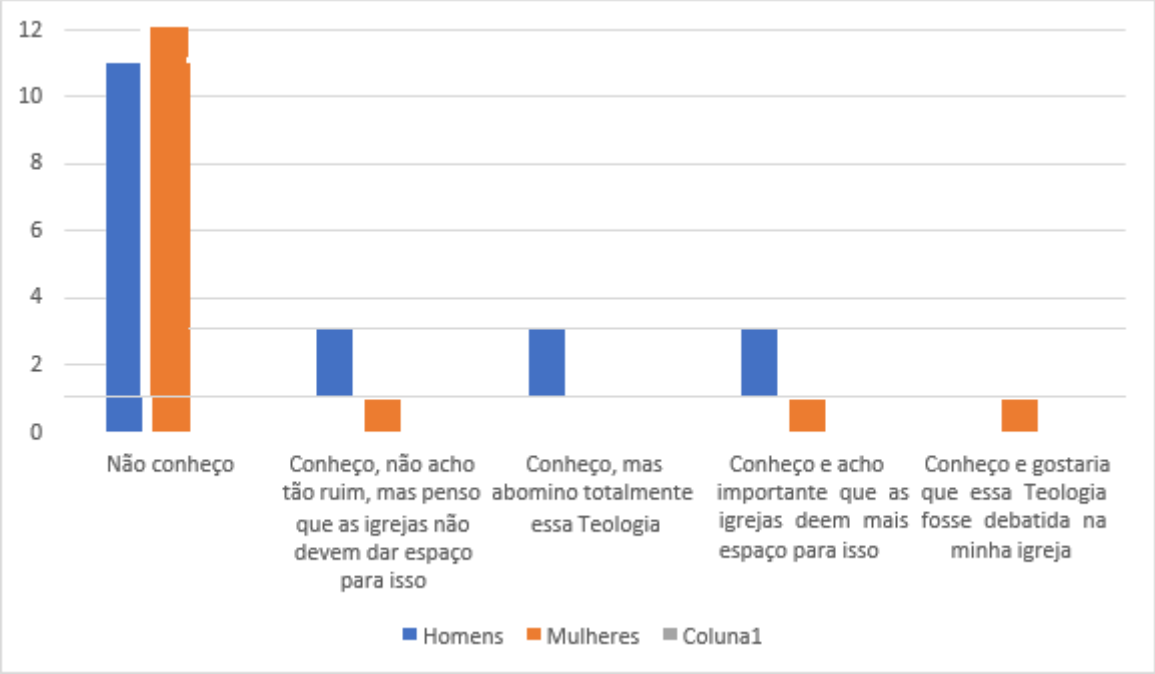
Dando sequência à discussão, o gráfico abaixo demonstra a percepção da membresia a respeito da Teologia Feminista com o seguinte questionamento:

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[261] CHAMBOULEYRON, 2019, p. 15.
[262] BITTENCOURT, 2015, p. 199.
[263] JESUS, 2014, p. 197.
[264] SAFFIOTI, 1986, p. 105.

Gráfico 6. Você conhece a Teologia Feminista? Se sim, você acha que as igrejas de um modo geral devem dar mais espaço para essa Teologia?[265]



Dentre os 30 participantes da pesquisa, 22 não conhecem a Teologia Feminista, dos quais 50% desses são mulheres e 50% homens. 8 participantes conhecem, dos quais 3 não acham tão ruim, sendo que 1 mulher gostaria que as igrejas dessem mais espaço para essa discussão, 1 mulher gostaria que essa Teologia fosse debatida na igreja pesquisada, 2 homens conhecem, mas abominam totalmente, assim como a pastora Joana D'Arc, que foi a única mulher que fez críticas duras contra essa perpestiva teológica.

No Brasil a Teologia Feminista ganhou potência após a expansão do feminismo e dos estudos de gênero, por volta dos anos 1970 e 1980, tornando-se mais latente a partir da incorporação dos estudos de religião e de gênero.[266] Esse crescimento incentivou e impulsionou as mulheres a fazerem Teologia, área do conhecimento que estava atrelada apenas aos homens, permanecendo a visão deles sobre o papel da mulher na sociedade e na igreja. Mas, com a popularização da *internet*, tanto teólogos e teólogas têm exposto para milhares de pessoas sua interpretação da Bíblia, causando incômodo em muitos pastores mais velhos que estavam acostumados com sua hegemonia teológica e de discurso.[267]

[265] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[266] MELO, 2021, p. 65.
[267] MELO, 2021, p. 65.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Nesse ínterim, Gebara chama atenção pelo fato de ainda existir uma luta da igreja contra as mulheres, sob a ótica teológica e hierárquica na ICAR, devido a "palavra da Igreja e a teologia da Igreja continuam sendo palavras masculinas"[268].

Observa-se que esse tipo de exclusão da mulher não acontece apenas na Igreja, mas em todas as instituições sociais e políticas, ao fazerem uma divisão de papéis masculino e feminino, bem como das funções exercidas por homens e mulheres.[269] Infelizmente a discussão do sexo biológico ainda tem sido determinante na suposta afirmação de umasuperioridade inata dos homens e na dependência inata das mulheres.[270] Esse fenômeno de dominância se reproduziu na Igreja pesquisada, bem como nas Igrejas, por meio da visão androcêntrica e na incorporação do preconceito.[271] Da mesma forma que Pierre Bourdieu demonstra como esse preconceito contra as mulheres, pois os valores hierárquicos continuam distantesda realidade ensinada por Cristo. Gebara afirma que a teologia patriarcal domina o Cristianismo antes que as mulheres pudessem contrapô-la.[272] Essa hegemonização frente ao masculino está relacionada às formas hegemônicas de representações ligadas diretamente à divindade, na medida em que legitime desigualdades, podendo criar a noção de que o homem possui direitos e privilégios sobre a mulher.[273]

A teologia feminista critica o Messias masculino e as supostas verdades da ICAR.[274] Assim, o discurso religioso cristão ocidental continua sendo antropocêntrico, androcêntrico, branco e ocidental. Inclusive a dimensão sacrificial salvífica masculina (Jesus, homem branco) é um a das questões que a teologia feminista problematiza.[275] Dessa forma, a teologia feminista não ataca o Jesus histórico, mas o Jesus pintado pelas igrejas fundamentalistas, um Jesus estereotipado segundo os padrões dominantes.

Em uma perspectiva histórica, Simone de Beauvoir afirma que a ideologia cristã contribuiu em muito para a opressão da mulher, inclusive relegava a mulher a título secundário nos momentos de cultos, seguindo o princípio da subordinação da mulher ao homem.[276]

Ainda o masculino detém o maior poder na igreja, pois o patriarcado, o imaginário masculino construiu hierarquias celestes para manter as hierarquias terrestres, inclusive as hierarquias de gênero, por isso, o feminismo teológico reivindica a experiência da ressurreição

[268] GEBARA, 2017, p. 115.
[269] GEBARA, 2017, p. 115.
[270] GEBARA, 2017, p. 115.
[271] BOURDIEU, 2016, p. 53.
[272] BOURDIEU, 2016, p. 53.
[273] VILHENA, 2001, p. 90.
[274] GEBARA, 1997, p. 19.
[275] GEBARA, 1997, p. 19-20.
[276] BEAUVOIR, 1970, p. 117.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

para as mulheres.[277] Inclusive mediante ao processo histórico de segregação da mulher, considerando que as mulheres sempre:

> Foram tratadas de forma desigual, inferiorizadas, submetidas a várias violências. Historicamente, o ser humano mais humilhado e desprivilegiado foi a mulher. [...] as formas discriminatórias contra as mulheres foram também sendo refinadas, disfarçadas, ocultadas, mas não superadas ou erradicadas.[278]

Inclusive essa discussão também adentra a questão da mulher enquanto sexo e biológico e gênero. Assim, de acordo com a coleta de dados, ao questionamento quanto aos homens e mulheres acreditarem que se nasce mulher (sexo biológico é igual a gênero) ou que se torna mulher com o passar dos anos (sexo biológico é diferente de gênero), obteve-se das 31 pessoas pesquisadas 30 responderam que nasce-se mulher e morre-se assim – incluindo a resposta da pastora pesquisada, é contrário ao discurso feminista na segunda onda, mediante ao fato de que o discurso feminista baseia-se na diferença que não destitui o sexo da condição naturalizada defendida pelo discurso biológico anterior. Além disso, contradiz a argumentação das ideias de Simone Beauvoir, que defendia o sexo como natural e o gênero como algoconstruído.[279]

Simone de Beauvoir afirma que não se nasce mulher, torna-se mulher e que todo ser humano do sexo feminino não é necessariamente mulher.[280] Que inclusive a criança não pode apreender- se como sexualmente diferenciada, já que o corpo de meninas e meninos é irradiada de subjetividade, efetuada na compreensão do mundo.[281] O que corrobora com Gunella ao afirmar que trata-se de construção histórica"[282], pois o que se qualifica como feminino é nada mais que o produto intermediário entre o macho e o castrado formulado pelo conjunto da civilização.

Nesse contexto dos dados apresentados acima em que quase a totalidade dos pesquisados responderam nasce-se mulher e morre-se assim, o conceito gênero, no sentido político apresenta vulnerabilidade dos termos mulher ou mulheres, ao trazerem em seu bojo a legitimação apoiada no corpo biológico. Gênero deve dar conta de relações socialmente constituídas, suas variações e hierarquização social,[283] com definição de normas e papéis na sociedade a partir do masculino e do feminino. Judith Butler diz que toda essa controvérsia sobre o significado de "construção" do gênero (tornar-se mulher) parece basear-se na

[277] GEBARA, 2017, p. 110.
[278] VILHENA, 2001, p. 103.
[279] JESUS, 2014, p. 197.
[280] BEAUVOIR, 2016, p. 9-12.
[281] BEAUVOIR, 2016, p. 11.
[282] GUNELLA, 2014, p. 10.
[283] SCHULTZ; MUÑOZ; ROESE, 2015, p. 304-305.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

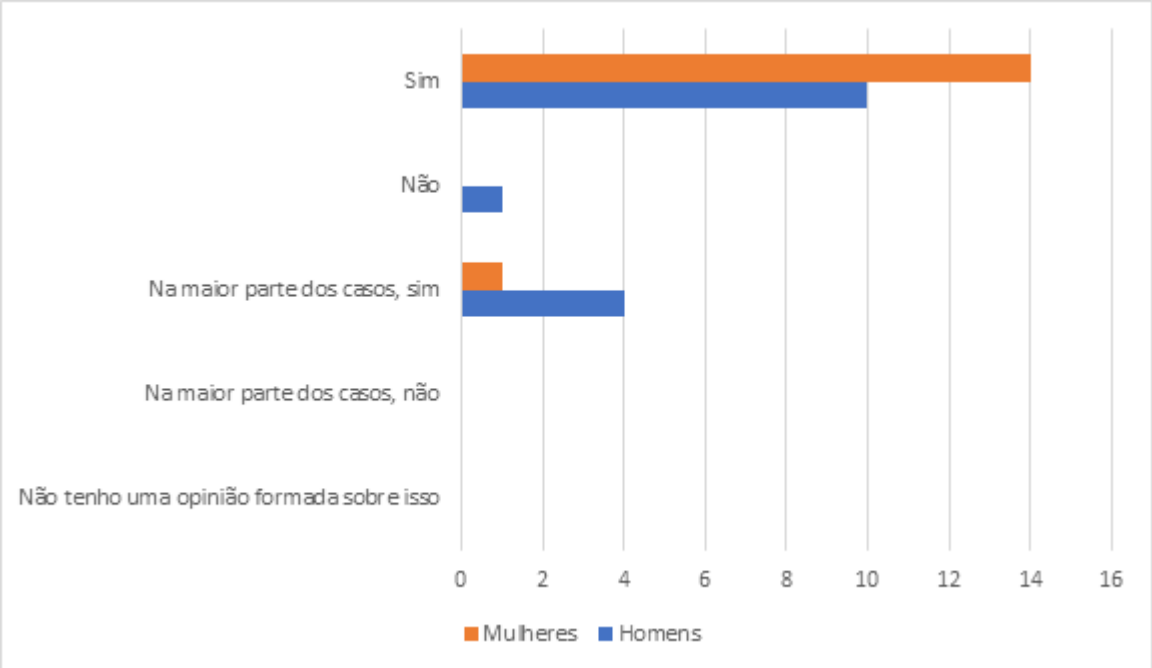
polaridade filosófica convencional entre livre-arbítrio e determinismo, em que "o 'corpo' é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de "corpos" que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero"[284].

Nessa discussão, observa-se que 2/3 dos/as participantes da pesquisa afirmaram que se nasce mulher, morre-se assim e todo aquele que intentar contra isso cometerá pecado e irá para o inferno. Que segundo um membro da igreja: "os quais, conhecendo o juízo de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem"[285]. Mediante ao contexto, na próxima seção tem-se a discussão sobre a percepção dos membros a respeito da pastora Joana D'Arc na igreja pesquisada.

3.2 A percepção dos membros da igreja acerca da pastora Joana D'Arc

Na categoria de análise denominada de opinião sobre o pastorado na igreja pesquisada, no bloco 4, quanto ao questionamento se a pastora Joana D'Darc é tão respeitada como autoridade pastoral pelos membros quanto o pastor México, obteve-se a seguinte resposta conforme pode-se observar no gráfico 7:

Gráfico 7. Você acha que na sua igreja a pastora é tão respeitada como autoridade pastoral pelos membros quanto o pastor?[286]



[284] BUTLER, 2003, p. 27.
[285] Paraguai – nome fictício, membro da igreja pesquisada. Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[286] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Mediante os dados coletados, registra-se que a maioria da membresia acredita que a pastora é respeitada, tendo somente um membro masculino apontando que não, apesar de 5 membros/as apontarem que na maioria dos casos sim. Mesmo sendo apontado pela maioria que sim, tem-se inclusive na pesquisa a opinião da própria pastora informando que não, inclusive ela justifica sendo pelo fato de ser mulher.

Esse contexto, remete às questões de violência simbólica e religiosa contra as mulheres e a necessidade de erradicar essas violências, bem como romper com o silêncio e partir para os seus enfrentamentos, tendo em vista que "a força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquercoação física"[287], causando danos morais e psicológicos, perpassando pela violência de gênero, a da justificação da dominação masculina, que presidia a sociedade hierárquica,[288] o que seria o justificador de que o Deus judaico-cristão, por ser masculino, domina todo o universo e inclusive a mulher.[289] De forma que a violência simbólica em que o "poder invisível [...] exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem"[290].

Nesse ínterim, Gebara afirma que a justificação da dominação masculina sobre as mulheres ocorre devido a cultura patriarcal ter seu justificador absoluto, ou seja, um justificador masculino celeste que preside a sociedade.[291] Esse justificador seria que o Deus judaico-cristão, que, sendo do sexo masculino, domina todo o universo, inclusive a mulher. Isso demonstra que a dominação masculina possuindo uma explicação teológica, com um "Deus" enquanto sujeito masculino, fruto de uma sociedade patriarcal e machista, a qual é a "expressão de culturas de dominação masculina"[292], em suposta superioridade de gênero.

A dominação masculina, que é uma forma de dominação simbólica, é considerada uma violência simbólica. Em que a religião, por meio de sua estrutura simbólica "contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e dopensamento"[293]. Assim, a tem-se que a religião não é, nunca foi e jamais será neutra.

Retomando aos dados do questionário quanto ao questionamento se a pastora Joana D'Arc recebe espaço e autoridade suficiente do pastor México ou deveria receber mais, constatou-se que 100% das mulheres afirmaram que sim, inclusive a própria pastora. Já os

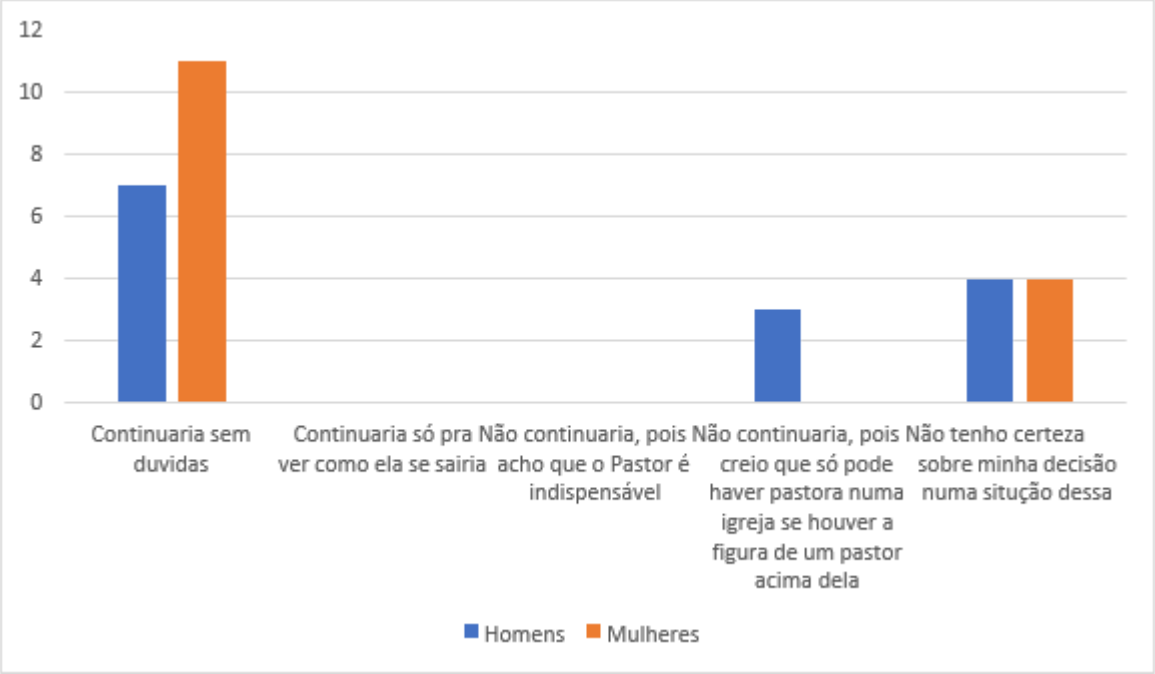
[287] BOURDIEU, 2016, p. 50.
[288] GEBARA, 2007, p. 15.
[289] GEBARA, 2007, p. 12.
[290] BOURDIEU, 1998, p. 7-8.
[291] GEBARA, 2007, p. 15.
[292] GEBARA, 2007, p. 12.
[293] BOURDIEU, 2015, p. 33.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

homens 11/15 corroboram com as afirmativas das mulheres – mulheres da igreja e a pastora –, visto que 3/15 afirmaram que na maior parte dos casos, sim e apenas 1 homem registrou que não tem opinião formada sobre o assunto.

Ao questionar se a pastora Joana D'Arc exerce bem seu ofício pastoral ou ela deveria se preparar mais? A pesquisa constatou que 100% das mulheres pesquisadas responderam que exerce bem, enquanto 14/15 homens responderam que exerce bem, sendo apenas 1 membro masculino afirmou que exerce bem, mas poderia se preparar mais. Sobre o questionamento junto a membresia de que se a pastora não estivesse no cargo sem a figura do pastor, conforme o gráfico 8, observa-se a seguir os pontos de vistas:

Gráfico 8. Se o pastor México falecesse ou deixasse de ser pastor, e só ficasse a pastora à frente da igreja, você continuaria na atual igreja?[294]



Observa-se que um pouco mais de 50% continuariam na igreja sem a presença do pastor, mas, o que chama a atenção é que 8 membros, dos quais 50% mulheres e 50% homens, não têm certeza sobre a decisão diante da hipótese apresentada. Além disso, 3 membros masculinos não continuariam, porque acreditam que só pode haver pastora numa igreja se houver a figura de um pastor acima dela. Nesse contexto, 1 diácono, cujo nome fictício é Chile, ao responder que não tinha certeza sobre sua decisão numa situação dessa justificou que, "pois, em uma situação dessa o caráter conta muito; e a pastora é uma pessoa de caráter em um contexto desse ela iria precisar de auxílio dos seus filhos espirituais"[295].

[294] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[295] Chile – nome fictício, diácono da igreja pesquisada. Elaboração própria, dados inéditos, 2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Sobre essa questão, a pastora não respondeu demarcando um item, mas registrou que "teria que ter outra alternativa no meu caso como somos fundadores do ministério eu colocaria um pastor à frente da obra e jubilaria, mas sem deixar de exercer o chamado, mais sem estar na frente"[296].

Quanto a categoria de análise sobre (des) respeito contra a pastora Joana D'Arc na igreja pesquisada, apresentada nas respostas dos questionários do bloco 5, vislumbra-se que 100% das mulheres participantes afirmaram que nunca presenciaram e nem ouviram. Mas, 12/15 dos homens corroboram com a afirmação delas, porém, 1/15 afirmou que nunca presenciou, mas já ouviu, e 2/15 já presenciou, ouviu e ficou indignado/a com o caso. A título de exemplo, senhor Uruguai, que já ouviu, afirmou que:

> Eu já ouvi pessoas dizendo que pastora nunca iria ter a mesma autoridade do pastor só porque ela era mulher e que a mulher do pastor só era pastora por conta de ser esposa do mesmo. Que nunca existiu mulher "pastora" na Bíblia e por isso nunca deveria ter pastora pois estaria contra Bíblica.[297]

Observa-se, diante dessa citação, que na igreja pesquisada existe o antifeminismo, pois esse membro acredita que "a primazia universalmente concedida aos homens se afirmar na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social"[298], em uma relação de poder simbólico.[299]

Outro participante da pesquisa, do sexo masculino, identificado como Bolívia, afirmou que já presenciou, ouviu e ficou indignado com o caso. Esse participante registrou no questionário que:

> Fui abordado na rua, uma pessoa sem objetivos pessoais de ter um desenvolvimento espiritual trouxe a comparação dos comportamentos do pastor e da pastora, criou N situações na cabeça de que o comportamento era inadequado ao ambiente religioso (um comportamento um pouco autocrático da pastora não brincar muito com os jovens rapazes e mais com as moças) e nas relações interpessoais. Levantei o fato dela ser mulher e ele ser homem e que isso não era assunto com baseamento válido para formar uma opinião. Vale destacar que a não tem responsabilidade com a vida espiritual e que prefere não ficar 100% nas relações entre os membros, mas criou uma opinião por achismos (também sem baseamento nenhum sobre psicologia comportamental). Só isso. Não dou abertura para essas relações. Então é difícil alguém me procurar para isso.[300]

[296] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[297] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[298] BOURDIEU, 2016, p. 45.
[299] BOURDIEU, 1999, p. 10.
[300] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Essa citação só confirma a violência simbólica religiosa velada no seio da Igreja, que paira como a subjetividade, o fundamentalismo religioso e dominação masculina frente ao feminino.

Mediante a questão de desrespeito, a pastora Joana D'Arc afirmou que nunca sofreu, mas já ouviu. O que é contraditório já que dois membros da igreja confirmaram essa questão, e inclusive registraram que ficaram indignados diante da questão. Além disso, ela afirmou em outro ponto da pesquisa de que não era tão respeitada quanto o pastor devido ser mulher.

Quanto à questão do questionário que aborda a temática racismo, 100% dos/as participantes/as da pesquisa incluindo a pastora pesquisada afirmam que nunca presenciou e nem ouviu fala racista por parte de membros/as da igreja pesquisada contra a pastora Joana D'Arc. Entretanto, há controvérsias, inclusive neste estudo há relato de fato racismo em uma homenagem aos pastores da igreja pesquisada, em que as representações das cores e cabelos dos corpos causaram constrangimento, principalmente devido a cor da pele da pastora ter sido representada como de cor escura. Vale ressaltar que a violência religiosa e simbólica também incide no esconder a cor da pastora.

Esse contexto confirma que o racismo existe de forma bastante forte, mas velada, demonstrando suas formas mais disfarçadas e indiretas. Inclusive, as formas disfarçadas de racismo "são tão ou mais danosas e nefastas do que as expressões mais abertas e flagrantes, uma vez que, por serem mais difíceis de ser identificadas, são também mais difíceis de ser combatidas"[301].Nos processos raciais com diferenças a miscigenação e o branqueamento se articularam em torno da ideia de uma falsa democracia racial.[302] Entretanto, a democracia racial não passa de uma possível utopia em que as regras das injustiças estão calcadas nas diferentes formas do racismo se manifestar.

A ideologia do branqueamento tem ampliado e se consolida a partir de diferentes aspectos de ordem racial, política, econômica e social, dentre os quais o mito da inferioridade racial do negro, a política de imigração europeia, a exclusão do negro do mercado formal de trabalho e sua associação à vadiagem, e a miscigenação que conduziria o Brasil a uma nação branca, em que os traços africanos seriam eliminados.[303] Nesse ínterim, vale ressaltar que a soma de negros e mulatos no Brasil perfaz mais de 55%, o que significa que mais da metade da

[301] LIMA; VALA, 2004, p. 408.
[302] OSORIO, Rafael G. O sistema classificatório de "cor ou raça" do IBGE. *In*: BERNARDINO, Joaze; GALDINO, Daniela (orgs.). *Levando a raça a sério*: ação afirmativa e universidade. Rio de janeiro: DP&A, 2004. p. 85-137.
[303] NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 44.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

nação tem sido considerada inferior e potencialmente perigosa,[304] o que configura mais uma vez o racismo. Assim:

> Uma prática comum do racismo é sua forma velada, quando a pessoa não percebe como seu ato é racista, porém esses atos impactam diretamente na forma como as crianças se percebem. Exemplos disso são associar beleza a pessoas brancas e a malandragem a pessoas negras; pentear cabelos lisos enquanto os elogia e, por sua vez, reclamar dos cabelos crespos, enquanto os chamam de difíceis e ruins; ensinar que lápis 'cor de pele' é rosa claro, fazer elogios deturpados como 'apesar de negro você é muito bom em', entre tantos outros.[305]

Pierre Bourdieu argumenta que a dominação simbólica pode ser ocultada como "a forma de uma negação de sua existência pública, visível"[306], pois as pessoas tendem a negar que exista racismo ou são racistas, mediante ao fato de o racismo no Brasil seja estrutural, tanto naforma simbólica quanto material, já que constitui-se de uma ideologia que promove a reprodução de um sistema de exploração capitalista.[307]

Historicamente, muitas mulheres negras são estupradas e mortas, pois são vistas como inferiores não só ao masculino como também ao feminino branco, por conta do patriarcado, fortalecido pela cultura machista tendo como resultado o feminicídio. "O patriarcado se reforça a partir das instituições da família, da religião e do estado, que fortalecem a desigualdade de gênero, justificando a violência, a partir do domínio masculino"[308].

Dos/as 31 participantes da pesquisa, incluindo a pastora, 30 consideram que o Pastor trata a pastora de forma respeitosa, enquanto 1 não, ou seja, 0,31% são contrários. Isso indica que 99,69 consideram que o Pastor a trata com o devido respeito. O que confirma a percepção da pastora sobre a questão e importância do feminismo negro. A seguir discute-se sobre a percepção da membresia a respeito do ministério pastoral feminino.

3.3 A percepção dos membros da igreja acerca do ministério pastoral feminino

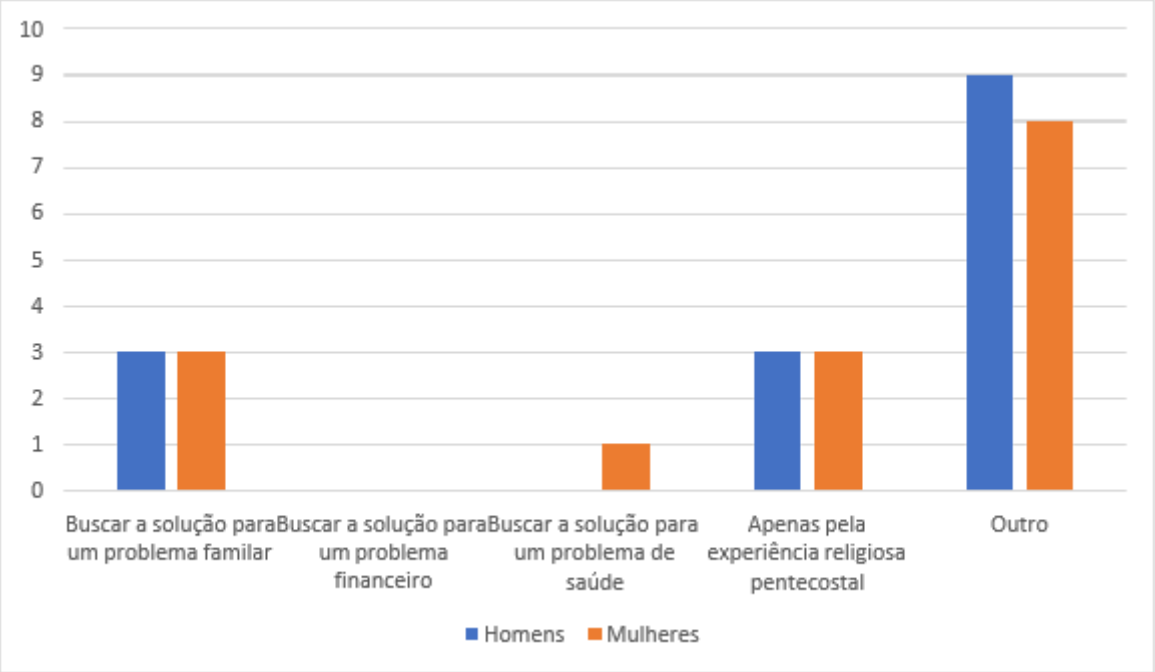
O respeito da percepção da membresia sobre o ministério pastoral feminino, as categorias análises abordadas foram dos Blocos 2 e 3, com a análise mobilidade religiosa e análise denominada de opinião geral sobre o pastorado feminino, respectivamente. Discutindo os motivos pelos quais a membresia foi para a igreja pesquisada, bem como sobre o pastorado

[304] CHIAVENATO, Julio J. *O negro no Brasil.* São Paulo: Cortez, 2012. p. 30.
[305] MACHADO; ARAUJO, 2021, [n.p].
[306] BOURDIEU, 2016, p. 143.
[307] GONZALEZ, 1979, p. 9.
[308] ROCHA; ULRICH, 2018, p. 17.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

feminino. Assim, no gráfico 9, inicia-se o debate sobre o principal motivo pelo qual levou a membresia para a igreja pentecostal de Serra-ES. Observe:

Gráafico 9. Qual o principal motivo que o (a) levou a uma igreja pentecostal da Serra-ES?[309]



Mediante aos dados, observa-se que a categoria outro obteve o maior percentual das respostas, enquanto 3 homens e 3 mulheres foram para buscar a solução para um problema familiar; 1 mulher para buscar solução para um problema de saúde e 6 membresias pela experiência religiosa pentecostal, sendo desses/as 50% homens e 50% mulheres.

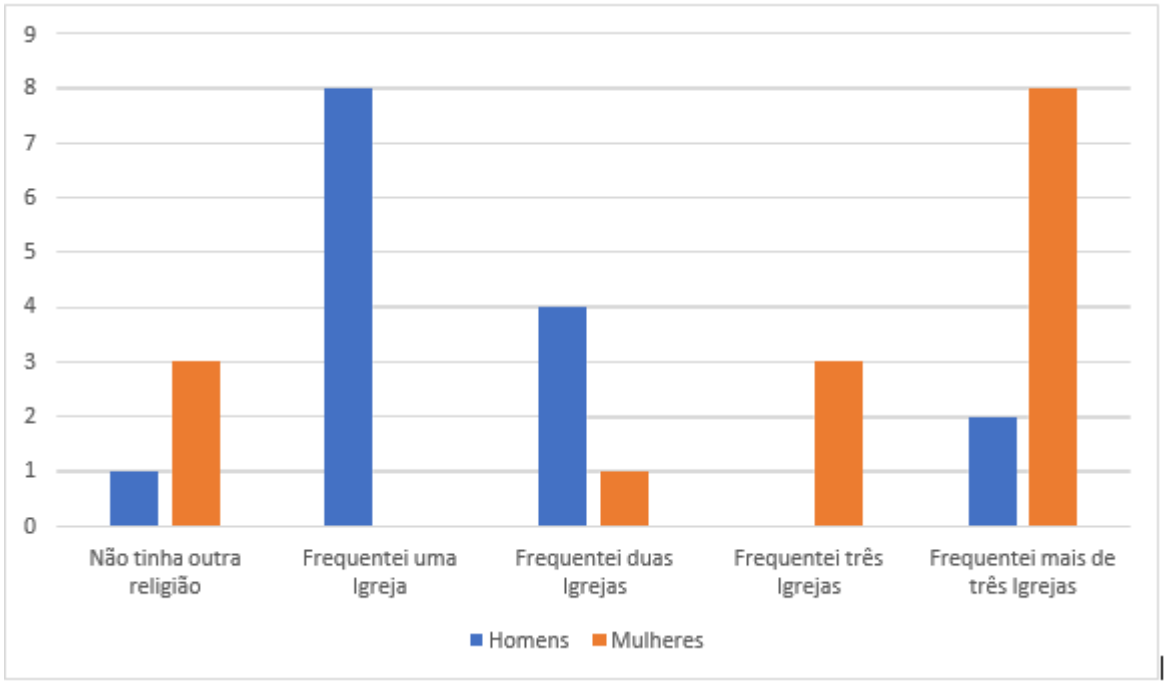
Thais Baungart e Mauro Amatuzzi refletem sobre a experiência religiosa e ajudam a compreender como esse fenomeno se relaciona com o crescimento pessoal dos participantes desta pesquisa, em um sentido de mudanças subjetivas, proporcionando uma melhora na qualidade de vida deles e delas. Entende-se a expressão experiência religiosa a partir dos valores, conceitos, tradições e costumes transmitidos ao indivíduo pela religião a que pertence, por meio de vivências no grupo religioso, na busca de um encontro com o transcendente denominado Deus.[310]

Quanto ao questionamento da mobilidade ter ou não frequentado alguma instituição religiosa antes de entrar para a igreja pesquisada, as respostas encontram-se no gráfico 10, a seguir:

[309] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[310] BAUNGART, Thais A. A.; AMATUZZI, Mauro M. Experiência religiosa e crescimento pessoal: uma compreensão fenomenológica. *Revista Rever*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 95-111, 2007. p. 95-100.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Gráfico 10. Você era membro de alguma igreja antes de entrar na igreja pentecostal da Serra-ES?[311]



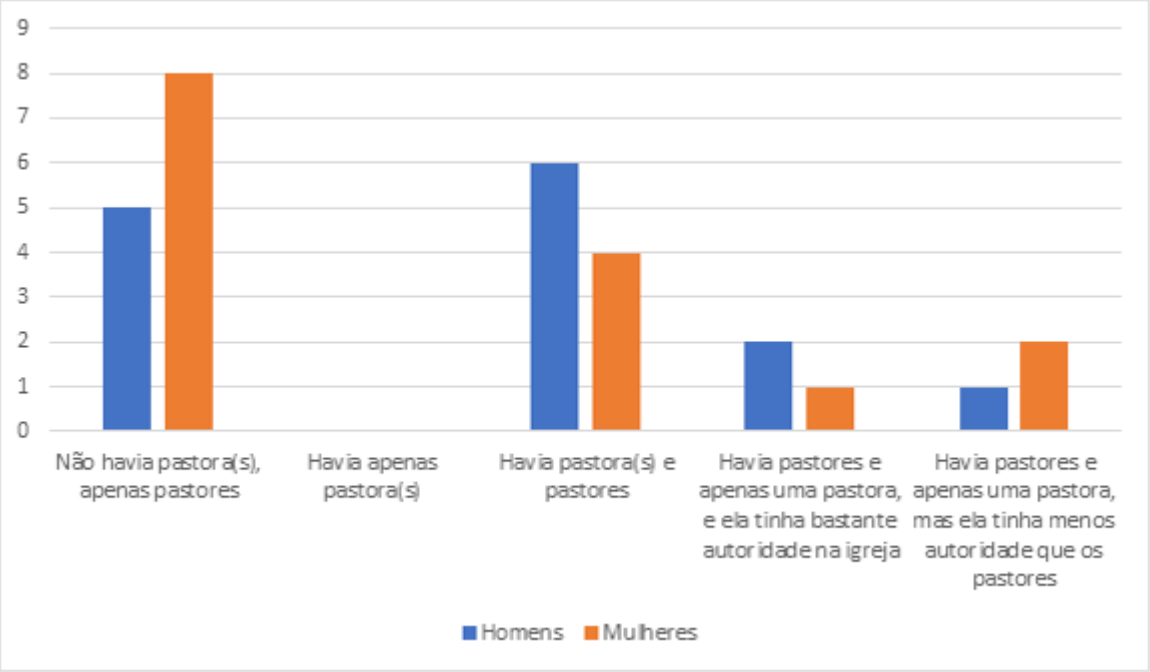
A partir dos dados acima, tem-se que quase 1/3 dos homens frequentaram somente uma igreja, enquanto o mesmo quantitativo de mulheres frequentava mais de três instituições religiosas. Além disso, um membro respondeu que não tinha igreja, entendendo-se era sem religião.

No gráfico 11, apresenta-se os dados quanto a presença da imagem da pastora antes de frequentar a igreja pesquisada:

[311] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Gráfico 11. Na (s) outra (s) igreja (s) que você era membro antes havia pastora (s) ou somente pastor (es)?[312]



A maioria da membresia vem de igrejas que não havia pastora, apenas pastores, enquanto 100% da membresia apontaram que nunca frequentou igreja que havia apenas pastora; já 1/3 da membresia apontou que havia pastora e pastor. Chama a atenção, apesar da pouca quantidade, duas mulheres e um homem afirmaram que havia pastores e apenas uma pastora, mas ela tinha menos autoridade que os pastores.

A expansão das crenças fundamentalistas, o que acompanha o crescimento evangélico e pentecostal a liberação feminina ganha nova dimensão em meio ao crescimento evangélico,[313] apesar das mulheres ainda serem questionadas se "são capazes de assessorar uma comunidade, se elas são capazes de pregar, de realizar sepultamentos, batizar, realizar a Ceia do Senhor. [...] Há muitas igrejas protestantes que não ordenam mulheres para os diferentes ministérios"[314]. O que vai ao encontro do que parece ocorrer na igreja pesquisada, ao perceber que o masculino ainda domina fortemente as igrejas, baseado em um Deus masculino,[315] porém a teologia feminista anuncia rever posições de poder, conteúdos e simbologias que não apenas negaram aos pobres os bens a que têm direito.[316]

[312] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[313] SOUSA, 2006, p. 14.
[314] ULRICH; DALFERTH, 2017, p. 205-206.
[315] GEBARA, 2007, p. 24.
[316] GEBARA, 2010, p. 25.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Além disso, requer quebrar com as chamadas falsas hierarquias,[317] e afirmar a igualdade "entre mulheres e homens nos diferentes rincões do mundo e nas diferentes aproximações religiosas. E criar aproximações culturais e uma nova ordem social onde se possa conviver no respeito às diferenças"[318]. Inclusive ao afirmar que nas Assembleias de Deus, em geral, as mulheres ocupam um papel secundário e apagado, mesmo podendo pregar e ocupar outros postos. Nesse sentido, a Bíblia é usada para sustentar desigualdades e estabelecer uma forma de oposição entre uma mulher líder na comunidade de fé. Apesar disso, Gebara vê com entusiasmo o crescente número de teologias feministas nas igrejas, mesmo diante de modo repressor e persecutório.[319]

Para Gebara, as mulheres já não podem mais ser caladas sobre sua própria experiência religiosa e que não se pode mais consagrar a antiga divisão social do trabalho dentro das igrejas como algo inerente à natureza e à vontade de Deus e da interpretação bíblica.[320]

Nesse contexto, segundo a pastora, via questionário, ela se tornou pastora porque foi um chamado divino, que acredita que as mulheres só podem ser pastoras se houver um chamado divino e não devem lutar contra igrejas que são contra o pastorado feminino.[321] A pastora não concorda com a proibição de sua antiga igreja – Assembleia de Deus – não aceitar pastoras, mas respeita esse fundamento e ou regimento adotado pela instituição.[322]

O discurso do chamado divino na ótica fundamentalista também é conservador e machista. A lógica do chamado, em geral, só cabe aos homens e, nesse sentido, coube o mandado divino de exercer autoridade sobre as mulheres e crianças. Além disso, através do discurso de que Deus comanda os homens da mesma forma que o poder masculino comanda as mulheres, tem como argumento que a submissão é comparada a um princípio universal. Mais a frente, o gráfico 13 mostrará que essa ideia permeia a opinião dos membros da igreja pesquisada, ao passo que a pastora Joana D'Arc entende ter recebido tal chamado, porém, compreende que boa parte das mulheres aceita pacificamente esse discurso e não os percebem como violência.

O discurso religioso de igrejas com perfil carismático pentecostal parece apresentar um modelo de ser mulher, mas reforça o modelo tradicional por meio de relações patriarcais,

[317] GEBARA, 2010, p. 25.
[318] GEBARA, 2010, p. 26.
[319] GEBARA, 2010, p. 28.
[320] GEBARA, 2010, p. 29.
[321] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[322] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

configurando-se em violência de gênero, que "não ocorre aleatoriamente, mas deriva de uma organização social de gênero, que privilegia o masculino”[323].

Infelizmente, as mulheres desses meios aceitam pacificamente estes discursos e não os percebem enquanto violências, mas sim os entendem como mandatos divinos, aos quais necessitam se submeter, pois querem servir a Deus e acabam assumindo papéis tradicionais em ser mulher.[324] A esse respeito, Paulo Freire argumenta que um meio de enfrentamento é a conscientização, pois, conduz a pessoa a libertação a partir da “educação, como prática de liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade”[325], pois, desvela a realidade.[326] Realidade essa que precisa de tomada de consciência por meio do conhecimento, no sentido de visualizar a violência simbólica religiosa e o poder do patriarcado que se apresentn machismos e na suposta superioridade da figura masculina frente à feminina.

A pastora Joana D’Arc acha que o meio evangélico não é machista quanto à figura do pastorado feminino, pois entende que o pastorado feminino é uma exceção e não uma regra, então é natural que as pessoas demonstrem uma certa objeção.[327] O que é contraditório, já que nenhuma das igrejas em que a membresia já frequentou era somente pastoras. Além disso existe a questão de violência simbólica e subjetiva em torno da temática. É como justificar que homens/mulheres negros/as não se atingem pelo racismo, não tendo lugar de fala para julgar tal coisa.[328] Essa questão reforça máquina simbólica, pois, “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”[329].

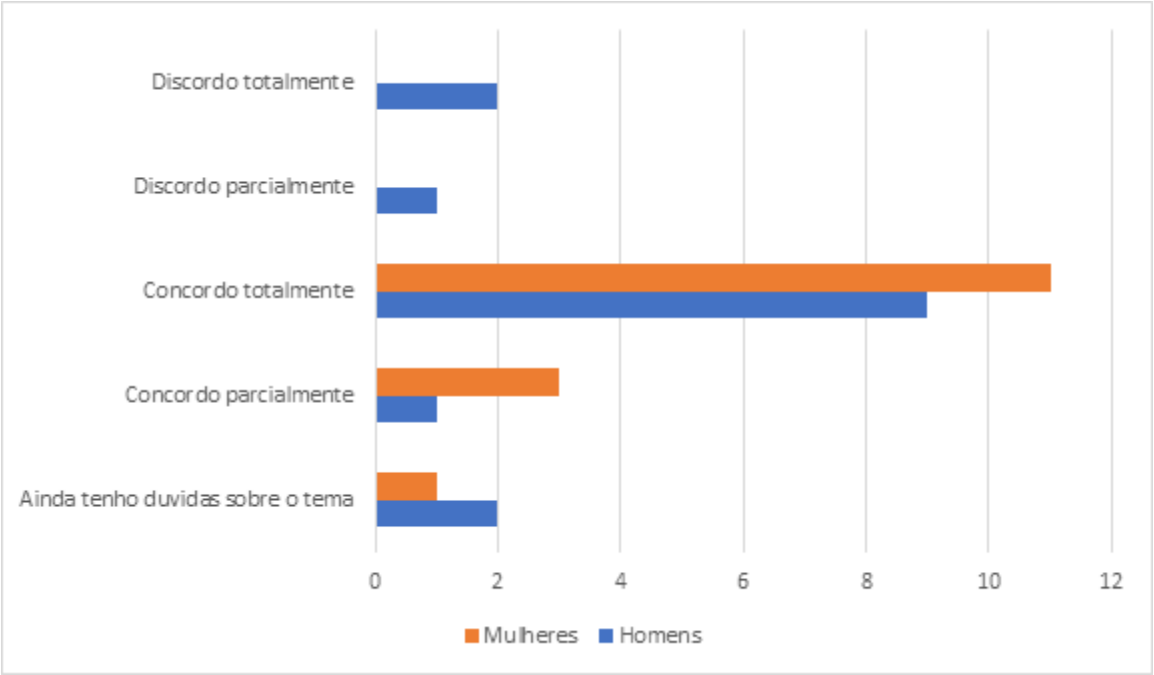
Assim, a dominação masculina é algo que deve ser contestado, pois as coisas não são assim porque são e pronto ou porque Deus quis assim. Pierre Bourdieu aprofunda mais a temática dadominação masculina demonstrando o quanto a mulher é marginalizada no tecido social, mesmo sendo maioria da população mundial.[330] Nesse contexto, tem-se a categoria de análise sobre a opinião geral sobre o pastorado feminino no gráfico 12:

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[323] SAFFIOTI, 1986, p. 105.
[324] ULRICH; LELLIS, 2020, p. 17-18.
[325] FREIRE, 1979, p. 15.
[326] FREIRE, 1979, p. 15.
[327] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[328] SANTOS, 2019, p. 361.
[329] BOURDIEU, 2015, p. 18.
[330] BOURDIEU, 2016, p. 62.

Gráfico 12. O que acha biblicamente acerca do pastorado feminino?[331]



Mediante aos dados registra-se que 2/3 da membresia pesquisada concordam totalmente com o pastoral feminino. Enquanto 2 (dois) membros (homens) discordam totalmente e 1 (um) discorda parcialmente. Outro dado importante é que a pastora pesquisada acredita que feminismo não foi e nem é importante para o pastorado feminino, justificando que a Bíblia é patriarcal e as mulheres devem se adequar a isso. Mas vale relembrar que a Teologia Feminista ganhou forçacom o movimento feminino, que sem ele o rumo da história poderia ser outro. Assim:

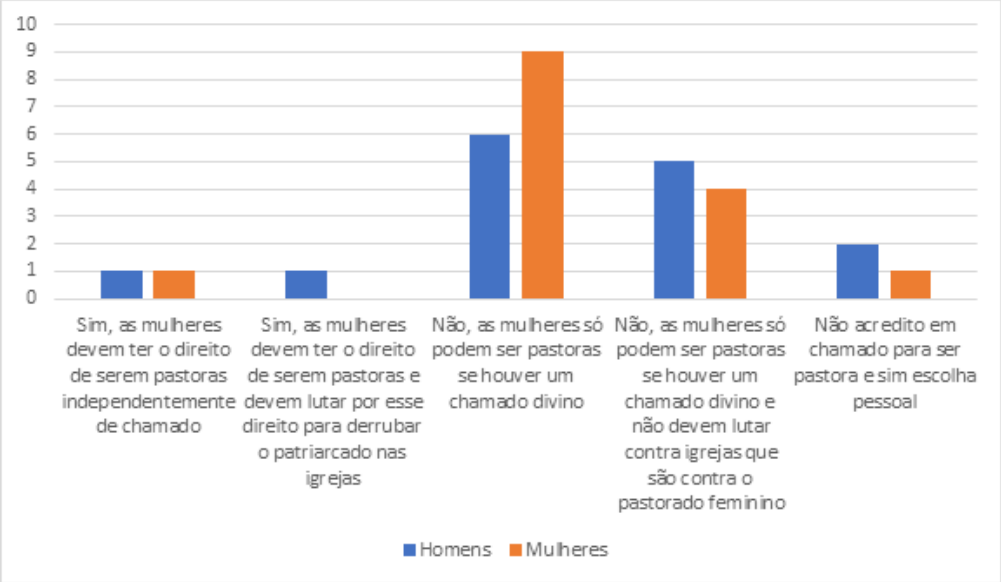
> A Teologia Feminista ganhou potência no Brasil pouco depois da seara da expansão do feminismo e dos estudos de gênero, por volta dos anos 1970 e 1980, o qual foi um momento muito rico em publicações e estudos feministas. Mas a incorporação dos estudos de religião e gênero, quando colocados juntos, deu-se mais lentamente.[332]

O que impulsionou que mulheres fizessem teologia, área do conhecimento que estava no Brasil atrelada apenas a homens, permanecendo a visão deles sobre o papel da mulher na sociedade e na igreja. Nesse contexto, segue-se para a análise do gráfico 13, quanto ao desejo da mulher ser uma pastora.

[331] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[332] MELO, 2021, p. 65.

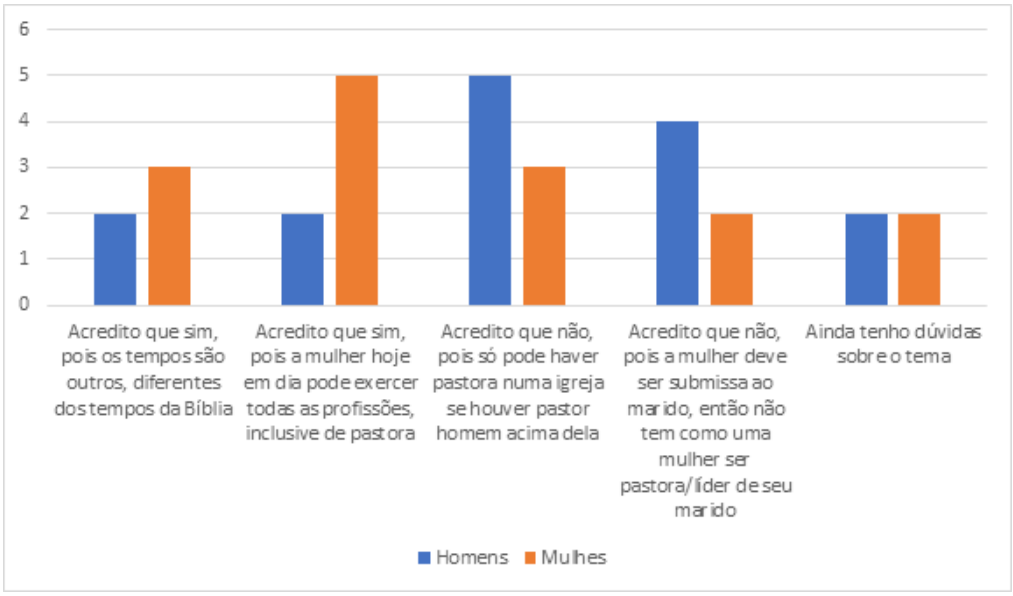
Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Gráfico 13. Você considera que qualquer mulher pode querer ser pastora ou deve haver um chamado divino? [333]



Frente aos dados observa-se que 90% dos/as participantes não acreditam que qualquer mulher pode ser pastora, enquanto 10% afirmam que sim. Dos 90%, a maioria acredita que as mulheres só podem ser pastoras se houver um chamado divino, acrescido de percentual que afirmam que a mulher não deve lutar contra igrejas que são contra o pastorado feminino, o que reafirma o lugar o machismo e do patriarcado. Inclusive, no gráfico 14 aponta dados sobre o pastorado feminino e autoridade da figura masculina, conforme a seguir:

Gráfico 14. Se você é favorável ao pastorado feminino, você pensa que biblicamente uma pastora tem a mesma autoridade que um pastor? [334]



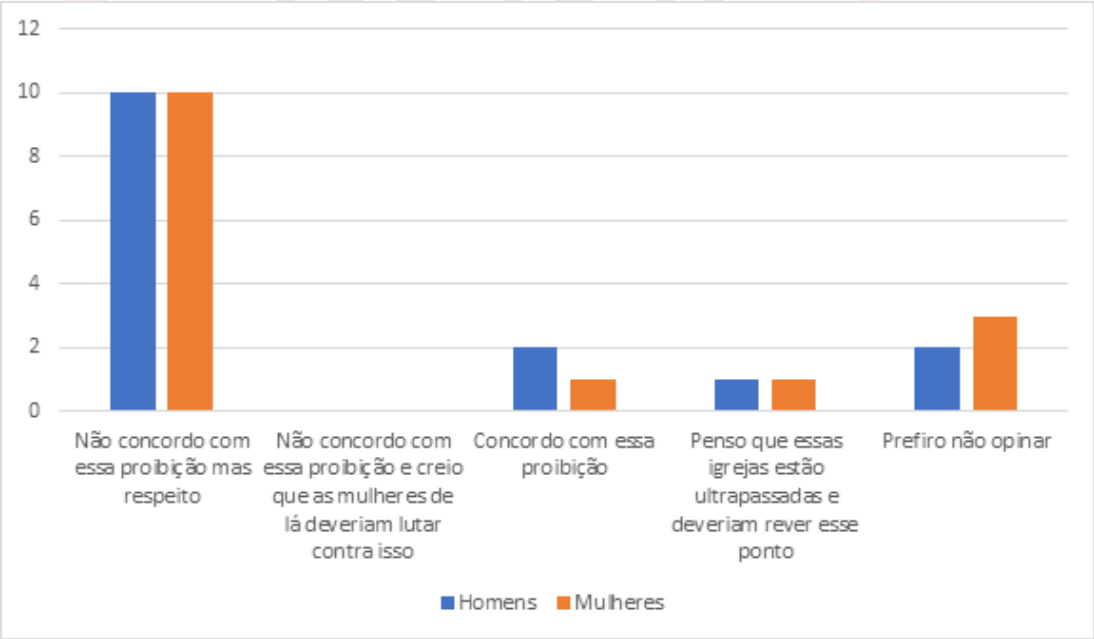
[333] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[334] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Registra-se que 45% da membresia não acredita que uma pastora tenha a mesma autoridade que um pastor; 4 membros ainda possuem dúvidas sobre o tema, e os demais acreditam que sim, mas o percentual é inferior ao número dos que não acreditam. O que converge para o conceito de gênero de Judith Butler ao afirmar que gênero foi criado a fim de se opor ao determinismo biológico presente na ideia de sexo,[335] que implica na biologia como um determinismo: a pessoa nasce homem ou mulher e suas experiências e contextos sociais seriam determinados de forma natural de acordo com o sexo que nasceu. Isso naturaliza a desigualdade entre homens e mulheres.[336] Vale ressaltar que a identidade se trata de uma construção permanente que dura até o final da vida.[337]

Nota-se na sociedade que à medida que o assunto gênero torna-se conhecido, mais cresce o fundamentalismo religioso,[338] sacralizado e tendo como base a ideia de que homens e mulheres foram divinamente criados com funções intrinsecamente diferentes e complementares.[339] Isso é inclusive argumento para que mulheres não sejam pastoras. O que no gráfico 15 vê-se a percepção da membresia a esse respeito.

Gráfico 15. Como você vê o fato de algumas igrejas não aceitarem pastoras? [340]



Quanto ao fato de algumas igrejas não aceitarem pastora, a maioria da membresia pesquisada afirmam não concordar com esse apontamento, mas respeitam a opinião ou dogma

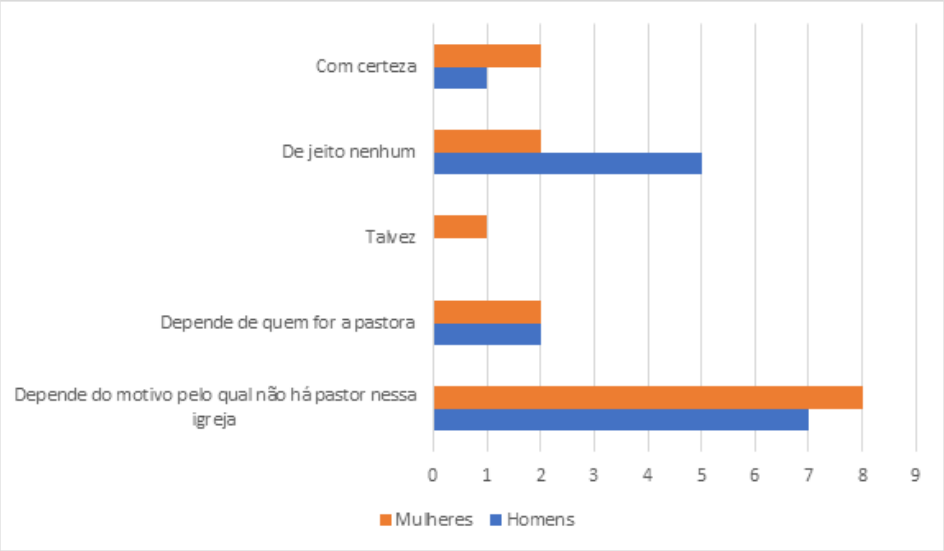
[335] FIRMINO; PORCHAT, 2017, p. 54-55.
[336] BUTLER, 2003, p. 26.
[337] COELHO, 2018, p. 62.
[338] ROCHA, 2014, p. 763.
[339] SOUSA, 2006, p. 19.
[340] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

de tais igreja, já que 2/3 são favoráveis à presença feminina frente à liderança religiosa. Em contraposição tem-se somente 1/10 da membresia que concordam com essa proibição.

Mediante a essa questão, no gráfico 16, apresenta-se a percepção da membresia frequentar ounão uma igreja liderada por mulher sem a figura masculina, ou seja, do pastor.

Gráfico 16. Você seria membro de uma igreja que só tem pastora ou não tem pastor?[341]

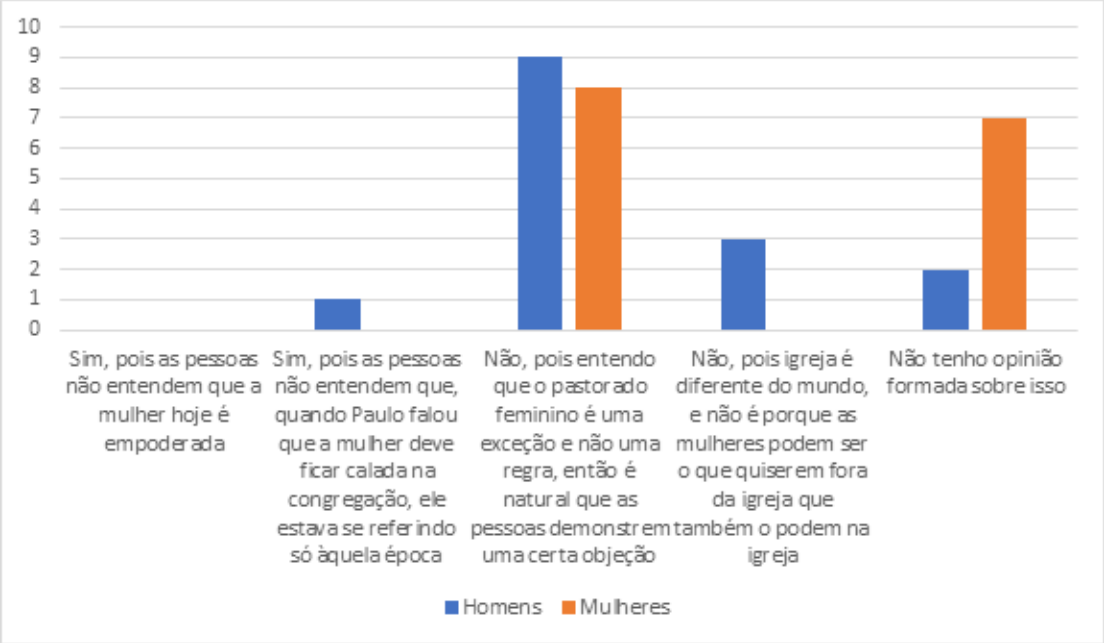


Diante desse quadro analítico quanto ser membro de uma igreja que só tem a presença da liderança pastoral do sexo feminino, observa-se que metade da membresia pesquisada, ou seja, 50%, isto é, 15 dos 30 respondentes afirmaram que depende do motivo pelo qual não havia pastor na igreja, enquanto 10% responderam que sim, que com certeza e 7 participantes apontaram que de jeito nenhum. Assim, 66,66% da membresia apontaram ser relativo sua posição, pois ainda vai depender de motivo e alguma condição. O que coloca a dúvida frente à questão. A seguir, no gráfico 17, observa-se a resposta da membresia a respeito da presença do machismo no meio do evangélico, quanto à presença da figura do pastorado feminino.

[341] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

Gráafico 17. Você acha que o meio evangélico é machista quanto à figura do pastorado feminino?[342]



Apesar de 100% da membresia concordarem que as pessoas não entendem que a mulher de hoje é empoderada, isso já vislumbra que essa membresia apresenta uma posição machista, pois não visualizam os feitos da mulher e do feminismo ao longo da história. Inclusive esse pensamento é reforçado pelas mulheres quanto 7 delas apontam não terem opinião formada sobre o assunto. O que demonstra como a relação de poder, a violência simbólica religiosa e o machismo está por trás dessa falta de conhecimento, bem como de consciência dos fatos.

A dominação masculina é outro ponto por trás das respostas, pois percebe-se que o meio evangélico é machista quanto ao pastorado feminino: 17 membras afirmaram que não, que entendem que o pastorado feminino é uma exceção e não uma regra, por isso as pessoas apresentam certa objeção. Por isso, ao longo deste estudo constatou-se que a pastora Joana D'Arc tem sofrido uma possível forma de dominação masculina, fruto dessa teologia conservadora e fundamentalista defendida pela própria igreja, presumindo-se assim que a religião cristã pentecostal pode ser uma possível influenciadora daviolência simbólica de forma subliminar e religiosa contra as mulheres. Inclusive há muitas igrejas protestantes que não ordenam mulheres para ministérios,[343] mediante essa dominação masculina em nome de um Deus supremo,[344] porém, a Teologia Feminista propõe reverposições de poder,[345] que se configura na luta contra o machismo estrutural frente a religião.

[342] Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[343] ULRICH; DALFERTH, 2017, p. 205-206.
[344] GEBARA, 2007, p. 24.
[345] GEBARA, 2010, p. 25.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

CONCLUSÃO

O presente estudo buscou respostas à seguinte pergunta-problema: como a atuação de uma Igreja Pentecostal no município da Serra/ES fortalece a violência contra as mulheres, utilizando-se de violência simbólica e religiosa, incidindo, inclusive, no não reconhecimento igualitário da atuação da pastora cujo nome fictício é Joana D'Arc? Para isso, teve como objetivo geral investigar como a teologia pentecostal fundamentalista fortalece o fenômeno da violência contra as mulheres para além de seu aspecto físico. Constatou-se que o pastorado feminino sofre violência simbólica e religiosa, de modo subliminar e subjetivo, nas relações de poder, no seio religioso, por meio de uma certa superioridade do homem (pastor México) sobre a figura feminina em nome de um Deus masculino, a partir do machismo estrutural, em que algumas mulheres infelizmente não possuem consciência desse fato. Nesse aprofundamento o estudo teve seus objetivos específicos discutidos em cada capítulo.

O primeiro objetivo foi apresentar uma abordagem histórica dos movimentos feministas e suas respectivas "ondas", a desigualdade de gênero, a utilização do conceito de gênero como categoria de análise e como a teologia feminista, sob a ótica de Gebara, parte da experiência concreta da vida das mulheres. Procurou-se entender o movimento feminista e as relações de gênero, através de reflexões sobre a trajetória histórica do feminismo mostrando como as mulheres lutaram e continuam lutando para combater o machismo, o patriarcalismo e opressões, por meio de agendas e lutas feministas, a partir da analogia de várias ondas, trazendo em seu bojo cada ondae elementos conservadores da igreja pentecostal de Serra-ES, ao considerar negativa a luta feminista. O que é confirmado por estudos de Bittencour, ao afirmar que as respostas das mulheres à opressão estrutural do patriarcado e à dominação masculina sempre ecoaram no silêncio da história. Essa analogia faz sentido na medida em que pode-se dizer que a partir do século XIX as ondas começaram a ficar mais volumosas e agitadas, se tronando mais fortes e poderosas, como demonstrado nas lutas e conquistas do movimento feminista, por meio de quatro ondas.

A primeira onda feminista, conhecida como sufragista ocorreu nas primeiras organizações feministas no final do século XVIII até as primeiras décadas do século XX, com a Revolução Francesa, cujos ideais pregavam a liberdade, igualdade e fraternidade. Assim, surgiu como movimento liberal de luta das mulheres, em prol da igualdade de direitos civis, políticos e educativos. Em que o movimento sufragista teve grande relevância nesse período.

A segunda onda ocorreu nas décadas de 1960 e 70, com a desvalorização do discurso da primeira, deixando a ideia de igualdade na universalidade e adotando o da igualdade na

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

diferença, em que, segundo Simone de Beauvoir, o sexo era defendido como natural e o gênero como algo construído. Dornelles critica essa onda afirmando que o feminismo branco de classe média apaga a presença e participação no movimento de mulheres não brancas e que não pertenciam à uma classe média.

A terceira onda feminista então teve início no final dos anos 1980 e 90 com a crítica pós-modernista da ciência ocidental. Momento em que a categoria gênero passa a ser considerada central, concentrando-se na análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade. Assim, a luta das mulheres deixou de focar no voto e na opressão do patriarcalismo em si e passou a se debruçar sobre as questões de gênero a fim de compreender, cientificamente, a situação de desigualdade entre homem e mulher. Identificando a caracterização entre a palavra mulher no singular e mulheres no plural. Que segundo Beatriz Lins, "não existe apenas *a mulher* (como forma única), mas sim *mulheres*, no plural"[346], devido a discussão de gênero.

A quarta onda do feminismo foi um fenômeno do século XXI, e ela se caracteriza por grandes manifestações de rua e pelo uso intenso de recursos da *internet* e das redes sociais, com temas fundamentais, como, a cultura do estupro, o feminismo on-line, o humor, interseccionalidade e a inclusão. Adentrando na imagem do corpo, doenças como anorexia.

A partir desse contexto adentrou-se na teoria de Simone de Beauvoir ao discorrer sobre tornar-se mulher, considerando que ela não nasce mulher, mas torna-se mulher em uma construção histórica e cultural. Seguido do conceito de Gebara a respeito à Teologia Feminista e como esta teologia de alguma forma influenciou e segue influenciando na luta contra as violências contra as mulheres, bem como na luta contra a violência simbólica e religiosa que atinge esse gênero. Ressaltando que o feminismo contribuiu para que houvesse um ingressoda mulher na teologia e incorporação de estudos de religião e gênero, bem como questões sociais e políticas importantíssimas até hoje para a participação e emancipação da mulher frente à sociedade e pautas que antes eram denominadas masculinas.

Na sequência, o segundo objetivo foi conceituar violência em seus múltiplos âmbitos, compreender a violência religiosa simbólica, a partir de Pierre Bourdieu, e como ela exerce influência nas relações de poder no seio da igreja e apresentar como violência e o racismo contra a mulher negra no Brasil é algo que é subestimado e está presente nas igrejas e, neste caso, em uma Igreja Pentecostal de Serra-ES. Assim, discutiu-se o conceito de violência e violências contra as mulheres a partir de autores renomados e Organização Mundial da Saúde

[346] LINS, 2016, p. 33.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

– OMS corrobora afirmando que a violência é o uso intencional de força física ou do poder trazendo danos físico ou psicológico por meio da violência simbólica. Que a OMS categorizou em três tipos, das quais: violência autodirigida, interpessoal, coletiva ou comunitária, estabelecendo distinções quanto à natureza de violência, a qual pode ser dividida em: violência física; violência psicológica/moral; tortura; violência sexual; tráfico de seres humanos; violência financeira/econômica; negligência/abandono; trabalho infantil; e violência por intervenção legal, sendo privilegiada neste estudo a violência psicológica/moral, que por sua vez, é toda forma de rejeição, depreciação, discriminação (por crença, cor, gênero etc.), desrespeito, cobrança exagerada, punições humilhantes e utilização da pessoa para atender às necessidades psíquicas de outrem. Esse tipo de violência também pode ser chamado deviolência moral. Além disso, a tortura também se enquadra quando um sujeito age com torturacontra outrem em razão de discriminação racial ou religiosa. Ou seja, a violência nada mais é que a desigualdade de forças a serviço da dominação conforme estudos de Pierre Bourdieu.

Observou-se que tanto a Lei Maria da Penha quanto os conceitos da OMS em categorizar as violências não abrangem violências como a simbólica e a religiosa contra as mulheres. Esses dois tipos de violência possuem especificidades, sendo muitas vezes mais sutis e difíceis de combater.

As Ciências das Religiões contribuem para o estudo da violência simbólica e religiosa, em que a força simbólica representa uma forma de poder que causa danos morais e psicológicos. A pastora Joana D'Arca sofre com esse tipo de violência, mesmo que ela ainda não reconheça esse fato, porém, ela atribui o desrespeito que padece ao fato de ser mulher. Para Pierre Bourdieu, isso se configura numa questão de dominação masculina, que sujeita as mulheres aos homens de forma hierárquica, fortalecendo, assim, a violência de gênero.

Segundo Gebara, isso se justifica a partir da cultura patriarcal em um Deus judaico-cristão em uma suposta superioridade de gênero, por meio da violência simbólica enquanto poder invisível subjetivo, que inclusive está relacionado também ao machismo estrutural, baseado em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social. Em que o poder simbólico, retrata a dominação masculina. Que Pierre Bourdieu classifica essa dominação e a submissão feminina como espontânea e extorquida, que funciona graças a um duplo mecanismo de reconhecimento e de desconhecimento. Sendo que a dominação de uns é ocorre pelo fato de que os dominados reconhecem como legítima a ordem social dominante, desconhecendo seu caráter absolutista e alienante. Tais conceitos se inserem nesta discussão, porque a pastora Joana D'Arc não reconhece que sofre violência simbólica religiosa. Inclusive, porque é legitimando como natural frente à ordem social e até conjugal e familiar, jáque os

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes, produzindo uma autodepreciação ou até de autodesprezo sistemáticos. Dessa forma, o dominado se sente inferior ao dominante, caracterizando uma inferioridade feminina; o que amplia o fosso mediante à discussão do racismo, em que amplia a violência contra mulher, desde a questões econômicas quanto a sociais, por meio da segregação da mulher negra, a partir do racimo que se forma de pequenas atitudes intrínsecas no cotidiano.de forma velado.

Por fim, o terceiro objetivo foi analisar as respostas dos questionários respondidospela membresia e pela pastora Joana D'Arc da igreja pentecostal de Serra-ES. O que foi efetivado com os 30 participantes da pesquisa, dos/as quais observou quanto ao sexo que 50% foram de mulheres e 50% de homens, mais a pastora da referida igreja. Quanto à representação da autodeclaração das mulheres a respeito da cor, a maioria, 12/15 se identifica como parda, seguida de 2 brancas e 1 branca. Os homens apresentaram um pequeno acréscimo no quantitativo de homens negros em relação ao de mulheres, pois foram 3 que se identificaram como negros, isto é, 9 pardos, 3 brancos e 3 negros. Lembrando que a pastora se autodeclarou como negra.

Quanto a idade dos participantes da pesquisa, a das mulheres varia entre 18 e 44 anos; e dos homens se estende um pouco mais, dos 18 aos 56 anos. Sendo que ambos apresentam variadas profissões, que transitam do ensino fundamental ao ensino superior, já que a membresia é 100% alfabetizada, sendo que há mulheres cujas profissões requer como pré-requisito mínimo o ensino superior, como, por exemplo, Professora e Arquiteta Urbanista. O que confirma a importância do movimento feminista na primeira onda. Além disso, afirmaque a mulher não está segregada a um papel secundário nas diversas esferas da sociedade, já que pode realizar em uma profissão ou por meio da vida política, confirmando a quarta onda do feminismo. Em relação aos homens a categorização da profissão dos homens/membros da igreja pesquisada.

Que as profissões dos homens também são variadas perpassando pelo nível de escolaridade dos pesquisados. Neste sentido, o nível de escolaridade dos participantes da pesquisa aponta que 1/3 dos participantes possuem ensino superior completo ao considerar os dados do ensino superior e pós-graduação. E, que o nível de escolaridade da pastora Joana D'Arc é ensino médio e ela se considera do lar enquanto categorização profissional.

Quanto ao quantitativo de mulheres e homens casados apurou-se que em ambos os sexos 11 são casados e 4 não. Sendo que quanto à duração do tempo de casamento, observou- se que a maioria pode ser considerada com pouco tempo de casados/a. Ao observar o tempo em que

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

frequenta a igreja pesquisada, a maioria tem até 5 (cinco) anos pertencente à instituição pesquisada, pois a instituição religiosa é recente.

Ao buscar categorizar o feminismo, Teologia Feminista e o conceito de tornar-se mulher em contraposição a nascer mulher, a membresia de ambos os sexos não conhecem eou reconhecem o feminismo e nem sua importância na história para com a mulher, como, por exemplo, a participação nas no movimento das Diretas Já.

Generalizando os dados 25 participantes sinalizaram que o movimento feminista não foi importante para as mulheres, o inclui respostas das próprias mulheres, mediante ao fato justificado de que a Bíblia é patriarcal, e as mulheres devem se adequar a isso, frente à opressão estrutural do patriarcado e à dominação masculina sempre ecoaram no silêncio da história, o que mascara seu aspecto de gênero, bem como a relação de poder no patriarcalismoe a opressão das mulheres em suas argumentações.

Nessa discussão, buscou-se demonstrar a percepção da membresia a respeito da Teologia Feminista, foi observado que dos 30 participantes da pesquisa – membresia, 22 não conhecem a Teologia Feminista, dos quais 50% desses são mulheres e 50% homens. 8 participantes conhecem, dos quais 3 não acham tão ruim, sendo que 1 mulher gostaria que as igrejas dessem mais espaço para essa discussão, 1 mulher gostaria que essa Teologia fosse debatida na igreja pesquisada, 2 homens conhecem, mas abominam totalmente assim como a própria pastora, inclusive vale salientar que a pastora foi a única mulher a abominar totalmente essa Teologia.

A teóloga Ivone Gebara chama atenção pelo fato de ainda existir uma luta na igreja para o reconhecimento e a ordenação das mulheres, sob a ótica teológica e hierárquica na ICAR, devido a palavra da Igreja e a teologia da Igreja serem palavras masculinas. Esse tipo de exclusão da mulher acontece nas instituições sociais e políticas, quando fazem uma divisão de papéis – masculino e feminino – bem como das funções exercidas por homens e mulheres, em uma suposta afirmação de uma superioridade dos homens e na dependência das mulheres. Esse fenômeno de dominação masculina se reproduziu na igreja pesquisada, por meio da visão androcêntrica e na incorporação de preconceito contra as mulheres em nome de uma teologia patriarcal.

A Teologia feminista estuda, pesquisa e critica a imagem de Deus, o Messias masculino e a dimensão sacrificial salvífica masculina. O pensamento cristão contribuiu e continua contribuindo para a opressão das mulheres, inclusive relegando-as a títulos secundários nos momentos de culto e também de lideranças de comunidades cristãs, seguindo e fortalecndo o princípio violento da subordinação da mulher ao homem. Infelizmente, o masculino detém o

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

maior poder nas igrejas cristãs, por isso, a Teologia Feminista reivindica a experiência da ressurreição para as mulheres, frente ao processo histórico de segregação das mulheres, perpassando pela discussão das mulheres enquanto as segundas na ordem da criação, delegando-as assim a cidadãs de segunda categoria.

Os resultados da pesquisa realizada demostram que das/os 31 participantes pesquisado/as, 30 responderam que nasce-se mulher e morre-se assim – incluindo a resposta da pastora pesquisada, que é contrário ao discurso feminista: "do tornar-se mulher". Não há reflexão, conhecimento e consciência de que gênero é uma construção social e histórica, que fortalece hierarquias e subordinações, colocando a mulher como ajudante e servidora do homem. Tornar-se mulher significa assumir como protagonista e sujeita da história, com coragem para denunciar todos os tipos e formas de violências, inclusive aquelas que ocorrem dentro das igrejas.

Nessa discussão, observa-se que 2/3 dos/as participantes da pesquisa afirmaram que nasce-se mulher, morre-se assim e todo aquele que não concordar com isso cometerá pecado. Novamente, o conceito de pecado é reduzido a uma perseguição às mulheres, ao feminismo que quer libertar as mulheres destas amarras.

Na categoria de análise denominada de opinião sobre o pastorado na igreja pesquisada quanto ao questionamento se a pastora Joana D'Darc é tão respeitada como autoridade pastoral pelos membros quanto o pastor México, registrou-se que a maioria da membresia acredita que a pastora é respeitada, tendo somente 1 membro masculino apontando que não, apesar de 5 membros/as apontarem que na maioria dos casos sim. Mesmo sendo apontado pela maioria que sim, tem-se inclusive na pesquisa a opinião da própria pastora informando que não, inclusive ela justifica pelo fato de ser mulher. O que remete às questões de violência simbólica e religiosa contra as mulheres, tendo em vista que a força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, perpassando pela violência de gênero e da justificação da dominação masculina.

Retomando aos dados do questionário quanto ao questionamento se a pastora Joana D'Arc recebe espaço e autoridade suficiente do pastor México ou deveria receber mais, constatou-se que 100% das mulheres afirmaram que sim, inclusive a própria Pastora. Já os homens 11/15 corroboram com as afirmativas das mulheres – membras e pastora –, visto que 3/15 afirmaram que na maior parte dos casos, sim e apenas um homem registou que não tem opinião formada sobre o assunto.

Quanto ao preparo da pastora Joana D'Arc sobre exercer bem seu ofício pastoral, constatou-se que 100% das mulheres responderam que sim, enquanto um membro masculino

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

afirmou que exerce bem, mas poderia se preparar mais. E, caso a pastora estivesse no cargo sem a figura do pastor, um pouco mais de 50% continuariam na Igreja sem a presença do Pastor, mas o que chama a atenção é que 8 membros/as, dos quais 50% mulherese 50% homens não têm certeza sobre a decisão diante da hipótese apresentada. E, além disso, 3 membros masculinos não continuariam, pois, só acreditam que pode haver pastora numa igreja se houver a figura de um pastor acima dela, afirmando relações de poder do masculino sob o feminino.

Quanto a categoria de análise sobre (des)respeito contra a pastora Joana D'Arc observou-se que 100% das mulheres participantes afirmaram que nunca presenciaram e nem ouviram nada a respeito. Enquanto 12/15 dos homens corroboram com a afirmação delas, porém 1/15 afirmou que nunca presenciou, mas já ouviu, e 2/15 já presenciou, ouviu e ficou indignado/a com o caso. O que confirma o não reconhecimento e o desconhecimento sobre o assunto, mediante a violência simbólica e religiosa, em uma relação de poder simbólico.

Quando o participante da pesquisa, do sexo masculino, identificado como Bolívia, afirmou que já presenciou, ouviu e ficou indignado com o caso, ao relatar fato ocorrido a esse respeito na rua confirmou que a violência simbólica religiosa ocorre de forma velada no seio da Igreja, que paira como a subjetividade, por meio do fundamentalismo religioso e dominação masculina frente ao feminino.

Mediante a questão de desrespeito a pastora Joana D'Arc afirmou que nunca sofreu, mas já ouviu. O que é contraditório já que dois membros da igreja confirmaram essa questão,e inclusive registraram que ficaram indignados diante da questão. Além disso, ela afirmou em outro ponto da pesquisa de que não era tão respeitada quanto o Pastor devido ser mulher.

Quanto à questão do questionário que aborda a temática racismo, 100% dos/as participantes/as da pesquisa incluindo a pastora pesquisada afirmam que nunca presenciou e nem ouviu fala racista por parte de membros/as da igreja pesquisada contra a pastora Joana D'Arc. Entretanto, há controvérsias, inclusive neste estudo há relato de fato de racismo em uma homenagem aos pastores da igreja pesquisada, em que as representações das cores e cabelos dos corpos causaram constrangimento, principalmente devido a cor da pele da pastora, ser negra.

Historicamente, muitas mulheres negras são vistas como inferiores, por conta do patriarcado racista, fortalecido pela cultura machista tendo como resultado o feminicídio, sendo que o patriarcado se reforça a partir das instituições que reproduzem e fortalecem a desigualdade de gênero, a partir do domínio masculino.

Dos/as 31 participantes da pesquisa, incluindo a pastora, 30 consideram que o Pastor trata a pastora de forma respeitosa, enquanto 1 não, ou seja, 0,31% são contrários. Isso indica

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

que 99,69 consideram que o Pastor México trata a Pastora Joana D´Arc com o devido respeito. O que confirma a percepçãoda pastora sobre a questão e importância do feminismo negro.

A respeito da percepção da membresia sobre o ministério pastoral feminino, com análise sobre mobilidade religiosa e opinião geral, foi discutido os motivos pelos quais a membresia foi para a igreja pesquisada, bem como sobre o pastorado feminino. Nesse contexto, ao discutir o principal motivo que levou a membresia para a igreja pentecostal da Serra-ES pesquisada, somente 6 membresias apontaram pela experiência religiosa pentecostal, sendo desses/as 50% homens e 50% mulheres. Já a mobilidade em ter ou não frequentado alguma instituição religiosa antes de entrar para a igreja pesquisada observou-se que quase 1/3 dos homens frequentaram somente uma igreja, enquanto o mesmo quantitativo de mulheres frequentava mais de três instituições religiosas. E, um membro respondeu que não tinha igreja, entendendo-se que era sem religião.

A maioria da membresia vem de igreja que não havia pastora, apenas pastores, enquanto 100% da membresia apontaram que nunca frequentou igreja que havia apenas pastora; já 1/3 da membresia apontou que havia pastora e pastor. Chama a atenção, apesar da pouca quantidade, duas mulheres e um homem afirmaram que havia pastores e apenas uma pastora, mas ela tinha menos autoridade que os pastores; o que coloca em voga a suposta superioridade do homem e a divisão gênero, bem como a expansão das crençasfundamentalistas. O que requer a quebrar com as chamadas falsas hierarquias e afirmar a igualdade entre os gêneros.

Nesse contexto, a Joana D'Arc se tornou pastora, justificando que foi um chamado divino, o qual pela ótica fundamentalista, é conservador e machista. Que, infelizmente, as mulheres desses meios aceitam pacificamente esses discursos e não os percebem como violências. Que um meio de enfrentamento é a conscientização, desvela a realidade, a partir de a consciência por meio do conhecimento e reconhecimento.

A pastora Joana D'Arc acha que o meio evangélico não é machista quanto à figura do pastorado feminino, o que é contraditório, pois há questões de violência simbólica e subjetiva em torno da temática. É como justificar que homens/mulheres negros/as não se atingem pelo racismo, não tendo lugar de fala para julgar tal coisa. O que reforça a máquina simbólica a partir da legitimação da dominação masculina. Ao mesmo tempo em que 2/3 da membresia pesquisada concordam totalmente com o pastorado feminino. Enquanto 2 (dois) membros (homens) discordam totalmente e 1 (um) discorda parcialmente. Outro dado importante é que a Pastora pesquisada acredita que feminismo não foi e nem é importante para o pastorado feminino, justificando que a Bíblia é patriarcal e as mulheres devem se adequar a isso. Com relação ao desejo da mulher ser uma pastora, ao considerar que qualquer mulher pode querer

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

ser pastora ou deve haver um chamado divino, observou-se que 90% dos/as participantes não acreditam que qualquer mulher pode ser pastora, enquanto 10% afirmam que sim. Dos 90%, a maioria acredita que as mulheres só podem ser pastoras se houver um chamado divino, acrescido de percentual que afirmam que a mulher não deve lutar contra igrejas que são contra o pastorado feminino, o que reafirma o lugar o machismo e do patriarcado. Inclusive, no Gráfico 14 aponta dados sobre o pastorado feminino e autoridade da figura masculina, em que registra-se que 45% da membresia não acredita que uma pastora tenha a mesma autoridade que um pastor; 4 membros ainda possuem dúvidas sobre o tema, e os demais acreditam que sim, mas o percentual é inferior ao número dos que não acreditam. O que converge com conceito de gênero de Judith Butler ao afirmar que gênero foi criado a fim de se opor ao determinismo biológico, naturalizando a desigualdade entre homens e mulheres.

Nota-se na sociedade que o fundamentalismo religioso tem crescido, inclusive sendo um argumento para que as mulheres não sejam pastoras, a maioria da membresia pesquisada afirmam não concordar com esse apontamento, mas respeitam a opinião ou dogma de tais igreja, já que 2/3 são favoráveis à presença feminina frente à liderança religiosa. Em contraposição tem-se somente 1/10 da membresia que concordam com essa proibição. Mediante a essa questão, no Gráfico 16, apresenta-se a percepção da membresia frequentar ou não uma igreja liderada por mulher sem a figura masculina, ou seja, do pastor. Assim, 66,66%da membresia apontaram ser relativo sua posição, pois ainda vai depender de motivo e algumacondição. O que coloca a dúvida frente à questão.

Observa-se a resposta da membresia a respeito da presença do machismo no meio do povo evangélico, quanto à presença da figura do pastorado feminino. Apesar de 100% da membresia concordarem que as pessoas não entendem que a mulher de hoje é empoderada,isso já vislumbra que essa membresia apresenta uma posição machista, pois não visualizam osfeitos da mulher e do feminismo ao longo da história. Inclusive esse pensamento é reforçado pelas mulheres quanto 7 delas apontam não terem opinião formada sobre o assunto. O que demonstra como a relação de poder, a violência simbólica religiosa e o machismo está por trásdessa falta de conhecimento, bem como de consciência dos fatos.

A dominação masculina foi outro ponto importante discutido, pois a maioria das respostas sobre se o meio evangélico se apresenta machista quanto ao pastorado feminino, 17 membresia afirmaram que não, que entendem que o pastorado feminino é uma exceção e não uma regra, por isso as pessoas apresentam certa objeção. Por isso, ao longo deste estudo constatou-se que a pastora Joana D'Arc tem sofrido uma possível forma de dominação masculina, fruto dessa teologia conservadora e fundamentalista defendida pela própria igreja,

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

presumindo-se assim que a religião cristã pentecostal pode ser uma possível influenciadora da violência simbólica de forma subliminar e religiosa contra as mulheres. Inclusive há muitas igrejas protestantes que não ordenam mulheres para ministérios, mediante essa dominação masculina em nome de um Deus supremo masculino hierárquico, porém a teologia feminista propõe rever posições de poder, que se configura na luta contra o machismo estrutural frente a religião. Outros estudos são necessários para aprofundar as temáticas levantadas nesta pesquisa.

Neste sentido, o resultado e as discussões apresentadas serão devolvidas à comunidade pesquiada, buscando colaborar na discussão sobre como ocorre a violência simbólica e religiosa no seio da Igreja Pentecostal na cidade da Serra/ES, especialmente em relação a Pastora Joana D´Arc. A aplicabilidade da pesquisa também será utilizada no meu trabalho como policial, onde me defronto com muitas situações que envolvem a violência contra as mulheres. A partir das reflexões teóricas e da aplicabilidade da pesquisa percebi que a violência, em suas múltiplas faces, necessita ser denunciada. Uma sociedade mais igualitária somente será possível, quando as violências forem enfrentadas em todos os âmbitos e instituições. Neste sentido, é necessário perceber e denunciar a violência simbólica e religiosa que se realiza nas diferentes igrejas, fortalecendo o poder patriarcal, o machismo que fortalecem a submissão das mulheres, e, inclusive o feminícidio.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. [*Site* institucional]. [s.d.]. Disponível em: https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/cultura-e-raizes-da-violencia/. Acesso em: 21 out. 2022.

AGUIAR, Márcio M. A construção das hierarquias sócias: classe, raça. Gênero e etnicidade. *Revista Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, São Paulo, v. 1, n. 37, p. 79-93, 2007.

ALMEIDA, Silvio L. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, Ana C. F.; ALVES, Ana K. S. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. *In*: SEMINÁRIO CETROS, IV, 2013, Fortaleza. *Anais*... Fortaleza: CETROS, 2013. p. 113-118. [pdf].

BAUNGART, Thais A. A.; AMATUZZI, Mauro M. Experiência religiosa e crescimento pessoal: uma compreensão fenomenológica. *Revista Rever*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 95-111, 2007.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo:* fatos e mitos, 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BERGESCH, Karen. As mulheres da reforma na igreja do norte da Alemanha: um olhar sob a perspectiva degênero. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 1. p. 102-115, 2017.

BITTENCOURT, Naiara A. Movimentos feministas. *Revista Insurgência*, Brasília, v. 1, n. 1. p. 198-210, 2015.

BORGES, Joana V. *Trajetórias e leituras feministas no Brasil e na Argentina* (1960-1980). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*: a condição feminina e a violência simbólica. 3. ed. Rio deJaneiro: BestBolso, 2016.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 21 out. 2022.

BRASIL. Casa Civil. *Lei nº 9.455, de 7 de abril de 1997*. [Define os crimes de tortura e dá outras providências]. Brasília: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9455.htm. Acesso em: 21 nov. 2022.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: CivilizaçãoBrasileira, 2003.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49. p. 117-133, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de umaperspectiva de gênero. *In*: PORTAL GELEDÉS [*Site* institucional]. 06 mar. 2011. Disponível em: https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/. Acesso em: 11 nov. 2022.

CARVALHO, Maristela M. *Da "rebelião nas fronteiras" à conquista do campo*: a Teologia Feminista na Concilium, Revista Internacional de Teologia (1985-1996). Tese (Doutorado em História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CASTRO, Amanda M. *A freira brasileira desafia o Vaticano:* homenagem a Ivone Gebara*. In:* ENCONTRO DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO (REDOR), XVIII, 2014, São Paulo. *Anais*... São Paulo: REDOR, 2014. p. 2020-2024. [pdf].

CEVS. *Tipologia da violência*. [s.d]. Disponível em: https://www.cevs.rs.gov.br/tipologia-daviolencia#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%B Ade,%2C%20organiza%C3%A7%C3%B5es%20terroristas%2C%20mil%C3%ADcias. Acesso em: 21 out. 2022.

CHAMBOULEYRON, Ingrid C. *A tensão entre modernidade e pós-modernidade na crítica à exclusão no feminismo*. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CHIAVENATO, Julio J. *O negro no Brasil.* São Paulo: Cortez, 2012.

COELHO, Elza B. S.; SILVA, Anne C. L. G.; LINDINER, Sheila R. *Violências*: definições e tipologias. Florianópolis: UFSC, 2014.

COELHO, Mateus G. *Gêneros desviantes*: o conceito de gênero em Judith Butler. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

CONAQ. *Significado de Racismo.* [s.d]. Disponível em: http://conaq. org.br/noticias/ significado-de- racismo/. Acesso em: 18 out. 2022.

COSTA, Ana A. A. O movimento feminista no brasil: dinâmicas de uma intervenção política. *Revista da Universidade Federal Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-20, 2005.

COSTA, Ana A. A.; SARDENBERG, Cecília M. B. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. *In*: COSTA, Ana A. A.; SARDENBERG, Cecília M. B. (orgs.). *O feminismo do Brasil:* reflexões teóricas e perspectivas. Salvador: UFBA, 2008. p. 1-390.

COSTA, Marcelo T. Em nome do Pai: o Francisco de Assis de Leonardo Boff. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33. p. 444-467, 2016.

CRETTIEZ, Xavier. *As formas de violência*. São Paulo: Loyola, 2011.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

CRUZ, Wallace S.; PEREIRA, Francisco C. Violência de gênero em nome de Deus: uma análise a partir do moralismo neopentecostal. *Revista Jesus Histórico,* Juiz de Fora, a. 13, n. 24. p. 367-382, 2020.

CRUZ, Fernanda. Mais de 500 mulheres são agredidas por hora no Brasil, revela pesquisa. *In*: TODA MATÉRIA [*Site* institucional]. 26 fev. 2019. Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitoshumanos/noticia/2019-02/mais-de-500-mulheres-sao- agredidas-por-hora-no-brasil-revela. Acesso em: 28 out. 2022.

CUNHA, Suelen R. *Protestantismo e violências contra as mulheres:* um estudo de caso acerca da violência simbólica e religiosa contra a ordenação de mulheres na Convenção Batista Brasileira. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2022.

CUSTÓDIO, Edson. *Damares: "Menino veste Azul e menina veste Rosa:* uma nova era? [*YouTube*, 03 jan. 2019]. São Paulo: Edson Custódio, 2019. (10min 54s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6myjru-e81U. Acesso em: 03 jan. 2022.

CYCLE. *Manterrupting*: o que é, causas e como combater? [s.d.]. Disponível em: https:// www.ecycle.com.br/manterrupting/. Acesso em: 21 jan. 2023.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. *Violência*: um problema global de saúde pública. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11. p. 1163-1178, 2006.

DICIO. *Violência.* [s.d.]. Disponível em: https://www.dicio.com.br/violencia/. Acesso em: 23 ago. 2022.

DORNELLES, Danielle S. Tempos de mulheres: utopias e distopias feministas na literatura e história *Revista de Literatura, História e Memória*, [s.l.], v. 17, n. 30. p. 223-235, 2022.

DRUMMOND, Daniela R. *A quarta onda do movimento feminista no jornalismo brasileiro e português:* um estudo sobre as coberturas jornalísticas da Folha de S. Paulo e do Público (2013-2018*).* Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

ESMERALDO, Gema G. S. L. O feminismo no plural: para pensar a diversidade constitutiva das mulheres. *Revista Estudos Feministas*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 81-97, 2006.

FELGUEIRAS, Ana C. M. L. Breve panorama histórico do movimento feminiasta brasileiro: das sufragistas ao ciberfeminismo. *Revista Simonsen*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, p. 113-127, 2017.

FERREIRA, Maria L. R. *As mulheres na filosofia*. Lisboa: Colibri, 2009.

FIRMINO, Flávio H.; PORCHAT, Patrícia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de "problemas de gênero". *Revista Doxa*, Araraquara, v. 19, n. 1.p. 51-61, 2017.

FRANÇOISE, Gange. *Jesus e as mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREIRE, Paulo. *Conscientização:* teoria e prática da libertação. São Paulo: Cortez, 1979.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

FURLIN, Neiva. Um “modo feminino” de produzir e ensinar Teologia: a diferença como projeto político desubjetivação e agenciamento. *Revista Educ. Soc.*, Campinas, v. 39, n. 143. p. 283-300, 2018.

GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio:* uma fenomenologia feminista do mal. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, justiça e feminismos*: antologia de textos. São Bernardo do Campo:Nhanduti, 2010.

GEBARA, Ivone. *Mulheres, religião e poder*: ensaios feministas. São Paulo: Terceira Via, 2017.

GONZALEZ, Lélia. *Cultura, etnicidade e trabalho*: efeitos lingüísticos e políticos da exploração da mulher. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION (LASA), VIII, 1979, Pittsburg. *Anais*... Pittsburg: LASA, 1979. p. 1-11. [pdf].

GOULART, Líbia K. *Religião e violência doméstica:* um olhar a partir das mulheres atendidas pelo núcleo de prática jurídica do Centro Universitário Redentor (UNIREDENTOR) em Itaperuna. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2018.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião?* São Paulo: Paulinas, 2005.

GUNELLA, Elis J. *Ontologia e ética n'O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

HETTWER, Henrique R. Impactos do hegemonismo oligopolista estrangeiro na sojicultora sobre o trabalho e as condições de vida de trabalhadores. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA (ENPPG), XIV, 2019, Santa Maria. *Anais*... Santa Maria: ENPPG, 2019. [n.p.]. [pdf.].

HEYWOOD, Andrew. *Ideologias políticas*: do feminismo ao multiculturalismo. São Paulo: Ática 2010.

IBGE [*Site* institucional]. [s.d]. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137. Acesso em: 24 out. 2022.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. *Tipos de violência*. [s.d]. Disponível em: https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html. Acesso em: 26 out. 2022.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. *Por que as taxas brasileiras são alarmantes?* [s.d.]. Disponível em: https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/qual-a-dimensao-do-problema-no-brasil/. Acesso em: 28 out. 2022.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo*: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997.

JESUS, Milena S. A abordagem conferida ao sexo e gênero nas distintas ondas feministas. *Revista Café com Sociologia*, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 193-206, 2014.

LAZDAN, Alessandra M.; REINA, Fábio T.; MUZZETI, Luci R.; RIBEIRO, Paulo R. M. A dominação masculina de Pierre Bourdieu: críticas e reflexões a partir da psicologia analítica. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 9, n. 2. p. 470-487, 2014.

LIMA, Marcus E. O.; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Revista Estudos de Psicologia*, Natal, v. 9, n. 3. p. 401-411, 2004.

LIMA, Leize R. S. C.; OLIVEIRA, Jenny; MOREIRA, Isadora C. Mulher transexual no discurso cisgênero: direito à igualdade e acesso à prática de não discriminação. *Revista de Ciências Humanas e Sociais,* São Paulo, v. 6, n. 4, p. 204-223, 2020.

LINS, Beatriz A.; MACHADO, Bernardo F.; ESCOURA, Michele. *Diferentes, não desiguais:* a questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016.

MACHADO, Maria D. C. *Adesão religiosa e seus efeitos na esfera privada:* um estudo comparativo dos carismáticos e pentecostais no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1994.

MACHADO, Maria L.; ARAUJO, Nayara S. Primeira infância e negritude: quando o racismo inicia seu impacto na vida da pessoa negra? *In*: CLP [*Site* institucional]. 02 mar. 2021. Disponível em: https://www.clp.org.br/primeira-infancia-e-negritude-quando-o-racismo-inicia-seu-impacto/. Acesso em: 18 out. 2022.

MANO, Maíra K. As mulheres desiludidas: de Simone de Beauvoir à "ideologia de gênero". *Revista Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 56, p. 1-13, 2019.

MARANHÃO, Eduardo M. A.; FRANCO, Clarissa. "Menino veste azul e menina, rosa": educação domiciliar e as ideologias de gênero e gênesis de Damares Alves, a "ministra terrivelmente cristã" dos Direitos Humanos. *Revista Brasileira de História das* Religiões, Rio de Janeiro, a. XII, n. 35. p. 297-337, 2019.

MELLO, Adriana G. S. M.; LIMA, Daniel B. A mulher e os desafios na conquista do pastorado: um estudo de caso em uma igreja evangélica Assembleia de Deus na cidade de Manaus. *Revista Coisas de Gênero*, São Leopoldo, v. 2, n. 1. p. 119-134, 2016.

MELO, Flávia V. C. B. *Ruah está soprando as flores*: mulheres e suas militâncias no fazer teológico feminista no Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

MIRANDA, Marcos A. *Violência de gênero e a dominação masculina em nome de Deus:* reflexões a partir da moralidade neopentecostal. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2018.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2017.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

NERY, Vanderlei E. Diretas Já: a busca pela democracia e seus limites. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 24, p. 70-77, 2010.

OLIVEIRA, Maxwell F. *Metodologia científica:* um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão: UFG, 2011.

OLIVEIRA, Taiane M. *Religião e direitos*: revenge porn pornografia de vingança, violência cibernética contra as mulheres. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2020.

OSORIO, Rafael G. O sistema classificatório de "cor ou raça" do IBGE. *In*: BERNARDINO, Joaze; GALDINO, Daniela (orgs.). *Levando a raça a sério*: ação afirmativa e universidade. Rio de janeiro: DP&A, 2004. p. 85-137.

PAHO [*Site* institucional]. [s.d]. Disponível em: https://www.paho.org/en. Acesso em: 21 out. 2022.

PALMEIRO, Cecília. Quarta onda do feminismo é tipicamente latino-americana, diz fundadora do Ni Una Menos. [Entrevista concedida a] Mariana Gonzalez. *Revista CULT*, São Paulo, [n.p.], 14 nov. 2017. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/quarta-onda-feminismo-latino-americana/. Acesso em: 19 ago. 2022.

PASSOS, João D.; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2013.

PEDRO, Joana M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista História*, São Paulo, v. 24, n. 1. p. 77-98, 2005.

PEDRO, Joana M.; BARLETTO, Marisa. Movimentos feministas e academia: tensões e alianças. *Revista Feminismos*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2019.

PEREIRA, Adriana S.; SHITSUKA, Dorlivete M.; PARREIRA, Fábio J.; SHITSUKA, Ricardo. *Metodologia da pesquisa científica*. Santa Maria: UFSM, 2018.

PINHEIRO, Luana S.; LIMA JUNIOR, Antonio T.; FONTOURA, Natália O.; SILVA, Rosane. *Nota Técnica n. 24 (Disoc):* Mulheres e trabalho - breve análise do período 2004-2014. Brasília, Ipea, 2016.

PINHEIRO, Luana S.; TOKARSKI Carolina; VASCONCELOS, Marcia. *Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil*. Rio de Janeiro: Ipea, 2020.

PINTO, Celi R. J. *Uma História do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRUDENTE, Eunice. Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. *In*: JORNAL DA USP. [*Site* institucional]. 31 jul. 2020. Disponível em: https://jornal.usp.br/ radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e- negra/. Acesso em: 18 ago. 2022.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo reino de Deus:* mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Rio deJaneiro: Record; Rosa dos Tempos, 1996.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

RIBEIRO, Djamila. *O que é*: lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROCHA, Abdruschin Schaeffer; ULRICH, Claudete Beise. A dessacralização da violência contra as mulheres no altar do patriarcado: reflexões a partir dos conceitos desejo mimético e bode expiatório em René Girard. *Revista Reflexus*, Vitória, a. XII, v. 12, n. 19. P. 15-36, 2018.

ROCHA, Abdurschin Schaeffer; ULRICH, Claudete Beise. A (Des)sacralização da violência contra as mulheres no altar do patriarcado: reflexões a partir dos conceitos desejo mimético e bode expiatório em René Girard – desafios para a educação teológica latino-americana. In: ULRICH, Claudete Beise; LELLIS, Nelson. *Religião e violência:* mulheres em foco. São Paulo: Recriar, 2020. p. 11-32.

ROCHA, Zeferino. A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 17, p. 761-774, 2014.

RODRIGUES, Maria E.; NASCIMENTO, Geraldo B.; NONATO Eunice M. N. A dominação masculina e a violência simbólica contra a mulher no discurso religioso. *Revista Identidade*, São Leopoldo, v. 20, n. 1, p. 78-97, 2015.

RODRIGUES FILHO, José S. Benefícios e riscos da reposição hormonal no distúrbio androgênico do envelhecimento masculino: uma revisão da literatura. *Revista Saúde.Com*, São Paulo, v. 10, n. 3. p. 299-306, 2014.

ROSSET, Luciano. A democracia ateniense: filha de sua história, filha de sua época. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 16, n. 64. p. 183-207, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth B. Feminismos e seus frutos no Brasil. *In*: SADER, Emir (org.). *Movimentos sociais na transição democrática.* São Paulo: Cortez, 1986. p. 99-113.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. *Revista Série Estudos e Ensaios*, Brasília, n. 10, p. 190-205, 2019.

SANTOS, Gilney C. R. D. O que é lugar de fala? *Revista Saúde em Debate*, São Paulo, v. 43, n. 8. p. 360-362, 2019.

SANTOS, Leandro G.; COSTA, Cristiane. Pílulas anticoncepcionais vs hipertrofia muscular. *Revista Anais da Jornada Científica dos Campos Gerais*, Ponta Grossa, v. 16, [n.p.], 2018.

SCHMITT, Lara S. *Sequestro de meninas e síndrome de estocolmo*: cativeiro, trauma e tradução. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

SCHMIDT, Beatriz; PALAZZI, Ambra; PICCININI, Cesar A. Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista REFACS*, Uberaba, v. 8, n. 4, p. 960-966, 2020.

SCHRAIBER, Lilia B.; D'OLIVEIRA, Ana Flávia Lucas Pires. Violência contra mulheres: interfaces com asaúde. *Revista Interface*, Botucatu, v. 3, n. 5. p. 11-26, 1999.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

SCHULTZ, Adilson; MUÑOZ, Alzira; ROESE, Anete. Teologia Feminista. *In*: COLLING, Ana M.;TEDESCHI, Losandro A. (orgs.). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: UFGD, 2015. p. 299-311.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre,v. 20, n. 2. p. 71-99, 1995.

SILVA, Joasey P. A.; CARMO, Valter M.; RAMOS, Giovana B. J. R. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. *Revista de Direitos Humanos em Perspectiva*, São Paulo, v. 7, n. 1. p. 101 – 122, 2021.

SILVA, Maria A. *Trajetórias de mulheres negras líderes de movimentos sociais de Araraquara-SP*: estratégias sociais na construção de modos de vida. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

SIQUEIRA, Carolina B.; BUSSINGUER, Elda C. A. As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. *Revista Thesis Juris–RTJ*, São Paulo, v. 9, n. 1. p. 145-166, 2020.

SOUSA, Fátima A. E. F. Dor: o quinto sinal vital. *Revista Latino-Americana De Enfermagem*, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 443-458, 2002.

SOUSA, Sandra D. *Gênero e religião no Brasil*: ensaios feministas. São Bernardo do Campo: UMESP, 2006.

TELES, Maria A. A. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ULRICH, Claudete Beise; DALFERTH, Heloisa G. *Mulheres no movimento da Reforma.* São Leopoldo: Sinodal, 2017.

ULRICH, Claudete Beise. Gênero como categoria de análise do fenômeno religioso: perspectivas teológicas feministas para superação das violências. *In*: BRAGA JUNIOR, Reginaldo P.; ROSA, Wanderley P. *Religião, violências e direitos humanos*. Vitória: Unida, 2019. p. 63-99.

ULRICH, Claudete Beise; LELLIS, Nelson. *Religião e violência:* mulheres em foco. São Paulo: Recriar, 2020.

ULRICH, Claudete Beise. Relações de Gênero. In: IECLB. *Relações de Gênero*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2013. p. 9-11.

ULRICH, Claudete Beise. Teologia feminista da libertação e queer: uma contribuição para as resistências às existências. In: PEDRO, Joana Maria; ZANDONá, Jair. *Feminismos e democracia*. 2. ed. (Ebook). Belo Horizonte: Fino Traço, 2019. p. 107-121. *[Online]*.

UOL. *Mario convenção da Assembleia de Deus declara apoio a Bolsonaro na eleição*. 24 abr. 2022. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/04/20/maior-convencao-da-assembleia-de-deus-declara-apoio-a-bolsonaro.htm. Acesso em: 09 ago. 2022.

USARSKI, Frank. *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

VILHENA, Valéria C. *Uma igreja sem voz:* análise de gênero da violência doméstica entre mulheresevangélicas. São Paulo: Fonte, 2001.

VILHENA, Valéria C. *Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891- 1940)*. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

VOVELLE, Michel. A Revolução Francesa e seu eco. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 3, n. 6. p. 25-45, 1989.

WAISELFISZ, Julio J. Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil. *In*: FLASCO BRASIL[*Site* institucional]. 9 nov. 2015. Disponível em: https://flacso.org.br/2015/11/09/mapa-da-violencia-2015-homicidio-de-mulheres-no-brasil/. Acesso em: 14 out. 2022.

ZIRBEL, Ilze. Ondas do feminismo: Blogs de ciência da Universidade Estadual de Campinas: *Revista Mulheres na Filosofia*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 10-31, 2021.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELA MEMBRESIA DA IGREJA PENTECOSTAL NA SERRA-ES

BLOCO 1

Questões: categoria de análise Dados Pessoais

1) A qual sexo você pertence (homem, mulher ou outro)?R):
2) Você se considera branco (a), pardo(a), negro(a), amarelo(a) ou indígena?R):
3) Qual a sua idade?R):
4) Qual a sua profissão?R):
5) Qual seu nível de escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior, Pós-graduação lato sensu, Mestrado, Doutorado)?

R):

6) Você é casado (a)? Se sim, há quanto tempo?R):
7) Você tem filhos? Se sim, quantos?R):
8) Há quanto tempo você faz parte da Igreja J?R):

BLOCO 2

Questões: categoria de análise Mobilidade Religiosa

1) Qual o principal motivo que o (a) levou à igreja J?
a) Buscar a solução para um problema familiar
b) Buscar a solução para um problema financeiro
c) Buscar a solução para um problema de saúde
d) Apenas pela experiência religiosa pentecostal
e) Outro
2) Você era membro de alguma igreja antes de entrar na Igreja J?
a) Não tinha outra religião
b) Frequentei uma igreja
c) Frequentei duas igrejas
d) Frequentei três igrejas
e) Frequentei mais que três igrejas

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

3) Na (s) outra(s) igreja(s) de que você era membro antes havia pastora(s) ou somente pastor(es)?

a) Não havia pastora (s), apenas pastores

b) Havia apenas pastora (s)

c) Havia pastora (s) e pastores

d) Havia pastores e apenas uma pastora, e ela tinha bastante autoridade na igreja

e) Havia pastores e apenas uma pastora, mas ela tinha menos autoridade que os pastores

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

BLOCO 3

Questões: categoria de análise Opinião Geral sobre o Pastorado Feminino

1) O que você acha biblicamente acerca do pastorado feminino?

a) Discordo totalmente

b) Discordo parcialmente

c) Concordo totalmente

d) Concordo parcialmente

e) Ainda tenho dúvidas sobre o tema

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

2) Você considera que qualquer mulher pode querer ser pastora ou deve haver um chamado divino?

a) Sim, as mulheres devem ter o direito de serem pastoras independentemente de chamado

b) Sim, as mulheres devem ter o direito de serem pastoras e devem lutar por esse direito para derrubar o patriarcado nas igrejas

c) Não, as mulheres só podem ser pastoras se houver um chamado divino

d) Não, as mulheres só podem ser pastoras se houver um chamado divino e não devem lutar contra igrejas que são contra o pastorado feminino

e) Não acredito em chamado para ser pastora e sim escolha pessoal

3) Se você é favorável ao pastorado feminino, você pensa que biblicamente uma pastora tem amesma autoridade que um pastor?

a) Acredito que sim, pois os tempos são outros, diferentes dos tempos da Bíblia

b) Acredito que sim, pois a mulher hoje em dia pode exercer todas as profissões, inclusive depastora

c) Acredito que não, pois só pode haver pastora numa igreja se houver pastor homem acima dela

d) Acredito que não, pois a mulher deve ser submissa ao marido, então não tem como uma mulher ser pastora/líder de seu marido

e) Ainda tenho dúvidas sobre o tema

4) Como você vê o fato de algumas igrejas não aceitarem pastoras?

a) Não concordo com essa proibição, mas respeito

b) Não concordo com essa proibição e creio que as mulheres de lá deveriam lutar contra isso

c) Concordo com essa proibição

d) Penso que essas igrejas estão ultrapassadas e deveriam rever esse ponto

e) Prefiro não opinar

5) Você seria membro de uma igreja que só tem pastora e não tem pastor?

a) Com certeza

b) De jeito nenhum

c) Talvez

d) Depende de quem for a pastora

e) Depende do motivo pelo qual não há pastor nessa igreja

6) Você acha que o meio evangélico é machista quanto à figura do pastorado feminino?

a) Sim, pois as pessoas não entendem que a mulher hoje é empoderada

b) Sim, pois as pessoas não entendem que, quando Paulo falou que a mulher deve ficar caladana congregação, ele estava se referindo só àquela época

c) Não, pois entendo que o pastorado feminino é uma exceção e não uma regra, então é natural que as pessoas demonstrem uma certa objeção

d) Não, pois igreja é diferente do mundo, e não é porque as mulheres podem ser o que quiserem fora da igreja que também o podem na igreja

e) Não tenho opinião formada sobre isso

BLOCO 4

Questões: categoria de análise Opinião sobre o Pastorado na Igreja J

1) Você acha que na sua igreja a Pastora S é tão respeitada como autoridade pastoral PELOS MEMBROS quanto o Pastor M?

a) Sim

b) Não

c) Na maior parte dos casos, sim

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

d) Na maior parte dos casos, não

e) Não tenho uma opinião formada sobre isso

2) Você acha que a Pastora S recebe espaço e autoridade suficiente do Pastor M ou deveria receber mais?

a) Sim

b) Não

c) Na maior parte dos casos, sim

d) Na maior parte dos casos, não

e) Não tenho opinião formada sobre isso

3) Você acredita que a Pastora S exerce bem seu ofício pastoral ou ela deveria se preparar mais?

a) Exerce bem

b) Exerce bem mas poderia se preparar mais

c) Exerce male deveria se preparar mais

d) Exerce mal e deveria abandonar o ofício pastoral

e) Não tenho opinião formada sobre isso

4) Se o Pastor M falecesse ou deixasse de ser pastor, e só ficasse a Pastora S à frente da igreja,você continuaria na Igreja J?

a) Continuaria sem dúvidas

b) Continuaria só para ver como ela se sairia sem ele

c) Não continuaria, pois acho que o Pastor M é indispensável

d) Não continuaria, pois creio que só pode haver pastora numa igreja se houver a figura de um pastor acima dela

e) Não tenho certeza sobre minha decisão numa situação dessa

BLOCO 5

Questões: categoria de análise (Des)respeito contra a Pastora S na Igreja J

1) Você já presenciou ou ouviu sobre alguma situação de desrespeito por parte de membros daIgreja J contra a pastora S pelo fato de ela ser pastora?

a) Nunca presenciei nem ouvi

b) Nunca presenciei mas já ouvi

c) Já presenciei e já ouvi

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

d) Já presenciei, já ouvi e fiquei indignado(a) com o caso

e) Já presenciei, já ouvi e creio que isso se dá porque ela não deveria ser pastora

2) Você já presenciou ou ouviu sobre alguma fala racista por parte de membros da Igreja J contra a pastora S?

a) Nunca presenciei nem ouvi

b) Nunca presenciei mas já ouvi

c) Já presenciei e já ouvi

d) Já presenciei, já ouvi e fiquei indignado(a) com o caso

e) Já presenciei, já ouvi mas nunca refleti sobre a situação

3) Você acha que o Pr. M. trata a Pastora S de forma respeitosa tanto como esposa quanto pastora?

a) Sim

b) Não

c) Na maioria das vezes, sim

d) Na maioria das vezes, não

e) Nunca analisei isso

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

BLOCO 6 (FINAL)

Questões: categoria de análise Feminismos, Teologia Feminista e o Tornar-se Mulher

1) Você acha que o feminismo foi e é importante para as mulheres?

a) Sim

b) Sim, mas foi desvirtuado e radicalizado com o tempo

c) Não, pois a Bíblia é patriarcal, e as mulheres devem se adequar a isso

d) Não, mas as mulheres devem sim ter o direito de votar e trabalhar

e) Não tenho uma opinião formada sobre isso

2) Você conhece a Teologia Feminista? Se sim, você acha que as igrejas de um modo geral devem dar mais espaço para essa Teologia?

a) Não conheço

b) Conheço, não acho tão ruim, mas penso que as igrejas não devem dar espaço para isso

c) Conheço, mas abomino totalmente essa Teologia

d) Conheço e acho importante que as igrejas deem mais espaço para isso

e) Conheço e gostaria que essa Teologia fosse debatida na minha própria igreja

3) Você acredita que se NASCE MULHER (sexo biológico é igual a gênero) ou que SE TORNA MULHER com o passar dos anos (sexo biológico é diferente de gênero)?

a) Nasce-se mulher e morre-se assim

b) Nasce-se mulher, morre-se assim e todo aquele que ir contra isso cometerá pecado e irá para o inferno

c) Nasce-se mulher (sexo biológico) mas se pode escolher outros gêneros (sexo biológico é diferente de gênero)

d) Nasce-se ser humano, e nosso sexo/gênero (sinônimos) é moldado pelo ambiente que nos cerca

e) Não tenho opinião formada sobre esse assunto

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELA PASTORA JOANA D'ARC DA IGREJA PENTECOSTAL DE SERRA-ES

BLOCO 1

Questões: categoria de análise Dados Pessoais

1) Qual a sua idade?R):
2) A senhora se considera branca, parda, negra, amarela ou indígena?R):
3) Desde que data a senhora é pastora?R):
4) A senhora tem outra profissão ou já exerceu outra profissão?R):
5) A senhora tem filhos/filhas? Se sim, quantos?R):
6) Há quanto tempo a senhora é casada com o Pastor X? Já foi casada antes?R):
7) Como a senhora entrou na igreja em que é pastora?R):

8 A senhora já foi membro de outra(s) igreja(s)? Se sim, quais?

BLOCO 2

Questões: categoria de análise pastorado feminino

1) O que levou a senhora a se tornar pastora?

a) Foi um chamado divino
b) Foi por vontade própria
c) Lutar contra o patriarcado
d) A insistência de alguém (parente, amigos etc.)
e) Simplesmente aconteceu

2) Você considera que qualquer mulher pode querer ser pastora ou deve haver um chamadodivino?

a) Sim, as mulheres devem ter o direito de serem pastoras independentemente de chamado
b) Sim, as mulheres devem ter o direito de serem pastoras e devem lutar por esse direito paraderrubar o patriarcado nas igrejas
c) Não, as mulheres só podem ser pastoras se houver um chamado divino
d) Não, as mulheres só podem ser pastoras se houver um chamado divino e não devem lutarcontra igrejas que são contra o pastorado feminino

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

Não acredito em chamado para ser pastora e sim escolha pessoal

3) Como você vê o fato de sua antiga igreja (Assembleia de Deus) não aceitar pastoras?

a) Não concordo com essa proibição, mas respeito

b) Não concordo com essa proibição e creio que as mulheres de lá deveriam lutar contra isso

c) Mesmo eu sendo pastora, concordo com essa proibição

d) Eu penso que a Igreja Assembleia de Deus está ultrapassada e deveria rever esse ponto

e) Prefiro não opinar pois não sou mais membro de lá

4) Você acha que o meio evangélico é machista quanto à figura do pastorado feminino?

a) Sim, pois as pessoas não entendem que a mulher hoje é empoderada

b) Sim, pois as pessoas não entendem que, quando Paulo falou que a mulher deve ficar caladana congregação, ele estava se referindo só àquela época

c) Não, pois entendo que o pastorado feminino é uma exceção e não uma regra, então énatural que as pessoas demonstrem uma certa objeção

d) Não, pois igreja é diferente do mundo, e não é porque as mulheres podem ser o quequiserem fora de igreja que também o podem na igreja

e) Não tenho opinião formada sobre isso

BLOCO 3

Questões: categoria de análise Feminismos, Teologia Feminista e o Tornar-se Mulher

1) Você acha que o feminismo foi e é importante para as mulheres?

a) Sim

b) Sim, mas foi desvirtuado e radicalizado com o tempo

c) Não, pois a Bíblia é patriarcal e as mulheres devem se adequar a isso

d) Não, mas as mulheres devem sim ter o direito de votar e trabalhar

e) Não tenho uma opinião formada sobre isso

2) Você conhece a Teologia Feminista? Se sim, a senhora acha que as igrejas de um modogeral devem dar mais espaço para essa Teologia?

a) Não conheço

b) Conheço, não acho tão ruim, mas acho que as igrejas não devem dar espaço para isso

c) Conheço, mas abomino totalmente essaTeologia

d) Conheço e acho importante que as igrejas deem mais espaço para isso

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

e) Conheço e pretendo adotar essa Teologia na minha própria igreja

3) Você acredita que se NASCE MULHER (sexo biológico é igual a gênero) Ou que SETORNA mulher com o passar dos anos (sexo biológico é diferente de gênero)?

a) Nasce-se mulher e morre-se assim

b) Nasce-se mulher, morre-se assim e todo aquele que ir contra isso cometerá pecado e irápara o inferno

c) Nasce-se mulher (sexo biológico) mas se pode escolher outros gêneros (sexo biológico édiferente de gênero)

d) Nasce-se ser humano, e nosso sexo/gênero (sinônimos) é moldado pelo ambiente que noscerca

d) Não tenho opinião formada sobre esse assunto

BLOCO 4

Questões: categoria de análise do Pastorado feminino na Igreja na qual a entrevistada épastora

1) Você acha que é tão respeitada como autoridade Pastoral PELOS MEMBROS quanto oPastor X é?

a) Sim

b) Não

c) Na maior parte dos casos, sim

d) Na maior parte dos casos, não

e) Não tenho uma opinião formada sobre isso

2) Se a resposta anterior for “não” por que a senhora acha que isso se dá?

a) Pelo fato de ser mulher

b) Pelo fato de ser negra

c) Pelo fato de ser mulher e negra

d) Pelo fato de ser uma pessoa séria enquanto ele é extrovertido

e) Não sei o porquê disso

3) Você acha que recebe espaço e autoridade suficiente do Pastor X para ser pastora?

a) Sim

b) Não

c) Na maior parte dos casos, sim

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

d) Na maior parte dos casos, não

e) Não tenho opinião formada sobre isso

4) Se o Pastor X falecesse ou deixasse de ser pastor, você continuaria a ser pastora na IgrejaJ?

a) Continuaria sem dúvidas

b) Continuaria só para ver se daria conta de tudo sozinha

c) Não continuaria, pois acho que o Pastor X é indispensável

d) Não continuaria, pois creio que só pode haver pastora numa igreja se houver a figura de um pastor acima dela

e) Não tenho certeza sobre minha decisão numa situação dessa

BLOCO 5

Questões: categoria de análise (Des)respeito contra a Pastora Y na Igreja J

1) Você já sofreu desrespeito por parte de membros da Igreja J ou ouviu por terceiros algumaafronta pelo fato de ser pastora?

a) Nunca sofri nem ouvi

b) Nunca sofri, mas já ouvi

c) Já sofri, mas nunca ouvi por terceiros

d) Já sofri, já ouvi, e isso me dói muito

e) Já sofri, já ouvi, mas creio que isso seja natural porque o ser humano é assim mesmo

2) Você já sofreu racismo por parte de membros da Igreja J ou já soube por terceiros sobrealguma fala racista vinda de algum membro da igreja?

a) Nunca presenciei nem ouvi

b) Nunca presenciei, mas já ouvi

c) Já presenciei e já ouvi

d) Já presenciei, já ouvi e fiquei indignado (a) com o caso

e) Já presenciei, já ouvi mas acredito que existam coisas mais importantes a se tratar

3) Você acha que se fosse branca seria mais respeitada como pastora pelos membros da IgrejaJ?

a) Sim

b) Sim, mas acho que isso não é relevante

c) Não

d) Não, pois o que importa é o carisma e a simpatia, não a cor de pele

e) Não tenho opinião formada sobre isso

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

4) Você acha que o Pastor X a trata de forma respeitosa e honrosa tanto como esposa quanto pastora?

a) Sim

b) Não

c) Na maioria das vezes, sim

d) Na maioria das vezes, não

e) Nunca analisei isso

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

ANEXO: CARTA OFÍCIO PARA PESQUISA DE CAMPO

Faculdade Unida de Vitória
Mestrado - Renovação de Reconhecimento
Portaria nº 516, de 13/06/2022 - DOU de 14/07/2022
Doutorado – Portaria de Reconhecimento
Portaria nº 516, de 13/07/2021 - DOU de 14/07/2021

Programa de Pós-Graduação Profissional em Ciências das Religiões

Vitória/ES, 23 de novembro de 2022.

O Coordenador do curso de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória, no uso de suas atribuições regimentais, vem por meio desta apresentar o(a) aluno(a) **Thiago Norbim Kley** portador(a) do CPF **111.443.677-19**, e regularmente matriculado(a) nesta Instituição de Ensino Superior, neste semestre, sob o número de matricula **3042821**, no curso de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões.

O(a) aluno(a) é orientando(a) do(a) Professor(a) Dr(a). Claudete Beise Ulrich e sua pesquisa tem como tema: "VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES: ESTUDO DE CASO DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E RELIGIOSA EM UMA IGREJA PENTECOSTAL NO MUNICÍPIO DE SERRA-ES". O trabalho se presta a fins acadêmicos.

David Mesquiati de Oliveira
Coordenador do curso de Mestrado
Profissional em Ciências das Religiões

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 22/06/2023.